

ANTONIO CARLOS PINHO SILVA

**EXPRESSÕES ESTRANGEIRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA E AVANÇOS
TECNOLÓGICOS: *Um estudo histórico-linguístico da seção Tem Mensagem Pra Você,
da Revista Info Exame***

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
São Paulo 2005**

ANTONIO CARLOS PINHO SILVA

**EXPRESSÕES ESTRANGEIRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA E AVANÇOS
TECNOLÓGICOS: *Um estudo histórico-linguístico da seção Tem Mensagem Pra Você,
da Revista Info Exame***

*Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como
exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE
em Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. Dr.
Jarbas Vargas Nascimento.*

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
São Paulo 2005**

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força maior, e por ter permitido que eu convivesse com Mestres tão sábios que contribuíram com meu crescimento.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro.

Ao Professor Doutor JARBAS VARGAS NASCIMENTO, orientador sempre presente, com sugestões valiosas e estímulo constante, pelo exemplo de sabedoria, equilíbrio e ponderação.

À Professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias e ao Professor Doutor Arival Dias Casimiro, pelas preciosas contribuições, quando do Exame de Qualificação.

A minha família, Osani, Lucélia e Paula, pela compreensão e o incentivo sempre presente e pelo amor que permeia e sustenta nossa relação.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP pelos importantes ensinamentos.

Aos amigos Adilson, Ana Lúcia, Monalisa e Marcelo com quem dividi muitos anseios e dificuldades, num sólido processo de amadurecimento acadêmico recíproco.

RESUMO

Esta Dissertação tem como tema o estudo de expressões estrangeiras na língua portuguesa decorrentes do processo de globalização. A língua portuguesa em uso no Brasil, em função de mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais ocasionadas pela globalização e pelo processo civilizador, tem ao longo das últimas décadas recebido constante influência de expressões estrangeiras.

Nesta pesquisa, visamos a examinar, por meio de um enfoque histórico-lingüístico, as expressões estrangeiras, de modo particular, anglicanismos, presentes na seção *Tem mensagem para Você* da Revista *Info Exame* e que são incorporadas lingüística, histórica e politicamente ao português em uso no Brasil. Para tanto, recorremos à Historiografia Lingüística, a fim de conseguirmos o respaldo teórico-metodológico que nos permitiu dar conta das adoções introduzidas em nossa língua.

Procuramos no percurso da pesquisa verificar o conjunto das escolhas conscientes efetuadas no domínio das relações entre língua e sociedade, e mais particularmente, entre língua e vida nacional, no intuito de aceitar a presença de estrangeirismo com uma questão de política lingüística. Diante disto, verificamos que a incorporação ao português de expressões estrangeiras decorre de fatores históricos e da realidade sociocultural, a partir das influências da globalização e do processo civilizador.

Por meio das análises efetuadas, pudemos considerar que a utilização de palavras e expressões estrangeiras se cristalizam na língua portuguesa do Brasil e que seu uso reflete a influência da globalização, principalmente, se considerarmos os avanços no campo da informática.

A base teórico-metodológica provou-se adequada, pois possibilitou-nos averiguar que a língua, ao passar por mudanças orientadas pelas dimensões a interna e a externa, incorpora, de forma natural, termos e expressões estrangeiras por influência da globalização. Por isso, o uso de estrangeirismos desencadeia inovações e adoções lingüísticas na língua, a partir da incontestável força da informática.

Por fim, constatamos que a interdisciplinaridade ocorrida entre a Historia e a Lingüística garantiu o alcance do objetivo geral de nossa pesquisa.

ABSTRACT

The purpose of this Dissertation is to study foreign phrases in the Portuguese language resulting from the globalization process. Due to economic, social, political, and cultural changes caused by globalization and the civilizing process, the Portuguese language used in Brazil has been continuously influenced by foreign phrases over the past decades.

In this research, we intend to examine, using a historical linguistic approach, foreign phrases, particularly English loanwords, found in the section *Tem mensagem para Você* (“You’ve got a Message”) of the *Info Exame* magazine, and linguistically, historically, and politically incorporated into Brazilian Portuguese. To this end, we resorted to Linguistic Historiography for theoretical/methodological support, which allowed us to realize the borrowings into our language.

In the course of the research, we tried to examine the set of conscious choices made in the domain of relations between language and society, and more particularly, between language and national life, in order to accept the presence of foreignisms as a matter of linguistic policy. Therefore, we found that the adoption of foreign phrases into Portuguese result from historical factors and the socio-cultural scene due to the influences of globalization and the civilizing process.

Based on our reviews, we were able to consider that the use of foreign words and phrases has crystallized in Brazilian Portuguese, and such usage reflects the influence of globalization, especially considering the information technology advances.

The theoretical/methodological basis appears adequate as it enabled us to verify that language, when undergoing changes induced by internal and external aspects, naturally borrows foreign terms and phrases under the influence of globalization. Thus, the use of foreignisms triggers linguistic innovations and adoptions in a language due to the undeniable force of information technology.

Finally, we verified that interdisciplinarity between History and Linguistics ensured the achievement of the overall goal of our research.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
------------------	---

CAPÍTULO I O MATERIAL DE ANÁLISE

1.1. Perspectivas históricas, globalização e expressões estrangeiras.....	5
1.2. A Revista <i>Info Exame</i> -trajetória histórica	6
1.3. O projeto gráfico	8
1.4. As seções da Revista	10
1.5. <i>Tem Mensagem Pra Você</i> : breve histórico	11
1.6. Perfil dos leitores da Revista <i>Info Exame</i>	12

CAPÍTULO II A LÍNGUA E SUA PERSPECTIVA HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA

2.1. A língua como prática social	17
2.2. Mudança, inovação e adoção lingüísticas	18
2.3. Historiografia Lingüística: princípios e procedimentos.....	22

CAPÍTULO III AVANÇOS TECNOLÓGICOS E CLIMA DE OPINIÃO: INFLUÊNCIAS ESTRANGEIRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

3.1. Avanços tecnológicos: a Revolução da Informática	25
3.2. O Brasil sob a égide das transformações: panorama social, econômico, político e cultural.	27
3.3. Processo Civilizador e Globalização: as mudanças histórico-sociais como elementos deflagradores das inovações.	31
3.4. A Revolução da Informática	35

3.5. A sociedade da informação: as origens da Internet	37
3.6. Inclusão e exclusão no mundo das novas tecnologias da informação.....	45
3.7. Concepções lingüísticas: breve histórico	49
3.7.1. Os estudos lingüísticos no Brasil: século XX	54
3.8. Estrangeirismos do ponto de vista histórico	56
3.9. Influências estrangeiras na língua portuguesa	58
3.9.1. A contribuição árabe à formação do vocabulário da língua portuguesa	59
3.9.2. Influências tupi no português	60
3.9.3. A política em defesa da unidade e a supremacia da língua do colonizador português	61
3.9.4. Influências africanas no português	63
3.9.5. A influência francesa no século XVIII.....	66
3.9.6. A influência anglicana no século XX	67

CAPÍTULO IV

A INOVAÇÃO LINGÜÍSTICA PRESENTE NA REVISTA *INFO EXAME*.

4.1. Expressões estrangeiras em língua portuguesa e seus conflitos: da inovação à adoção.....	70
4.2. O estrangeirismo e sua adoção	73
4.3. Estrangeirismos na Revista <i>Info Exame</i>	76
4.4. Princípios em análise: imanência	81
4.5. Princípio de adequação teórica	90
4.5.1 Inovação na seção <i>Tem Mensagem Pra Você</i> : influências externas	91
4.5.2 A variação semântica	95
4.5.3 A inovação lingüística	97
4.5.4 Palavras que apresentam duas formas para designar o mesmo objeto.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, em função de mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais ocasionadas pela globalização e pelo processo civilizador, tem recebido ao longo de sua história influências de palavras e expressões estrangeiras de modo especial, nas últimas décadas, oriundas do inglês.

Nossa pesquisa toma como tema, por meio de um enfoque histórico-lingüístico, o estudo de expressões estrangeiras, presentes na seção *Tem Mensagem Pra Você* da Revista *Info Exame*, que são incorporadas lingüística, histórica e politicamente ao português em uso no Brasil. Esta Revista vem se consolidando como uma das mais importantes publicações periódicas especializadas em informática do país. A informática, por ser um campo do conhecimento, marcadamente exposto aos efeitos da globalização, tende a padronizar condutas históricas, socioculturais e lingüísticas. Assim, a seção *Tem Mensagem Pra Você*, revela de forma marcante a influência do processo de globalização, evidenciado pela incorporação de criações lexicais oriundas da língua inglesa. Língua que vem se tornando universal, no campo das novas tecnologias, independentemente, das diversidades civilizatórias, culturais, religiosas, lingüísticas, históricas, filosóficas. O inglês tem sido adotado, como afirma Octavio Ianni (1999) *a vulgata da globalização*.

A Revista *Info Exame* é uma publicação mensal, da editora Abril, dedicada à informática, desde 1986. A amostra selecionada refere-se aos sete primeiros meses do ano de 2004. Por estudarmos a língua portuguesa em uso no Brasil em sua perspectiva histórica e sua relação com a inovação e adoção lingüísticas influenciadas por fatores externos à língua, essa pesquisa busca fundamentar-se no aparato teórico-metodológico da Historiografia Lingüística.

Por ser registro de uma época e de um espaço, o documento a ser analisado em nossa pesquisa, assume um caráter histórico-lingüístico aberto à compreensão da realidade, pois ele se mostra capaz de convalidar aspectos da história do homem e da sociedade em questão, ao fazer deles um retrato escrito, seja por sua forma, seu tipo ou sua função. Assim, a seção *Tem Mensagem Pra Você* pode e deve ser concebida como documento

histórico-cultural, depositário de práticas e representações sociais materializadas lingüisticamente.

Nesse sentido, essa Dissertação questiona até que ponto os textos que tratam de informática sofrem influências do processo civilizador e de que forma este processo interfere na língua, ao determinar inovações impostas por criações lexicais advindas de outros idiomas, portanto, de outras culturas. As inovações e continuidades na língua advêm tanto de fatores internos - da própria língua - quanto de fatores externos, de influência socioculturais, como apontam estudiosos da Historiografia Lingüística. Nesta perspectiva, examinar como as transformações na sociedade podem influenciar inovações na língua torna-se pertinente no campo da pesquisa historiográfica.

Dessa forma, recorreremos à Historiografia Lingüística (daqui para frente HL), a fim de conseguirmos o respaldo teórico-metodológico, que possa dar conta das inovações e adoções introduzidas no português em uso no Brasil. Verificamos que a incorporação ao português de expressões estrangeiras decorre de fatores históricos e da realidade sociocultural em meio às influências da globalização e do processo civilizador.

Assim, justifica-se no conjunto das escolhas conscientes efetuadas no domínio das relações entre língua e vida social, e mais particularmente, entre língua e vida nacional o direcionamento para uma questão que envolve política lingüística. Diante disto, esta pesquisa está inclinada a discutir a dinâmica da modernização e sua influência no português contemporâneo, resultante do inexorável processo civilizador e de sua consequência na vida social. Observamos a língua não apenas como um mero instrumento de comunicação, mas também com funções simbólicas fundamentais no seio de uma sociedade e como fator de unidade nacional.

Propomos, portanto, como objetivo geral, dessa pesquisa, examinar nos textos da seção *Tem Mensagem Pra Você* da Revista *Info Exame* como o uso de palavras e expressões estrangeiras se cristalizam na língua portuguesa em uso no Brasil e de que forma este uso reflete a influência dos processos civilizador e de globalização. E como objetivos específicos, pretendemos identificar, na amostra selecionada, de que forma as expressões estrangeiras manifestam inovações e adoções lingüísticas, e também, verificar, na seção selecionada, como ocorrem as mudanças lingüísticas de caráter semântico por influência da informática no português em uso no Brasil.

Procurando algumas das explicações para as mudanças das línguas, é preciso que se pense em dois pólos, pelos quais elas transitam, muito intimamente relacionadas, mas de naturezas visivelmente diferentes. De um lado, a língua como um *sistema para cumprir uma função, para corresponder a uma finalidade* e, de outro, a língua como realidade sociocultural, sujeita, portanto, às influências externas a ela.

Os direcionamentos teóricos partem dos postulados de Konrad Koerner (1996) que esclarece, ao falar do processo de análise de documentos, que o historiógrafo da lingüística deve mapear fatores externos à língua, a fim de evitar distorções no processo de interpretação. Para o autor, as idéias lingüísticas nunca se desenvolvem independentemente de correntes intelectuais e do clima de opinião do período. Assim, observa-se que o documento selecionado contém expressões lingüísticas de origem globalizadas resultantes de um processo civilizatório, em que se amplia a concepção de cultura e de nação, rompendo com o conceito tradicional de fronteiras, sejam elas lingüísticas ou geopolíticas. A pesquisa, neste sentido, ganha relevância, na medida em que, fundamentada na Historiografia Lingüística, permite relacionar a investigação de fatores histórico-culturais e de sua relação com as mudanças e inovações que ocorrem no português.

Nossa Dissertação está organizada em quatro capítulos, os quais desenvolvem-se da seguinte forma:

No primeiro capítulo, apresentamos o material de análise. Inicialmente, traçamos a trajetória histórica da Revista *Info Exame*, enfocando como ela vai se transformando no tempo, acompanhando as mudanças globalizadoras da informática, tornando-se uma referência no setor da informática. Em seguida, observamos como estão configuradas as seções da Revista, além de caracterizar o perfil dos leitores.

No segundo capítulo, abordamos a língua em suas perspectivas histórica e historiográfica. Apresentamos a Historiografia lingüística e suas implicações teórico-metodológicas, bem como, as concepções lingüísticas da atualidade e seus conflitos com os estrangeirismos em língua portuguesa.

No terceiro capítulo, operacionalizamos um dos princípios da pesquisa historiográfica propostos por Konrad Koerner (1995): a contextualização, que trata da forma como inserimos o documento selecionado no contexto sociocultural de sua produção.

Com base nesse princípio, fazemos um estudo lingüístico, político, social e cultural do clima de opinião que envolve a produção dos textos de nossa amostra.

No quarto capítulo, buscamos estabelecer um entendimento do documento tanto no que diz respeito a seus aspectos históricos quanto lingüísticos. Nesse sentido, procuramos levantar como se dá o processo de criação lexical na seção em análise e, verificamos, como isso se processa em inovação e adoção lingüística capaz de incorporar ao léxico da língua portuguesa expressões estrangeiras, sob influência da informática e da globalização.

Assim, nossa pesquisa quer não apenas explicar como as expressões estrangeiras se constituem como fato lingüístico globalizador, mas também descrever como essas se integraram ao português brasileiro, de modo a realizar um todo organizado, possível de exame nos textos da seção *Tem Mensagem Pra Você* no período correspondente aos sete primeiros meses de 2004.

CAPÍTULO I

O MATERIAL DE ANÁLISE

1.1. Perspectivas históricas, globalização e expressões estrangeiras

Este capítulo tem por objetivo apresentar o material de análise. Nesse sentido, procuramos, inicialmente, realizar um estudo da trajetória histórica da Revista *Info Exame*, verificando os processos que conduziram essa revista a se tornar uma das mais importantes publicações do país especializada em alta tecnologia. Em seguida, apresentamos um estudo das seções da Revista ao longo da história e, finalmente, o perfil dos leitores da *Info Exame*.

A língua portuguesa, em função de mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais, ocasionadas pelo processo civilizador, bem como, pela globalização, tem recebido ao longo de sua história influência de expressões estrangeiras.

Visando a examinar, por meio de um enfoque histórico-linguístico, esse processo, procuramos voltar nossa atenção às questões do campo das novas tecnologias, mais especificamente, direcionados ao mundo da informática, pois acreditamos ser esse o campo que mais colabora para a introdução de expressões estrangeiras na língua portuguesa no Brasil.

Nessa perspectiva, a seção *Tem Mensagem Pra Você*, por ser registro de uma época e de um espaço, assume um caráter histórico-linguístico aberto à compreensão de nossa realidade. Essa seção revela aspectos do homem e da sociedade brasileira. Ao fazer um retrato escrito, que manifesta pistas das mudanças no português em uso no do século XXI, podemos interpretar o documento e entender o homem da atualidade a partir do uso que esse faz da língua.

A Historiografia Lingüística, nessa direção, toma todo e qualquer texto escrito como um documento histórico-cultural, enquanto depositário de práticas e representações sociais materializados lingüisticamente. Nesta perspectiva, nosso material de análise se apresenta como um objeto histórico, revelador de seu tempo, passível de análise pela HL, por introduzir na língua portuguesa em uso no Brasil, inovações lingüísticas a partir da influência da informática.

Norbert Elias (1999), tratando do processo civilizador postula que na mesma medida em que a sociedade sofre mudanças, através do tempo, sejam elas culturais ou sociais, ela funciona como agente da mudança. Por isso, não podemos entender a língua senão como prática social, aberta à recepção de elementos de outras culturas, adaptando-os ao comportamento de seus usuários e à maneira como eles pensam sua realidade. Assim, a seção *Tem Mensagem Pra Você*, mostra-se um documento que torna possível a análise do processo de globalização, ao mesmo tempo em que materializa a influência desse processo na língua.

1.2. A Revista *Info Exame*: trajetória histórica

A Revista *Info- Exame* (daqui em diante IE) ao longo de sua história constituiu-se como a principal revista especializada em informática no Brasil. Publicada a dezenove anos, ainda como suplemento mensal da revista de negócios e economia *Exame*, ela foi acompanhando as mudanças do mundo e das tecnologias, ganhando espaço junto aos leitores e interessados no assunto.

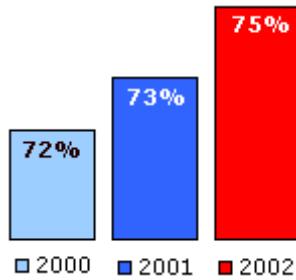
De 1986 até setembro de 1991, a revista *Exame*, manteve, sem nenhuma descontinuidade a publicação de *Exame Informática*. O conteúdo da Revista, ao longo do tempo, mudou muito, seguindo os passos ágeis da tecnologia, marcando a transição de uma época que deu início com os *Mainframes* e estende-se até a era da Internet sem fio. Nesse longo período, *IE* inovou, não só o conteúdo de suas páginas, como criou novas seções para tratarem das novidades do mercado das tecnologias de ponta. O nome da Revista, também passou por muitas transformações. A *IE* nasceu *Exame Informática*, ainda quando fazia parte da revista *Exame*.

Na edição de 18 de Setembro de 1991, *IE* publica na seção *Nesta Edição*, uma matéria com o título “A hora da maturidade”, que anunciava uma nova era da Revista. Ela começava a tornar-se independente. Com o anúncio de uma tiragem autônoma da *Exame*, para venda avulsa em bancas de alguns estados do país, *IE* começa sua reformulação. Em junho de 1993, é oficializado o rompimento entre as duas publicações. A partir daí, a *IE* passa a ser denominada *Informática Exame*, nome que permanece até dezembro de 1997, quando passa a chamar-se *Info Exame*.

A *IE*, desde sua concepção passou por inúmeras atualizações, que foram mais claramente percebidas a partir de abril de 1991. Tais atualizações visavam a acompanhar as mudanças no setor das tecnologias. Sendo uma revista, cujo direcionamento trata dos avanços tecnológicos, buscou tornar-se uma ferramenta para auxiliar seu leitor, por isso, tratou de acompanhar as inovações do mercado. O objetivo dessas mudanças na *IE* era oferecer ao leitor dados e análises que o ajudasse a situar-se no mundo digital.

Em 1992, outras mudanças eram anunciadas. Segundo a direção da Revista (*IE*, jan. de 1992: 04) *todas essas mudanças tornaram a IE indispensável ao leitor interessado em computação, desde especialistas em programação até neófitos dispostos a entrar em sintonia com o mundo dos computadores, ferramenta básica irreversível e insubstituível de uma nova era*. De acordo com Sandra Carvalho, diretora da redação da *IE*, *Info não é o tipo de revista que vira do avesso de um dia para outro. Mudamos aos poucos, e mudamos sempre. Como agir de outra forma no mundo da tecnologia que nunca é o mesmo 24 horas depois?*

IE pertence a um dos maiores conglomerados de comunicação da América Latina, o Grupo Abril, que tem 4,2 milhões de assinantes de revistas, 4500 funcionários e vendas anuais de 1,4 bilhões de reais. A Revista *IE*, publicação mensal da Editora Abril, é líder do mercado brasileiro de tecnologia desde seu início. A circulação média da Revista, em 2003, atingiu 158.990 exemplares vendidos. (fonte IVC). Em relação a outras publicações destinadas ao mesmo setor, *IE* detém mais de 50% do mercado. Os números abaixo medem o percentual do mercado editorial da informática, em relação às vendas da *IE* nos anos de 2000 a 2002:



Desde seu início, *IE* visa a antecipar tendências tecnológicas, testar hardware, software e serviços *high tech*. Configura-se, ainda, como missão da *IE*, apresentar soluções práticas de computação, Internet e telecom, bem como orientar a carreira de profissionais ligados à tecnologia da informação, além de atender à curiosidade de leigos interessados pela informática, principalmente, por ter uma linguagem de fácil compreensão. Por isso, ao revelar aspectos inovadores na língua portuguesa em uso no Brasil, essa publicação se mostra com um documento importantíssimo para a Historiografia Lingüística.

1.3. O projeto gráfico

Como vimos anteriormente, a *IE* passou por inúmeras atualizações. Isso não foi diferente no que concerne a seu projeto gráfico. Por volta de 1991, o projeto gráfico da Revista, ainda estava muito preso aos moldes da *EXAME*. A diagramação da *IE* lembrava mais o modelo característico das publicações de economia, com seu projeto visual sóbrio, do que o estilo arrojado, dinâmico e moderno das publicações desse campo. Sobre o projeto gráfico das revistas, Toshio Yamazaki (2002:53) indaga:

Quais são as regras que devemos seguir para elaborar um projeto visual de uma publicação? Ele tem que estar em sintonia com o projeto editorial da revista. Por exemplo, uma revista de economia pede um projeto visual claro, de fácil leitura. A informação é a tônica, nada de exageros gráficos. Porém [sic], precisamos saber qual é o posicionamento da revista neste meio: como ele interage com o mercado, qual é seu papel; ou seja: é uma revista investigativa? Informativa? Goza de grande prestígio no meio? Como ela se posiciona perante seus concorrentes? São informações fundamentais que irão ajudar na elaboração da identidade visual da revista.

A partir desse exemplo, percebemos que a relação de dependência da *IE*, em relação a *EXAME*, influenciou o projeto gráfico daquela em suas primeiras publicações. A *IE* de setembro de 1991, no entanto, já apresentava um novo visual gráfico que, segundo o editor chefe da Revista Antonio Machado de Barros, era *mais moderno e arejado*.

Um dos leitores da *IE* respondeu positivamente ao novo estilo da Revista, afirmando: *Nossa alegria foi ainda maior quando constatamos, no último número, um LAYOUT extremamente atraente*. O maior número de páginas também deixou os leitores entusiasmados: *foi uma grande surpresa encontrar Exame Informática com um maior número de páginas. A venda separada da revista-mãe demonstra a importância que o grupo Abril vem conferindo ao nosso segmento*. Percebemos que nos anos de 1991 a 1992, anos em que a *IE* torna-se independente, a informática começa a despertar o interesse cada vez maior do público interessado pelas novas tecnologias. Assim, torna-se necessário a publicação específica de uma revista que atendesse os interesses dos leitores desse setor.

Em janeiro de 1992, o logotipo da revista mudou. O novo estilo mostrava um traço mais moderno, despojado e claro, mais adequado ao setor das novas tecnologias. O processo contínuo de enriquecimento do projeto gráfico da *IE* foi marcado pela fase emancipacionista da Revista, aumentando o número de páginas e a sua circulação.

Novas reformulações do projeto gráfico da *IE* foram realizadas nos anos de 1994 e 1995. Os títulos das seções aparecem no topo das páginas. As transformações visuais trouxeram uma aparência melhor e mais moderna à Revista. Assim, foram apresentadas as novas mudanças visuais da Revista:

Vale mencionar, por último, o início da reforma gráfica de Informática Exame. As modificações, que serão completadas na próxima edição, não obedecem apenas a critérios estéticos. Elas objetivam, principalmente, dar aos leitores maior volume de informação por página e aprofundar a análise dos termos tratados pela revista.

O projeto gráfico da *IE* foi sofrendo inúmeras atualizações acompanhando o ritmo contínuo das mudanças tecnológicas. Atualmente, o projeto visual da Revista está cada vez mais próximo dos padrões dos sites da internet, o dinamismo do mundo da informática vem influenciando muito o projeto gráfico da Revista tornando mais fácil a visualização das informações e acompanhando as tendências do mercado.

1.4. As seções da Revista

Inicialmente, a *IE* era composta de poucas seções, que eram distribuídas da seguinte forma: *Reportagem de Capa*, *Banco de Idéias*, *Hard e Soft* e *Opinião*. Em 1991, *IE* passa por inúmeras reformulações, que resultaram na criação de novas seções, que foram distribuídas assim: *Nesta Edição*, *Reportagem de Capa*, *Aplicativos*, *Leitor On-Line*, *Internacional*, *Entrevista*, *Software*, *Lá Fora*, *Hard e Soft* e a seção *Opinião*.

A Revista, a partir de 1991, torna-se mais sólida, ganha mais espaço e isso ocasiona a ampliação das seções. Na edição de junho de 1993, foi criada a seção *Nas Empresas*, com o objetivo discutir problemas e apresentar soluções no âmbito da informática corporativa. A seção *Infolab* foi criada em setembro de 1997. Essa seção surgiu para exercer a função de laboratório de testes de novos equipamentos da informática. Todos os lançamentos importantes do universo digital passavam pelo crivo desta seção.

Em 2001, a Revista cria novas seções: Papo de Micreiro, a qual propunha apresentar as coisas mais interessantes que faziam parte de um computador; PC e CIA, a qual apresentava os novos produtos de tecnologia pessoal; e Info, seção que visava a explicar o “bê-á-bá da computação”.

Atualmente, a *IE* tem cinco grandes blocos: *ZAP*, *Tecnologia da Informação*, *Tecnologia Pessoal*, *Soluções* e *Info 2,0*. O primeiro grande bloco se subdivide em: *ZAP*, seção que apresenta as pessoas, tendências e empresas que se sobressaem no mundo da tecnologia; *Tech Dreams*, segmento responsável por apresentar os equipamentos de última geração; *Info 360*, trata da anatomia do Hardware; *Choque de Realidade*, seção que revela as novas promessas da tecnologia, constatando sua eficácia; *Data Info*, voltada às estatísticas do mundo digital, mostrando os números da tecnologia no Brasil e no mundo; *Bugs S.A.*, que testa programas de segurança de empresas e instituições bancárias, mostrando sua eficácia contra os ataques de *hackers*. Em *ZAP*, há, ainda, seções com colunistas brasileiros e estrangeiros, que trazem informações sobre as novas tendências do mercado da informática.

No bloco denominado *Tecnologia da Informação*, destinado aos profissionais da informática, temos as seguintes seções: *ZOOM*, a qual expõe as tecnologias que estão transformando o mundo dos negócios, na informática; *Tendências*, que informa como as grandes empresas usam a tecnologia da informação para solucionar seus problemas; *Small Business*, destinada a apresentar as melhores soluções para as pequenas empresas; *E-aplicativos*, objetiva testar os grandes produtos de uso profissional; *Info-estrutura*, que dá consultoria sobre sistemas operacionais, redes e bancos de dados para empresas.

Em *Tecnologia Pessoal*, são realizados testes de hardware, software e serviços para o usuário final. No bloco denominado *Soluções*, ensina-se o usuário a utilizar softwares e outros sistemas operacionais. Por fim, o bloco *Info 2,0* é composto das seguintes seções: *PC e CIA*, em que são indicadas as melhores opções de compra para *PCs*; *Papo de Micreiro*; *Hardware S.A*, seção que esclarece as melhores opções de hardware para as empresas e *Radar Info*, seção que apresenta os últimos lançamentos da informática à venda no mercado.

Verificamos, que ao longo de sua trajetória histórica, a *IE* foi gradativamente ampliando seu espaço. Da mesma forma, muitas seções foram criadas e outras, naturalmente, foram substituídas. O marco principal das transformações ocorridas em *IE* tiveram como ponto de partida o ano de 1991. Esse ano é importante para percebemos o quanto a evolução da Revista está associada ao seu processo de emancipação da *EXAME*, fato que está associado, também, ao grande interesse do público, a partir da expansão dos computadores pessoais, por publicações voltadas ao campo da informática. A seção que se constitui como amostra de nossa pesquisa, será alvo do item a seguir, dada à sua relevância para os propósitos deste trabalho.

1.5. *Tem Mensagem Pra Você*: breve histórico

A seção *Tem Mensagem Pra Você*, é direcionada a apresentar os artigos que serão discutidos na *IE*. Observamos, que essa seção, em determinados momentos, tem função, também, de expressar o pensamento da Revista. Por ser o artigo principal deste periódico e apresentar tais características, essa seção exerce função de editorial.

Verificamos que esta seção, na história da *IE*, passou por algumas fases de atualizações, as quais, em seu formato de editorial, recebeu nomes diferentes, acompanhando as transformações ocorridas na própria estrutura da Revista. Até 1989, essa seção estava, de certa forma, inserida no segmento denominada *Reportagem de Capa*. No ano de 1991, essa seção passa a ser chamada de *Nesta Edição*, com formato igual ao atual.

Em janeiro de 1992, as inovações da Revista continuaram a influenciar essa seção. Assim, ela passa a chamar-se *Carta do Editor*. No entanto, o *status* de seção, propriamente dito, somente é formalizado em junho de 1994, quando, no índice, ela aparece como item permanente.

Até abril de 1997, a seção *Carta do Editor* não era assinada, Sandra Carvalho, até então diretora de redação, começa a assiná-la em Maio de 1997. Percebemos, que a linguagem da então *Carta do Editor*, a partir daí, fica mais descontraída, aproximando o leitor à Revista. Contudo, o nome ainda estava muito ligado a revista *EXAME*.

Isso ficou inalterado até abril de 2001, quando a seção *Carta do Editor*, passa a ser chamada de *Tem Mensagem Pra Você*. Observamos, que essa seção está mais próxima ao formato das páginas da Internet, aproximando, assim, esse novo leitor da Revista, acostumado a informações objetivas, rápidas e descomplicadas. O novo público leitor da Revista exigia atualizações que a tornassem mais dinâmica, em consonância com a virtualidade da internet.

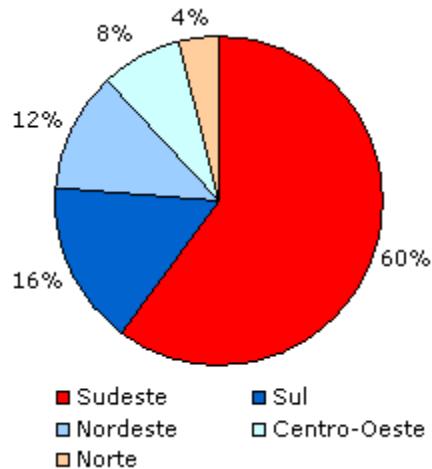
Por incorporar expressões de um mundo cada vez mais global, catalizando termos de um setor exposto a fatores sócio-econômicos e político-culturais, os textos da seção *Tem Mensagem Pra Você*, interessam ao escopo teórico-metodológico da Historiografia Lingüística.

1.6. Perfil dos leitores da Revista *Info Exame*

À medida que a informática ganha destaque na sociedade brasileira, tornando-se uma área fundamental dos negócios, da educação e, principalmente, da informação, a *IE* segmenta suas informações de acordo com o público alvo: alguns blocos são destinados aos leigos em informática, outros a profissionais do setor, há, ainda, os destinados a iniciantes. Diante do eclético público de *IE*, é que essa pesquisa ganha relevância, pois a linguagem

disseminada nas suas páginas, com suas inovações lingüísticas, chegam a vários setores da sociedade, sendo empregadas e difundidas. Algumas dessas inovações do mundo digital, materializadas lingüisticamente nas páginas da *IE*, são incorporadas à língua portuguesa em uso no Brasil, transformando-se em mudanças lingüísticas marcadas pelas transformações na sociedade, decorrentes do processo civilizador.

Segundo dados da Revista os leitores da *IE* no Brasil chegam a 723.417. Assim, constatamos que a distribuição regional da Revista apresenta-se da seguinte forma:



Fonte: Marplan 2004

O perfil básico de seus leitores estão assim distribuídos:

- 77% pertencem às classes A e B
- 74% são homens
- 74% têm entre 20 e 49 anos
- 61% têm nível superior e/ou pós-graduação

Fonte: Marplan consolidado 2004

Sendo que:

- 87% são internautas
- 30% são executivos
- 8% são empresários
- 8% são estudantes

Fonte: Research International/2004

Quanto ao hábito de leitura eles se apresentam da seguinte forma:

9 em cada 10 leitores lêem todas ou quase todas as edições
 89% lêem INFO em casa
 64% começam a ler a revista assim que recebem ou compram
 A média de leitura da INFO é de 5 dias
 A INFO é lida em média em 2h15
 91% lêem toda a revista
 73% guardam todas as edições da revista por 18 meses em média

Fonte: Research International/2004

Na opinião dos leitores sobre a IE estabelece-se assim:

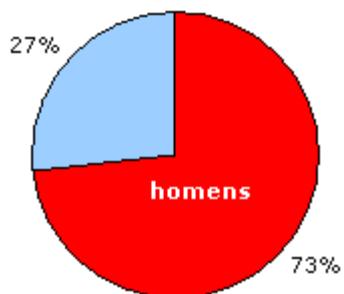
71% dos leitores consideram INFO mais confiável que jornal, TV ou Internet
 86% consideram que a revista informa de modo agradável
 82% pensam que a revista dá assunto
 75% acham que INFO favorece a pesquisa
 53% acreditam que a revista estimula a criatividade

Fonte: Research International/2004

Quanto os leitores e os anúncios:

73% dos leitores prestam atenção nos anúncios da revista
 55% já dos leitores já fez compras por causa dos anúncios da revista
 63% acham que os anúncios de INFO complementam a informação

A distribuição dos leitores quanto ao sexo:



A idade média dos leitores da IE são assim estabelecidos:

4% têm até 18 anos	8% têm de 19 a 21
21% têm de 22 a 26	17% têm de 27 a 31
11% têm de 32 a 35	12% têm de 36 a 40
16% têm de 41 a 50	8% têm de 51 a 60
3% têm acima de 60	

Os principais estados dos assinantes da IE:

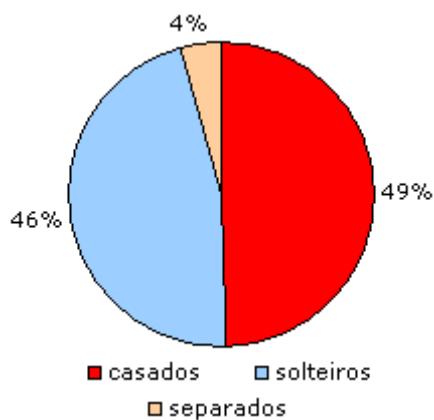
SP – 36%	RJ – 11%
MG – 8%	RS – 7%
PR – 6%	SC – 4%
BA – 4%	DF – 4%

Quanto aos aspectos sociais dos leitores da IE:

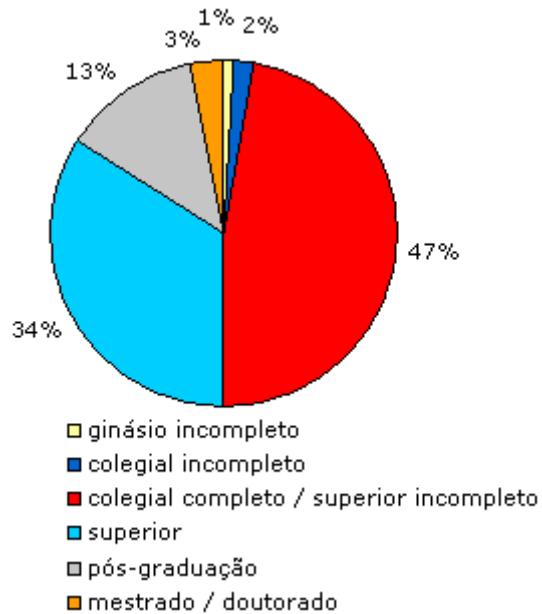
A – 27%	B – 54%
C – 15%	D – 5%

Fonte: Assinaturas da Abril (2003)

Estado civil dos leitores:



Escolaridade:



Estas informações nos remetem à questão das mudanças lingüísticas, conforme esclarece Carlos Alberto Faraco (1998:13), quando afirma:

O estudo científico da história das línguas tem mostrado que a implantação das inovações é feita primordialmente pelas gerações mais jovens e pelos grupos socieconómicos ditos intermediários, classificação que costuma abranger, quando se trata de populações urbanas em sociedades industrializadas, a classe média baixa e o topo da classe operária. Assim, em situações de mudança, os elementos lingüísticos inovadores ocorrem com frequência menor na fala das gerações mais velhas e dos grupos socioeconómicos mais privilegiados do que na fala das gerações mais novas e dos grupos socieconómicos intermediários.

Ao analisarmos o público leitor de *IE*, percebemos que a abrangência das características levantadas por C. A. Faraco estão em convergência. Assim, podemos sinalizar para o fato de que os leitores da *IE*, têm a condição lingüística de manifestar a inovação na língua.

CAPÍTULO II

A LÍNGUA E SUA PERSPECTIVA HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA

2.1. A língua como prática social

A influência que o meio social têm sobre os seres humanos, transformando-os seres biológicos em seres essencialmente sociais é alvo de estudos de lingüistas há muito tempo. Eugênio Coseriu (1979), já havia observado que a língua não existe senão no falar dos indivíduos. Na mesma direção, Ferdinand de Saussure considerava que a língua não estava completa em nenhum indivíduo, isoladamente, e só na massa ela existia de modo completo. Por isso, ela é, de acordo com F. de Saussure, ao mesmo tempo, realidade psíquica e instituição social. Ainda de acordo com o mestre genebrino, a língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Ao interagir com a sociedade, o ser humano fala de acordo com o grupo social a que pertence e, desta maneira, a língua atua como mediadora entre o ser que fala e o seu objeto de conhecimento. A língua, nessa perspectiva é um fato social fundada na necessidade de comunicação.

A Historiografia Lingüística, ciência que fundamenta nossa pesquisa, preocupa-se, entre outras coisas, com as mudanças e regularidades que ocorrem na língua a partir de fatores históricos e da realidade sociocultural. Assim, é necessário que consideremos a língua não como um sistema fechado em si mesmo, como defendia o Estruturalismo, mas como uma prática, em meio a fatores sócio-histórico-culturais.

Segundo Jarbas Vargas Nascimento (2002: 10):

Como possibilidade de intervenção na passado por meio da historicidade, a HL concebe a língua como prática social e imprime um caráter

histórico ao documento, que mostra a origem, a formação e o desenvolvimento da sociedade em suas relações histórico-culturais.

A língua não é apenas um instrumento ou meio de comunicação. Ela se manifesta como uma prática social, em sentido estrito, visto que o termo “social” se refere, em essência, ao homem. Todavia, a língua não é simplesmente um fato social entre outros ou como outros, ela é o próprio fundamento de tudo o que é social, já que o homem se define em relação a outros homens, isto é, no estabelecimento de relações em um mundo de relações. Além disso, a aceitação da língua como prática social faz com que o historiógrafo da lingüística abandone a simples observação dos fatos lingüísticos e assuma uma metodologia específica para o tratamento desse objeto.

Enquanto prática social, portanto, dinâmica, a língua se constitui para cumprir uma função própria do ser humano e, como consequência, deve corresponder às expectativas do homem e atender às suas necessidades nas relações sociais, tornando-se, por conta disso, um produto histórico em atividade. Nessa perspectiva, a língua não coincide com o sistema para se adequar ao tempo cultural, social e histórico. As transformações decorrentes das interações com a exterioridade não significam uma degeneração, como postulavam alguns estudiosos do século XIX, entre eles o alemão August Schleicher, nem progresso ou aperfeiçoamento, como defendia já no final daquele século Otto Jaspersen. As línguas mudam, porque têm história, constituem uma realidade em constante transformação no tempo, conforme afirma E. Coseriu.

2.2. Mudança, inovação e adoção lingüísticas

As mudanças lingüísticas são percebidas tanto por meio de estudos lingüísticos, quanto por meio de estudos históricos, pois essas mudanças ocorrem em um período de tempo e envolvem aspectos internos e externos à língua. Aparentemente simples, a questão das mudanças lingüísticas relaciona-se a várias outras questões que trataremos neste tópico.

O modo de existência da realidade lingüística é a mudança lingüística e isto significa que a língua não existe sem mudar. A partir daí, dizemos que determinada língua, como o latim, por exemplo, é uma língua morta, ou seja, é uma língua isolada de seu contexto

lingüístico e real, portanto, é um sistema que não muda mais. Sobre essa questão J. V. Nascimento (op. cit.:6) afirma:

Embora se encontre em Ferdinand de Saussure explicação para aqueles que postulam uma concepção estática de língua – a língua é em si mesma um sistema imutável, pode-se observar que, nesta perspectiva, a língua que não muda não é a mesma exposta aos fatores sócio-histórico-culturais, ou seja, aquela constituída pela historicidade e concretizada pela prática social. Dessa maneira, o que observamos é que a língua que não muda é a língua abstrata, ou seja, aquela que compõe uma gramática ou um dicionário. A língua que muda é a língua real, não isolada dos fatores externos, aquela que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos usuários, isto é, aquela que se realiza no uso.

Dizemos ainda que a mudança lingüística é a realidade com a qual os usuários convivem, mesmo que não percebam. O usuário comum tem a sensação de falar sempre a mesma língua, pois está envolvido em uma realidade lingüística. Além disso, a linguagem não é algo feito de uma vez, mas algo que se faz em um contínuo. Como afirma J. V. Nascimento (op. cit.:10):

A língua, como objeto sócio-histórico, é abordada pela Historiografia Lingüística como processo e produto sociais, isto é, no mesmo instante em que influencia, ela caracteriza a sociedade, em um continuum perene de mudanças/regularidades.

Atualmente, porém, as mudanças lingüísticas são, de certo modo, mais facilmente percebidas pelos usuários. Com o avanço tecnológico dos meios de comunicação e o acesso facilitado à informação, os indivíduos entram em contato mais direto com as diversas possibilidades de usos lingüísticos que são resultantes de regularidades ou de mudanças na língua, em face às transformações socioculturais, as quais acabam configurando-se como mudança, em um período de tempo menor. Por isso, torna-se mais fácil para o usuário entender a língua como uma prática sociocultural.

Quando consideramos as mudanças lingüísticas, pensamos nas mudanças sociais, políticas e culturais no tempo. Não podemos ignorar que a língua seja um fenômeno puramente histórico. Qualquer mudança lingüística se dá em um tempo marcado por

aspectos históricos e sociais. Por isso entendemos, segundo afirma Carlos Alberto Faraco (1991: 17), que:

A mudança lingüística está envolvida por um complexo jogo de valores sociais que podem bloquear, retardar ou acelerar sua expansão de uma para outra variedade da língua

A ordem de desenvolvimento das mudanças lingüísticas se dá do histórico para o lingüístico. Entende-se, então, que as relações sociais mudam por causa das infraestruturas. A comunicação e a interação verbais transformam-se na representação das relações sociais, as formas dos atos de fala mudam como resultado da interação verbal e, o processo de mudança é visto nas alterações das formas lingüísticas.

Assim, para uma compreensão maior dos fenômenos de mudança lingüística, é necessário perceber sua relação com as mudanças históricas, sociais e culturais. De outra maneira, dizemos que a mudança lingüística, como afirma E. Coseriu (1979: 19), *não pode ser isolada dos ‘fatores externos’, ou seja, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos usuários da língua*. Entendemos como externos a língua, os fatores sociais, culturais, políticos e econômicos aos quais a língua está exposta e cuja mudança está relacionada.

A mudança lingüística tem a sua origem no diálogo: na passagem de modos lingüísticos do falar de um interlocutor ao saber do outro. Tudo o que é falado pelo usuário – enquanto modo lingüístico – se afasta dos modelos existentes na língua pela qual se estabelece o colóquio se pode chamar inovação. A aceitação de uma inovação, por parte do ouvinte, como modelo para constituir expressões subsequentes, chamamos de adoção

A inovação lingüística, conforme E. Coseriu (op. cit.: 69), pode ser:

a) alterações de um modelo tradicional; b) seleção entre variantes e modelos isofuncionais existentes na língua; c) criação sistemática (‘invenção’ de formas de acordo com as possibilidades do sistema; d) empréstimos de outra língua (que pode ser total ou parcial e, em relação a seu modelo, pode implicar também ‘alteração’); e) economia funcional (negligência de distinções supérfluas no discurso).

Outros tipos podem ser estabelecidos e compreendidos como inovação. A tipologia da inovação interessa na investigação dos modos em que o falar supera a língua constituída, mas não é essencial em relação ao problema da mudança lingüística, porque a inovação não se caracteriza como mudança. A mudança lingüística é a difusão ou generalização de uma inovação, ou seja, necessariamente, uma série de adoções sucessivas. Em última análise, toda mudança é originalmente uma adoção.

Assim, a adoção é um ato essencialmente distinto da inovação. A inovação, enquanto determinada pelas circunstâncias e finalidades do ato lingüístico, é um “fato de fala” no sentido mais estrito desse termo: pertence à utilização da língua. A adoção, em contrapartida, sendo aquisição de uma forma nova, de uma variante, de um modo de selecionar, em vista de atos futuros, é constituído de um fato de língua, transformação de uma experiência em saber: pertence ao aprendizado da língua, ao seu refazimento por meio da atividade lingüística. A inovação é superação da língua: a adoção é a adequação da língua como (saber lingüístico) à sua própria superação. Tanto a inovação quanto a adoção estão condicionadas pela língua, mas em sentido inverso. Ademais, a inovação pode até ter causas físicas (como desvio da liberdade devido à necessidade física), enquanto que a adoção – no que se refere à aquisição, modificação ou substituição de um modelo lingüístico, de uma possibilidade de expressão – é um ato exclusivamente mental e, por conseguinte, pode apenas ter determinações finais: culturais, estéticas ou funcionais.

Assim, partindo do pressuposto de que a inovação se dá por meio do usuário, seria pouco provável que esse aceitasse tal inovação, se ela se apresentasse como afuncional ou como incorreta. O termo incorreto, aqui usado, remete-se a toda inovação que, sendo alheia ao sistema ou contrário à norma, não se justifique funcionalmente.

Neste sentido, pode-se dizer que quando uma inovação se transforma em uma adoção, essa corresponde sempre a uma necessidade expressiva. Por isso, a inovação, por meio do empréstimo lingüístico, quando não apresenta uma funcionalidade para o usuário, torna-se desnecessária ao sistema. Logo, dificilmente ela será adotada pela língua. Dessa forma, por mais que sejam abundantes as expressões estrangeiras, em nossa língua, em virtude de fatores socioculturais, apenas os que atenderem às necessidades funcionais serão adotados. Conforme Barbosa Lima Sobrinho (2000: 126-127):

Raros são os termos que sobram da inundação de estrangeirismos. É como a redução normal de um rio, depois das cheias, tudo volta ao leito anterior, com um ou outro elemento a recordar às tormentas vencidas ou passadas.

2.3. Historiografia Lingüística: princípios e procedimentos

O nascimento da Historiografia Lingüística como ciência, de acordo com K. Koerner (1995), data da década de 1970. Para o autor, Historiografia Lingüística é uma denominação que resulta da interação entre a Lingüística e a História, abordando questões em que o saber lingüístico esteja inserido em um determinado período ou em fases de mudança determinadas por fatores socioculturais.

Acompanhando os estudos realizados por K. Koerner pode-se conceber a H.L. como o modo de escrever a história dos estudos da lingüística, baseado em princípios, visando a descrever os fatos mais importantes do passado da língua, bem como explicar as razões das mudanças nela impressas. Sua finalidade é, por conseguinte, o estudo das transformações lingüísticas, como também, sua transitoriedade de um para outro fenômeno histórico. Queremos dizer com isso que um estudo nessa perspectiva deve ser orientado para a reconstrução histórica do passado. Reconstruir os fatos da língua é reconstruir os fatos da história das sociedades, dos homens que a praticam, cujo foco deve ser mais amplo, de modo a contemplar o ritmo lento, mas contínuo das mudanças pelas quais passam as línguas no eixo do tempo.

O objeto de estudo da HL é a língua, representada, historicamente pelo documento, cujo teor histórico, segundo Jacques Le Goff (1993), eleva-se à categoria de monumento, no sentido de que se constitui como lugar da memória, isto é, espaço em que a lembrança social é perpetuada.

Nesse sentido, percebemos que a seção *Tem Mensagem Pra Você*, representa um registro de uma época e de um espaço e marca, juntamente com outros textos de informática na atualidade, a influência que os processos civilizador e de globalização exercem na língua portuguesa em uso no Brasil.

A língua, na perspectiva que adotamos, é concebida como prática social e imprime um caráter histórico ao documento. Além disso, como objeto sócio-histórico é trabalhada

pela HL como produto influenciado pela sociedade, ao mesmo tempo em que a influencia e a caracteriza.

Segundo K. Koerner, não há como trabalhar determinada questão atinente à HL sem a devida atenção à metalinguagem, entendida como o mecanismo pelo qual a linguagem é empregada para descrever idéias do passado sobre a língua. A metalinguagem é então, um elo que permite a distinção, ao mesmo tempo em que aproxima realizações lingüísticas distantes, diferenciadas, mas passíveis de serem descritas, estudadas, compreendidas e explicadas em um nível atual de representação.

Objetivando evitar distorções de fases anteriores ao desenvolvimento do pensamento lingüístico e dar um tratamento adequado à metalinguagem, K. Koerner sugere três princípios, que vão além da metalinguagem, para melhor interpretar um documento e garantir uma atitude científica à pesquisa historiográfica: São esse os princípios:

-> Princípio de contextualização: consiste em estabelecer o clima de opinião geral do período em que teorias foram desenvolvidas, ou seja, mapear o panorama social, econômico, político e cultural da época em que o documento foi escrito, para inseri-lo no contexto das concepções históricas e lingüísticas do período investigado. Tal abordagem visa a esclarecer que as idéias lingüísticas nunca se desenvolvem independentemente de outras correntes intelectuais do período.

> Princípio da imanência: consiste em estabelecer um entendimento completo, tanto histórico quanto crítico ou mesmo filológico do documento em questão, ou seja, explicitar os conceitos vigentes no período de produção do texto selecionado. Para atender a essa orientação, o historiógrafo da lingüística deve se afastar de sua formação e de seus compromissos lingüísticos, para que não haja interferência de teorias e terminologias da lingüística atual em sua investigação.

> Princípio de adequação teórica: consiste em introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e conceptual de trabalho que permita uma apreciação de um determinado conceito ou teoria. Somente aqui, e após operacionalizar os dois princípios antecedentes, é que o historiógrafo da

lingüística pode interpretar de seu ponto de vista todas as questões por ele levantadas.

Com base nesses princípios, propomo-nos a investigar o uso de expressões estrangeiras presentes na seção *Tem Mensagem Pra Você* de forma a evidenciar essa seção da Revista *Info Exame* como um documento revelador de seu tempo. Esse enfoque histórico-linguístico dado a esta pesquisa, dá conta de conduzir uma investigação que trata as expressões estrangeiras como elemento da globalização. A partir de uma análise direcionada à HL entendemos que as inovações lingüísticas, advindas da informática, veiculadas na seção *Tem Mensagem Pra Você*, decorrem de fatores históricos e da realidade sociocultural da atualidade.

CAPÍTULO III

AVANÇOS TECNOLÓGICOS E CLIMA DE OPINIÃO: INFLUÊNCIAS ESTRANGEIRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

3.1. Avanços tecnológicos: a Revolução da Informática

Para compreendermos o clima de opinião que envolve o final do século XX, período em que surge a informática como um veículo de comunicação de massa e o início do século XXI, é necessário que se faça um levantamento das mudanças tecnológicas que acarretaram transformações sociais, lingüísticas e em outros campos de ação da vida humana.

Devido aos avanços tecnológicos, o mundo já não pode ser visto como antes. O tempo move-se *on line* por todas as partes do mundo. No globo terrestre, já não existem distâncias inalcançáveis; o mundo está a um clique. Algo tão fascinante que está mudando a história da civilização humana. Segundo Gilberto Abreu (2003:12):

O virtual invade o real e às vezes o substitui. As concepções tradicionais sobre o espaço e o tempo foram, completamente, alteradas. Ou melhor dizendo, as transfigurações advindas do maior poder de deslocamento das pessoas e das mensagens, pelas revoluções ocorridas nos sistemas de transportes e das comunicações, fizeram com que se alterassem os focos de análises costumeiros. A concepção de linearidade do tempo colocou a questão espacial em uma situação subordinada.

Na atualidade conhecemos vertiginosa mudança científica e tecnológica nas mais diversas áreas do conhecimento humano. Nos últimos cem anos, 80% dos instrumentos tecnológicos que conhecemos, e que usamos em nosso cotidiano, foram criados: do automóvel a bio-informática; da televisão às naves não tripuladas, que exploram o universo monitoradas da terra; da telefonia móvel ao computador; da Bomba Atômica à Internet.

A tecnologia eliminou distâncias geográficas e sociais com o auxílio de computadores em rede, satélites e tantas outras inovações que permitem hoje, mais do que nunca, que pessoas, idéias e produtos atravessem tempo e espaço de forma mais segura e mais rápida.

A este respeito Octávio Ianni (1999:16) afirma:

Em pouco tempo, as províncias, nações e regiões, bem como culturas e civilizações, são atravessadas e articuladas pelos sistemas de informação, comunicação e fabulação agilizados pela eletrônica.

Em vista da instantaneidade dos novos meios de comunicação, imagens e sons são levados às partes mais remotas do globo, atravessando fronteiras, sempre *on line, everywhere, worldwide, all time*. Diante disso, percebemos que não só a sociedade sofre essas influências. Por meio desses avanços tecnológicos, mais especificamente, gerados pelos avanços comunicacionais da informática, a língua, de uma forma geral, acaba incorporando elementos desse mundo tecnológico em tempo real. Nas últimas décadas, pudemos constatar que a informática vem incorporando diversas palavras e expressões estrangeiras na língua portuguesa em uso no Brasil, de forma geral da língua inglesa, resultante do processo globalizador. No entanto, como veremos neste capítulo, a língua portuguesa, ao longo de sua história, influenciou e foi influenciada por outras culturas e outras línguas.

Constatamos que o globo terrestre já não é uma figura astronômica, e sim histórica. Tanto no que concerne à sociedade, quanto no que diz respeito à questão lingüística. A partir do modelo de globalização surge um mundo novo, interligado pela tecnologia. A globalização vem ditar um novo modo de ser e agir, eliminando as distâncias. A informática, por meio da Internet, nos dá a idéia de que o mundo já não é tão grande e vasto, e não se conhecem países distantes. O globo é denso e pequeno graças à conexão telecomunicativa dos internautas. Mas, ao mesmo tempo em que aproxima culturas e sociedades os avanços tecnológicos da informática segregam, separam, excluem. À margem dos avanços tecnológicos, orientados pela informática, temos uma grande massa de info-excluídos. Nesse sentido, o futuro da informática não é só comercial ou técnico. É também lingüístico e social, e esta relação entre o que é histórico-social, nas transformações do mundo, com o que é lingüístico, voltado à informática, mostra-se de interesse para uma pesquisa de bases lingüístico-historiográfica.

3.2. O Brasil sob a égide das transformações: panorama social, econômico, político e cultural.

Por estudarmos o processo civilizador como elemento impulsionador de inovação lingüística, por meio das expressões estrangeiras presentes na seção *Tem Mensagem Pra Você*, da Revista *Info Exame*, e diante do enfoque histórico-linguístico dado a esta pesquisa, iniciaremos essa etapa operacionalizando o princípio de contextualização.

Ao mapear o clima de opinião do período entre a década de 1980, a qual é marcada pelo início da Revolução da Informática, e o ano de 2004, período correspondente ao estabelecimento da amostra dessa pesquisa, procuramos inserir dados dessa contextualização em nossa investigação lingüística. Tendo em vista, conforme afirma K. Koerner (1996) que as idéias lingüísticas nunca se desenvolvem independentemente de outras correntes intelectuais de seu tempo.

Se colocássemos a linha do tempo em um contínuo, teríamos em uma das extremidades Henry Ford, com o automóvel, e em outra Bill Gates com o computador. Nesse sentido, se teoricamente foi “fácil” batizar o século XVIII como o “Século das Luzes” ou o século XIX como o “Século da Razão”, não haverá a mesma facilidade para se encontrar uma denominação mais adequada para designar esse período da história da humanidade. Afinal, foi o século das guerras mundiais, da bomba atômica, do automóvel, das minorias, do avião, das viagens espaciais, da internacionalização da economia, do comunismo, do fim dos impérios colonialistas, da eletrônica, dos transplantes, da indústria cultural, da clonagem, da Internet, entre outros fatos marcantes. Sobre isso, Michel Foucault (apud. Gilberto Abreu, 2003:20) afirma:

A grande obsessão do século XIX, como sabemos, foi a História: com seus temas de desenvolvimento e suspensão, crise e ciclo, temas do passado em eterna acumulação, com sua grande preponderância de homens mortos e da ameaçadora glaciação do mundo. (...) A era atual talvez seja, acima de tudo, a era do espaço. Estamos na era da simultaneidade: estamos na era da justaposição, na era do perto e do longe, do lado a lado, do disperso.

Não houve um período da civilização tão completamente preenchido por fatos históricos de grande relevância como ocorre na atualidade. Duas grandes guerras mundiais mudaram as relações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Nas últimas décadas do século XX, o mundo presenciou um acelerado avanço científico e tecnológico, graças, sobretudo, à criação de computadores de alta velocidade. Nunca antes a humanidade vivera tantas e tão rápidas mudanças: as possibilidades, as facilidades e a instantaneidade das comunicações, a obtenção e troca de informações pela Internet, o desenvolvimento aeroespacial, com o envio de sondas a distâncias até então inacreditáveis e o uso de satélites com diversas finalidades. A engenharia genética permitiu o desenvolvimento de organismos transgênicos animais e vegetais, as clonagens e novas formas de combate a doenças. A esses e outros benefícios do final do milênio, soma-se o fim da Guerra Fria, com a reunificação da Alemanha, o esfacelamento do bloco soviético e a criação de mercados comuns. E. Hobsbawm (1995: 19) ressalta que:

Embora o colapso do socialismo soviético e suas enormes consequências, por enquanto impossível de calcular por inteiro, mas basicamente negativas, fossem o incidente mais drástico das Décadas de Crise que se seguiram à Era de Ouro, essas iriam ser décadas de crise universal ou global. A crise afetou as várias partes do mundo de maneiras e graus diferentes, mas afetou a todas elas, fossem quais fossem suas configurações políticas, sociais, econômicas, porque pela primeira vez na história a Era de Ouro criara uma economia mundial única, cada vez mais integrada e universal, operando em grande medida por sobre as fronteiras de Estado (transnacionalmente) e, portanto, também, cada vez mais, por sobre as barreiras da ideologia de Estado

No entanto, o alargamento do fosso entre ricos e pobres fez com que os benefícios da tecnologia atendessem a uma pequena parcela da comunidade planetária, com maior agravamento nos países subdesenvolvidos ou em via de desenvolvimento, onde, ainda é restrito o acesso a computadores pessoais e às telecomunicações. Surge, assim, a exclusão-digital. A privatização da saúde em alguns desses países impediu e dificultou o acesso a novas tecnologias, como a ressonância magnética e a tomografia computadorizada, por exemplo, e a medicamentos básicos. Além disso, tivemos o ressurgimento de doenças relacionadas à pobreza e a falta de saneamento, como a tuberculose, sífilis e a dengue. O avanço da AIDS entre a população menos favorecida foi mais um dos aspectos negativos do fim do milênio.

A segunda metade do século XX foi marcada por grandes catástrofes: guerras freqüentes, extensas e em grande escala; genocídios e fome. Tivemos o crescimento de grupos de extrema direita nos moldes nazistas e dos extremismos religiosos que têm gerado conflitos com milhares de mortes. Do ponto de vista político econômico, a reorganização política mundial, acelerada após o final da Guerra Fria, faz blocos econômicos emergirem em diferentes regiões do planeta, como a União Européia, o Nafta e a Bacia do Pacífico. Nesse contexto, surge o MERCOSUL, que integrava economicamente a Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a economia capitalista vive uma fase de expansão e enriquecimento. Na década de 1970 e início dos anos de 1980, essa prosperidade é abalada pela crise do petróleo, que acabou provocando recessão e inflação nos países do Primeiro Mundo. Ainda nos anos de 1970, desenvolveram-se novos métodos e técnicas de produção. O processo de automação, robotização e terceirização aumentou a produtividade e reduziu a necessidade de mão-de-obra.

A informática, a biotecnologia e a química fina desenvolveram novas matérias-primas artificiais. Entretanto, a contínua incorporação dessa tecnologia de ponta no processo produtivo exigia investimentos pesados e ao mesmo tempo contínuos, visto que os equipamentos ficavam obsoletos rapidamente.

O dinheiro dos investimentos, gerados pela tecnologia, começou a circular para além de fronteiras nacionais, buscando melhores condições financeiras e maiores mercados. Grandes corporações internacionais passaram a liderar uma nova fase de integração dos mercados mundiais: é a chamada Globalização da Economia. A divisão política entre os blocos soviético e norte-americano modificaram-se com o fim da Guerra Fria. Uma nova ordem econômica estruturou-se em torno de outros centros de poder: os Estados Unidos, a Europa e o Japão. Ao redor destes centros organizaram-se os principais blocos econômicos supranacionais, que facilitaram a circulação de mercadorias e de capitais.

A União Européia conseguiu congregar a maior parte dos países europeus; a APEC – Associação de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico – aproximou as economias de países como o Japão, a China, Indochina, entre outros países da Oceania; o Nafta – Acordo do Livre Comércio da América do Norte – uniu os mercados do Canadá, Estados Unidos e México. A formação dos megalópolis regionais foi uma tendência internacional que se

seguiu pelos quatros cantos do globo. Na América do Sul, isso não foi diferente. A Argentina e o Brasil começam a fechar um acordo de livre comércio, formando um bloco sul-americano. A partir de 1985, sucedem-se encontros entre os presidentes dos dois países para discutir um programa de integração e cooperação econômica. Em 1991, Uruguai e Paraguai aderem ao projeto, e, em janeiro de 1995, o MERCOSUL começou a funcionar oficialmente.

Segundo G. Abreu, em 1990, o intercâmbio comercial entre esses países era de aproximadamente três bilhões e meio de dólares. Em 1995, já ultrapassava os dez bilhões. O comércio entre os integrantes do MERCOSUL já revelava seu potencial, o que despertou o interesse de outras nações em aderir ao livre mercado sul-americano.

No que se refere aos aspectos socioculturais, um dos fenômenos do tempo presente de que muito se fala – a uniformização cultural – é em certa medida o resultado do processo de globalização, funcionando por meio da imposição de valores e padrões dos mais fortes aos mais fracos. A “americanização” cultural do mundo na cultura propriamente dita, no comércio, na moda, no consumo em geral, nas artes, nos divertimentos, nas técnicas de produção etc. traduz esta idéia de que a globalização implica uma hierarquia de poderes e de capacidades. A cultura americana, claramente hegemônica no mundo contemporâneo, serve-se da globalização como se ela fosse sua criação. Segundo O. Ianni (op.cit:18):

Em todos os lugares, tudo cada vez mais se parece com tudo, à medida que a estrutura de preferências do mundo é pressionada para um ponto comum homogeneizado. Grande parte das metáforas, bem como expressões descriptivas e interpretativas fundamentadas, que circulam combinadamente pela bibliografia sobre a globalização, apresentam um sentido que aponta para a uniformização dos padrões socioculturais. Ao ouvirmos falar em: moeda global, nova babel, suscita uma idéia de unidade, homogeneização contidas em aspectos sociais, econômicos, políticos, geográficos, históricos, geopolíticos, demográficos, culturais, religiosos e lingüísticos.

A globalização abala a imagem de um Estado nacional homogêneo, fechado e isolado, sustentado pelo nome de Republica Federativa. Nesse novo paradigma das ciências sociais não se pode mais pensar em modelos fechados, homogêneos, política, social, culturalmente. Na questão do idioma isso também é verdadeiro. Na língua, a diversidade não significa fragilizar, e sim, consolidar, ampliar. As novas tecnologias, capitaneadas pela

globalização, são meios de difusão de expressões estrangeiras na língua portuguesa em uso no Brasil, fato que podemos constatar em textos como a seção *Tem Mensagem Pra Você*. Nessa seção podemos observar o uso de palavras e expressões desse mundo globalizado, incorporadas à língua portuguesa, sem com isso corromper a estrutura morfo-sintática do português. Essa força globalizadora na língua expande a noção de nacionalidade lingüística. Na era da globalização são, ou se tornam, fictícias as idéias nacionais de cultura, línguas e de condutas fechadas.

3.3. Processo civilizador e globalização: as mudanças histórico-sociais como elementos deflagradores de inovações

Segundo Boaventura de Sousa Santos (1995), nas duas últimas décadas do século XX, o paradigma clássico das ciências sociais, centrado no nacionalismo, passa a ser substituído por um paradigma emergente com ênfase na sociedade global, a qual foi dado o nome de Globalização. Esse fenômeno, normalmente, é associado ao campo econômico, mas nos últimos anos começou a afetar as esferas sócio-culturais, lançando um modelo de universalização de padrões culturais, o que para alguns especialistas do processo de globalização, o torna irreversível.

Os motivos que tornaram a globalização irreversível, de acordo com Ulrick Beck (1999:30) são os seguintes:

1. Ampliação geográfica e crescente integração do comércio internacional, a conexão global dos mercados financeiros e o crescimento do poder das empresas transnacionais; 2. A ininterrupta revolução dos meios tecnológicos de informação e comunicação; 3. A exigência, universalmente imposta, por direitos humanos, ou seja, o princípio (do discurso) democrata; 4. As correntes icônicas da indústria cultural global; 5. A política mundial pós-internacional e policêntrica – em poder e número – fazem par aos governos uma quantidade cada vez maior de atores transnacionais; 6. A questão da pobreza mundial; 7. A destruição ambiental mundial; 8. conflitos transnacionais localizados.

Atualmente, conceitos tradicionais começam a sofrer reformulações, de modo particular aqueles que se referem às noções de soberania e hegemonia associadas ao “Estado-Nação” como centro de poder, capaz de gerar mudanças em antigos padrões sociais. Estes novos padrões que regem as sociedades mundializadas são definidos pelo termo globalização. Neste sentido, globalização surge como o conjunto de transformações de ordem social, política, econômica, cultural e, mais recentemente, linguística em proporção mundial, apta a modificar ideologicamente o mundo, tendo como ponto central de mudança (e não único) a integração dos mercados em uma “aldeia global” explorada pelas grandes corporações “transnacionais”. Conforme O. Ianni (1999:102):

Na época da globalização, mundializam-se as instituições mais típicas e sedimentadas das sociedades capitalistas dominantes. Os princípios envolvidos no mercado e no contrato generalizam-se, tornando-se padrões para os mais diversos povos, as mais diversas formas de organização social da vida e do trabalho, independentemente das culturas e civilizações. Princípios que se tornam progressivamente patrimônio de uns e outros, em ilhas, arquipélagos e continentes: mercado, livre empresa, produtividade, desempenho, consumismo, lucratividade, tecnificação, automação, robotização, flexibilização, informática, telecomunicações, redes, técnicas de produção de realidades virtuais. Esse é o contexto em que as coisas, as gentes e as idéias passam a ser atravessados pela desterritorialização, isto é, por outras modalidades de territorialização.

Este processo tem sido acompanhado de uma intensa revolução nas tecnologias de informação, dentre as quais se destaca a força da informática. As fontes de informação, assim como as economias mundiais, se unificam devido ao seu alcance universal e à crescente popularização da rede mundial da informação: a Internet. Isto faz com que os deslocamentos da globalização ultrapassem as fronteiras da economia com seus mercados financeiros uniformes e provoquem a homogeneização, também, no campo cultural. Isto é comprovado com as novas tendências de unificação de padrões de consumo, uniformização de valores sociais, desprezo às variedades culturais, tendência a ter um único modelo de cultura, baseado, como sugere Renato Ortiz (1994 b) na *americanização cultural do mundo* que segundo ele, é caracterizada pela expansão padronizada da cultura estadunidense do mundo, configurando-se na *tese mais conhecida sobre a globalização*. O. Ianni (op. cit.: 102) ressalta, ainda:

Na medida em que se desenvolvem e generalizam, os processos envolvidos na modernização ultrapassam ou dissolvem fronteiras de todo o tipo, locais, nacionais, regionais, continentais; ultrapassam ou dissolvem barreiras culturais, lingüísticas, religiosas ou civilizatórias.

Tendo como maior pólo catalisador a Internet, a globalização da informação impõe ao mundo sua linguagem, com valor universal, representada pela língua inglesa. Hoje em dia, muito se discute, ao falar de globalização, sobre a influência do inglês, introduzido pela informática, sobre as línguas nacionais. No caso específico do português em uso no Brasil, a discussão gira em torno de como as expressões oriundas de outras línguas refletem um processo civilizador lingüística e politicamente sem ocasionar a desnacionalização da língua, ou seja, de que forma os estrangeirismos podem apresentar indícios da influência do processo civilizador sobre as transformações lingüísticas no português. Nesse sentido, aqui fazemos um estudo da língua portuguesa no Brasil, tomando como ponto de partida o uso de expressões estrangeiras, presentes na seção *Tem Mensagem Pra Você*, da Revista *InfoExame* e sua relação com o processo civilizador e a globalização.

A sociedade, sob a égide da globalização associada ao dinamismo do mundo digital, está modificando os modos de agir e pensar do homem do século XXI. Para Clovis Rossi (1997: 2) a comunicação, sob efeito desses elementos, é cada vez mais veloz. Ainda, segundo ele:

A notícia do assassinato do presidente norte-americano Abraham Lincoln, em 1865, levou 13 dias para cruzar o Atlântico e chegar à Europa. A queda da Bolsa de Valore de Hong-Kong (outubro de 1997) levou exatos treze segundos para cair como um raio sobre São Paulo e Tóquio, Nova York e Tel Aviv, Buenos Aires e Frankfurt. Eis ao vivo e em cores a globalização.

A abertura de mercados ao comércio internacional, migrações de capitais, uniformização e expansão tecnológica, tudo isso, capitaneado por uma frenética expansão dos meios de comunicação, parece ser forças incontroláveis propensas a mudar hábitos e conceitos, procedimentos e instituições. Nossa mundo aparenta estar cada vez menor, mais restrito, com todos os seus cantos explorados e expostos à curiosidade e a ação humana. É a globalização em seu sentido mais amplo, cujos reflexos são percebidos nos aspectos mais diversos de nossas vidas.

A idéia de processo civilizador é muito facilmente confundida com a noção de globalização. No entanto, com base nos pressupostos de Norbert Elias (1991), verificamos que a segunda ocorre como efeito do primeiro.

N. Elias, ao falar do processo civilizador, lida com as aparências, ou seja, a forma como os homens tornaram-se educados no correr dos tempos. Neste sentido, constatamos que o processo de expansão dos “bons costumes” são seguidos e aperfeiçoados a partir do processo civilizador. O homem, pouco a pouco, vai sentindo a necessidade de ter uma vida melhor. Isso o faz criar mecanismos que acionam constantes mudanças em seu comportamento, em direção a atitudes mais civilizadas.

De acordo com N. Elias, ainda, quando esse processo de civilização é bem sucedido, muitas vezes, ele acaba servindo de modelo para outros povos. Sobre isso, ele observa que, durante o século XVII, na Alemanha, o modelo do que é *cortesia, urbanidade*, e principalmente, *refinamento* dos costumes, era importado da França. Isso tanto no que se refere aos costumes quanto à língua. Nada que fosse diferente do modelo civilizatório francês, era tido como uma atitude civilizada. Uma frase que não contivesse um punhado de galicismos, adicionado à língua nativa, não era tido como prova de refinamento cultural.

Nesse aspecto, o que se define por processo civilizador é guiado pelo poderio das nações, que detêm a hegemonia política e cultural frente aos outros países. Assim, tanto a língua quanto a cultura desses países, detentores do poderio sócio-econômico, passam a ser vistos como modelos a serem seguidos. O ser civilizado dita um modelo a ser seguido, estabelecendo um divisor de águas para separar a barbárie da civilização. A globalização é gerada pelo modelo de civilização que todos acreditam ser o mais indicado a ser seguido. A civilização não é um estado, mas um processo ininterrupto. Como afirma O. Ianni (op. cit.: 97)

Desde que a civilização ocidental passou a predominar nos quatro cantos do mundo, a idéia de modernização passou a ser emblema do desenvolvimento, crescimento, evolução ou progresso. As mais diversas formas de sociedade, compreendendo tribos e nações, culturas e civilizações, passaram a ser influenciadas ou desafiadas pelos padrões e valores sócio-culturais característicos da ocidentalidade, principalmente sob suas formas européia e norte-americana.

Com base nesse postulado, assumimos nesse trabalho a definição de processo civilizador como a forma de mudança e inovação, pelo qual passam as sociedades, e isso,

envolve tanto questões culturais e lingüísticas, quanto históricas, no que se refere ao desenvolvimento de novas tecnologias. A globalização se dá como um efeito desse processo. Antes de padronizar condutas, quer sejam econômicas, sociais, políticas ou culturais, tornando o mundo uma única aldeia global, passa-se por um processo civilizador. Não há possibilidade de se ter um único modelo a ser seguido, sem que antes esse tenha se civilizado.

3.4. A Revolução da Informática

Desde o ábaco dos antigos, passando pela máquina de calcular inventada por Blaise Pascal, há uma longa história que vem dar em Bill Gates. Se a eletricidade já provocara, no século XIX, um deslumbramento que beirava o êxtase, o que não dizer dos processos eletrônicos atuais, que para muitos torna o mágico, real.

É indiscutível o fato de as guerras terem feito avançar as tecnologias. Sobretudo as duas Grandes Guerras Mundiais e o período de Guerra Fria. O complexo industrial-militar erguido pelos Estados Unidos no último conflito mundial não foi desmontado depois dele. Pelo contrário, seu governo continuou a subsidiar pesquisas voltadas para o aprimoramento dos artefatos bélicos, garantindo investimentos fora das atividades civis competitivas. Exemplo claro disso é a história de um dos mais revolucionários engenhos humanos: o computador eletrônico.

A chamada Primeira Geração Tecnológica tem início com o projeto de J Peckert e J. N. Mauchly, em 1943, cujo objetivo era viabilizar o primeiro computador, o ENIAC - Electronic Numeric Integrator and Calculator - concluído, ou revelado à opinião pública, quando já acabara a Guerra, em 1946. A meta principal era o de utilizá-lo nos complexos cálculos de balística exterior (lançamento de projéteis ou mísseis), incluindo a bomba atômica, bem como o lançamento dos primeiros mísseis nucleares. Esse primeiro computador pesava cerca de 30 toneladas, tinha o tamanho de um apartamento de três quartos, possuía 17.000 válvulas eletrônicas, 70.000 resistores, 10.000 capacitadores e 6.000 interruptores e sistema binário de numeração. Comparando com seu antecessor

imediato, o Mark I que levava seis segundos para multiplicar fatores de 10 algarismos, o ENIAC reduziu esse tempo para 0,0003 segundos.

Conforme Hélio Gurovitz (2002:2)

O ENIAC foi construído para resolver um problema bastante concreto: matar o inimigo numa guerra. Para matar, era preciso atirar. E, para atirar, mirar. Cada arma precisava de uma tabela que relacionasse um ângulo de inclinação à distância do alvo e à munição. Fazer os cálculos para essas tabelas era na época tarefa de uma equipe com calculadoras mecânicas. Uma máquina que fizesse as contas sozinha poderia determinar a vitória ou a derrota.

Mas, as inúmeras válvulas do ENIAC queimavam com extrema freqüência e sua memória era muito limitada. O problema da queima de válvulas foi solucionado por um invento prodigioso: o transistor. Segundo P. A. Triper (apud Gilberto Abreu, 2003:40)

O transistor (Transfer Resistor ou Resistor de Transferência) consiste na formação de agregados materiais capazes de produzir a semicondutividade. Ele exige menor quantidade de temperatura e produz a ampliação da corrente elétrica

A segunda geração de computadores surge nos anos de 1950, quando a empresa Sperry Rand lança o UNIVAC 1, dotado de transistores, em substituição as válvulas do seu antecessor e memória de núcleos magnéticos.

No final da década de 1950, há uma nova Revolução na Informática: o circuito integrado. Nesse sistema, em uma única placa de silício, havia cerca de 450.000 transistores. Já na década de 1970, surge o *chip* capaz de reunir em uma única “micropastilha de silício um computador inteiro com o circuito integrado mais a CPU”. Das gigantescas máquinas das décadas de 1940 e 1950, foi possível, com esse invento, uma redução extraordinária, com a miniaturização dos computadores que vieram a se transformar em objetos de mão ou de bolso. Essa Revolução abriu um fosso intransponível entre as sociedades humanas. Afora os norte-americanos, somente alguns países europeus e asiáticos, com destacada participação do Japão, dominaram essas tecnologias e asseguraram

para si, o domínio mundial, como afirma Hindenburgo Francisco Pires (apud Gilberto Abreu,2003:42)

Hoje torna-se muito difícil para alguns países que não alcançaram os elevados estágios de concepção técnica e de engenharia, poderem reconstituir em seus laboratórios – com a exígua disponibilidade de recursos, investimentos e capitais – o processo de produção e criação de software, que vem privando muitos desses países do acesso importantíssimo de tecnologia, informação e condições científicas de competitividade na economia mundial.

O impacto, dos computadores, gerado na esfera das comunicações foi ainda mais revolucionário. O nosso cotidiano vem se tornando cada vez mais virtual. A rede mundial de computadores, a Internet, talvez seja a grande responsável por isso, no impulso dessas tecnologias constatamos que a língua portuguesa no Brasil vem recebendo enorme influência desses fatores, incorporando a seu acervo lexical inúmeras palavras e expressões estrangeiras, introduzidas pela informática, materializadas em textos como a seção *Tem Mensagem Pra Você*, da Revista *Info Exame*, a qual é objeto de investigação dessa pesquisa.

3.5. A sociedade da informação: as origens da Internet

Após o lançamento do Sputnik, em 1957, pela União Soviética, os EUA aperceberam-se que haviam sido ultrapassados na primeira corrida em direção ao espaço. A ARPA - Advanced Research Projects Agency - surge como uma das respostas do governo norte-americano à urgência de efetuar investigação e desenvolvimento, para que outras competições não fossem perdidas.

Nem todas as pesquisas se centraram no campo militar e, em 1962, a ARPA inicia um programa de pesquisa em computação. Começa por nomear um cientista do MIT, J.C.R. Licklider para chefe das pesquisas no novo Information Processing Techniques Office (IPTO).

J.C.R.Licklider era ainda o que se poderá chamar um novato na ciência computacional; no entanto, as suas idéias eram bastante avançadas. Há quem explique isto

por ele não estar preso à formalidade acadêmica, já que a computação não era a sua formação de base. Havia publicado recentemente um memorando sobre o seu conceito de Intergalactic Network – uma rede futurista na qual os computadores estariam todos interligados e acessíveis por qualquer pessoa.

Leonard Klienrock foi um dos primeiros cientistas a analisar o que de fato se passava dentro da rede, quando esta estava em funcionamento. L. Klienrock desenvolvia paralelamente investigação sobre como enviar informação através desta rede. Chegou à conclusão de que a melhor forma era repartir a mensagem por várias encomendas (packets), que seriam posteriormente reagrupadas no computador destinatário. A segurança e a flexibilidade estavam asseguradas, já que o sistema não necessitava de confiar numa única linha de envio, podendo os vários pacotes seguir por diversos caminhos até ao seu destino final.

Entretanto, havia um problema – as linhas telefônicas. Em 1965, quando se ligaram computadores entre Berkeley e o MIT, era muito difícil correr programas e trocar dados, pois as velocidades de transferência eram muito baixas. Mesmo assim foi a primeira Wide Area Network (a Internet é uma WAN) da história.

Na década de 1960, a pesquisa já se havia desenvolvido o suficiente para que o novo responsável da computação na ARPA, Larry Roberts, publicasse o plano de uma rede computacional chamada ARPANET. Ao mesmo tempo, sem conhecimento de ambas as partes, equipes do MIT, do National Physics Laboratory (Reino Unido) e da corporação RAND, trabalhavam todas no desenvolvimento de WAN's. As melhores idéias de todos estes cientistas foram incluídas no desenho da ARPANET.

No entanto, ainda faltava desenhar um protocolo que permitisse aos computadores comunicar entre si para trocar mensagens e dados. Ficou conhecido como Interface Message Processors (IMP). O trabalho nestes IMPs concluiu-se em 1968, iniciando-se então os testes para verificar se tudo funcionava. O primeiro local a receber um IMP foi precisamente a UCLA, que ficou com a responsabilidade de ser o Network Measurement Center (NMC) da ARPANET.

Em Outubro de 1969, havia dois IMP's, instalados em Stanford e na UCLA. Os estudantes do UCLA conseguiam registrar-se nos computadores de Stanford, acessar as

suas bases de dados, enviar dados e vice-versa. A experiência foi bem sucedida e a rede tornou-se uma realidade.

Em Dezembro de 1969, existiam quatro IMP's (hosts), já que se adicionaram os de Santa Barbara e Utah. Durante os meses seguintes, os cientistas foram refinando o software e as capacidades da rede começaram a expandir-se. Cada vez mais computadores se interligavam. Em Dezembro de 1971, existiam 23 computadores na ARPANET.

Em Outubro de 1972 a ARPANET passa a ser disponibilizada ao público. Na First International Conference of Computers and Communication, em Washington, os cientistas da ARPA demonstraram o sistema, interligando computadores de 40 localizações diferentes.

Este acontecimento estimulou pesquisas adicionais nas comunidades científicas ocidentais. Outras redes foram aparecendo. A conferência de Washington estabeleceu também o Internetworking Working Group (IWG) para coordenar a pesquisa que então se efetuava. Ao mesmo tempo, os cientistas da ARPA iam aprimorando o sistema e aumentando as suas capacidades. Em 1972, instalaram-se com sucesso um novo programa para enviar mensagens através da rede, permitindo que as pessoas se comunicassem diretamente entre si, a que chamamos atualmente E-mail.

No princípio dos anos de 1970, os cientistas desenvolveram protocolos host-to-host (anfitrião – anfitrião). Antes deste avanço o sistema permitia apenas a um terminal remoto, um de cada vez, o acesso aos arquivos de cada um dos anfitriões. Os novos protocolos permitiriam o acesso aos programas simultaneamente os vários computadores passavam a ser um único durante o tempo que permanecessem ligados.

Em 1974, os cientistas da ARPA, trabalhando de perto com os de Stanford, desenvolveram uma linguagem comum que permitia às várias redes comunicarem entre si. Ficou conhecida como o Transmission Control Protocol / Internet Protocol (TCP/IP). O desenvolvimento do TCP/IP foi crucial para o desenvolvimento da rede e é importante refletir sobre o que está implícito no seu design – deveria ter uma arquitetura aberta. De fato, o sistema baseava-se na idéia original de J.C.R. Licklider: a Intergalactic Network. Cada rede deveria ser capaz de funcionar de forma autônoma, de desenvolver as suas próprias aplicações sem entraves e de poder participar na Internet sem modificações internas.

Dentro de cada rede haveria um portal que a ligava à rede exterior. Este portal, ou gateway, seria um computador maior, para conseguir lidar com o volume de tráfego de forma rápida e ao mesmo tempo diminuir a possibilidade de censura e controle de informação. Os pacotes de dados seriam transmitidos através da rota que fosse mais rápida. Se um computador estivesse bloqueado ou lento, os pacotes seriam redirecionados para uma nova rota até que chegassem ao seu destino.

Estava, também, implícito os princípios operacionais que estariam disponíveis para todas as redes. Esta libertação da informação sobre o design da rede, por ter sido implementada desde o início entre os investigadores, facilitou todos os avanços tecnológicos posteriores.

Nessa altura, vivia-se ainda num mundo em que só existiam, quase exclusivamente, computadores mainframe, computadores enormes, que pertenciam a grandes empresas, instituições governamentais e universidades. O sistema foi então desenhado na expectativa de trabalhar através de um número limitado de sub-redes nacionais. Apesar de 1974 marcar o início do TCP/IP, iriam ser necessários vários anos de modificações e redesenho para que ficasse completo e adotado universalmente. Uma adaptação, por exemplo, já em meados da década de 1970, permitia que uma versão mais simples fosse incorporada aos micro-computadores que estavam, então, a ser desenvolvidos. Um segundo desafio era também desenvolver uma versão do software que fosse compatível com cada uma das redes computacionais, incluindo a própria ARPANET.

Entretanto, as redes computacionais iam sendo desenvolvidas. Em 1974, Stanford abriu a Telenet, o primeiro serviço “packet data” aberto ao público; era uma versão comercial da ARPANET. Nos anos de 1970, o US Department of Energy criou a MFENet, para investigadores no campo da energia de fusão magnética, que deu origem a HEPNet, dedicada à física para sistemas de potência. Isto inspirou os físicos da NASA a criarem o SPAN para os astrofísicos.

Em 1976, um protocolo Unix-Unix foi desenvolvido pelos laboratórios A&T Bell e distribuído gratuitamente a todos os utilizadores de sistemas Unix, já que o Unix era o sistema mais utilizado no meio acadêmico. Este foi um passo gigantesco para a utilização da rede.

Em 1979 criou-se a Usenet, e-mail e newsgroups, que ainda existem hoje em dia. Em 1982 surge uma variação européia da rede Unix, a Eunet, que ligava universidades da Grã-Bretanha, Escandinávia e Holanda. Já em 1984 aparece a versão européia da Bitnet para cientistas da computação que usavam computadores IBM, a EARN European Academic and Research Network. Durante todo este período a ARPANET é ainda a coluna vertebral de toda a rede. Em 1982 é adotado o protocolo TCP/IP e surge um conjunto de redes que usam este Standard – nasceu a Internet.

O desenvolvimento da Internet é uma espécie de laboratório científico. Ao mesmo tempo em que sucediam estas experimentações os computadores e a própria comunicação entre eles - cabos de fibra óptica - iam sendo aperfeiçoada e o sistema ia expandindo-se. Em 1984, o número de computadores anfitriões era superior a 1000. O volume de tráfego era gigantesco, muito por culpa do e-mail e isso levou alguns operadores a temerem pelo colapso do sistema.

Um desenvolvimento inicial que seria muito importante para o futuro da rede foi a introdução do DNS, em 1984. Até aqui, a cada computador anfitrião era atribuído um nome, e existia uma lista simples onde constavam todos estes nomes para que pudessem ser consultados. O novo sistema, o Domain Name System (DNS), introduziu algumas novidades muito interessantes para os endereços de Internet americanos, tais como: .edu (educational), .com (commercial), .gov (governmental), .org (international organization) e também uma série de códigos para os vários países. Isto fez com que memorizar nomes se tornasse mais simples. No entanto, quando escrevemos um nome de algum site, o sistema o “transforma” e faz corresponder os nomes a endereços IP, que envia e recebe informações. Todos esses sistemas foram fundamentais para facilitar a operacionalização da Internet.

Em 1984, o governo britânico anunciou a construção da JANET – Joint Academic Network – que serviria para interligar as universidades britânicas. Mais importante terá sido a decisão do US National Science Foundation, em 1985, de estabelecer a NSFNet, com o mesmo propósito. O programa americano envolvia um número de ações que viria a revelar-se fundamental para o desenvolvimento posterior da Internet: era obrigatório o uso dos protocolos TCP/IP. No entanto, tanta tecnologia gerava enormes gastos, por isso, as agências federais, norte-americanas receberam do governo verbas para custear os gastos

com infra-estruturas, comuns, tais como as ligações trans-atlânticas e suporte dos portais gateways.

Isto permitiu criar um modelo de cooperação que viria a ser utilizado nos acordos subseqüentes. Apoiaram o “Internet Activities Board”, descendente direto do Internetworking Working Group (1972) e encorajaram a cooperação internacional para uma partilha dos desenvolvimentos posteriores.

Finalmente, a NSFNet concordou em providenciar a coluna vertebral da Internet dos EUA e forneceu cinco supercomputadores para gerir o tráfego. Os primeiros computadores permitiam à rede trabalhar com 56.000 bytes por segundo mas, em 1988, já era possível gerir 1.544.000.000 bytes por segundo. Esta rede não era acessível a projetos que não se destinassesem à educação ou pesquisa.

O efeito da criação da NSFNet foi tremendo. Em primeiro lugar permitiu ultrapassar o potencial congestionamento do sistema, em segundo, encorajou o uso da Internet. Havia demorado uma década para que o uso dos computadores, na Net, ultrapassasse o número 1.000. Em 1986, o número de servidores chegou aos 5.000, e, um ano mais tarde, aos 28.000. Em terceiro lugar, a exclusão de uso comercial da coluna vertebral da rede fez com que se desenvolvessem, paralelamente, fornecedores privados de acesso à Internet.

Esta exclusão de utilizadores comerciais da coluna vertebral não significava que os seus interesses tinham sido negligenciados. Durante vários anos, os fornecedores de hardware e software foram incluindo o TCP/IP nos seus produtos, mas não sabiam bem em que moldes funcionaria e, por isso, tiveram grandes dificuldades em adaptar os protocolos às suas necessidades. Parte do “fulgor” da adoção inicial da Internet derivava do acesso livre à informação que continha (desde 1969, a maior parte dos memorandos da pesquisa sobre a Internet estavam disponíveis em arquivos online), mas o Internet Activities Board quis fazer alguns progressos. Em 1985, organizaram-se o primeiro *workshop*, direcionado ao setor privado, para discutir o potencial e as limitações correntes do protocolo TCP/IP. Iniciou-se, assim, um diálogo entre o governo, os cientistas e o setor privado, com a participação dos empresários, que, desde o início, puderam adaptar os seus produtos à interoperabilidade da rede.

Em 1987, surgiu a primeira companhia que oferecia acesso à Internet por meio de uma subscrição, UUNET. Neste momento, a Internet ainda não dispunha de informações fora do campo científico. Os mecanismos de busca eram complicados e lentos.

Apesar da exploração comercial da Net ter começado, a expansão da Internet continuou a ser conduzida de formas governamental e acadêmica. Entretanto ia se tornando cada vez mais internacional. Em 1989, o número de hosts, computadores anfitriões ultrapassava os 100.000, um ano depois os 300.000. Ao final dos anos de 1980 e o início de 1990 representaram uma fronteira, por diversas razões: em 1990, a ARPANET, que havia perdido as suas funções militares, em 1983, tornou-se uma vítima do seu próprio sucesso. A rede tornou-se uma sombra do que havia sido, o que a conduziu a um término; em 1990, o primeiro motor de busca, destinado a encontrar e “descarregar” arquivos digitais, o Archie, foi desenvolvido na McGill University em Montreal; em 1991, a NSF removeu as barreiras aos acessos privados do seu ‘backbone’.

O projeto “Information superhighway” tornou-se uma realidade. Este foi o nome escolhido para popularizar o High Performance Computing Act de Al Gore, que providenciava fundos para pesquisa em computação e melhoramentos na estrutura da Internet norte-americana. Os investimentos no período que vai de 1992 a 1996 foram de 1500 milhões para a NSF, 600 para a NASA e 660 para o Department of Energy.

Em 1993, surge a World Wide Web (o WWW), a qual foi criada como um recurso para organizar o Internet e facilitar a pesquisa. Assim, na World Wide Web, começa por dar a cada documento um endereço e um nome, que indique onde está situado (em que servidor), de modo a que possamos ter acesso a ele. A esse endereço chama-se URL – Uniform Resource Locator. Dentro de cada documento, é possível criar ligações a outros, os links, que podem se referir à mesma matéria (fazer parte da mesma "página" ou remeter a uma página diferente). O protocolo que permite que, quando escrevemos um URL no navegador, o nosso "pedido" seja entendido pelo servidor é o HTTP – Hypertext Transport Protocol. Então, o servidor "responde", enviando um documento em hipertexto que é composto por códigos que definem o seu grafismo e ligações a outros documentos, sendo este formato chamado HTML (Hypertext Markup Language). Este documento, em html, é então mostrado ao utilizador, depois de interpretado pelo navegador, sob a forma gráfica, dependente do tipo de software utilizado.

No início da WWW, os documentos eram todos feitos em html, mas foram sendo desenvolvidas outras formas de programação de páginas – conjuntos de documentos relacionados – que permitiam outros tipos de efeitos visuais e/ou sonoros, tais como o JAVA, ou, mais recentemente, o FLASH.

Estes desenvolvimentos foram responsáveis por uma maior adesão das pessoas ao mundo da Internet, mas ao mesmo tempo foram criando um fosso entre as pessoas com possibilidades de acessar sem limitações à informação aí disponível e aquelas que, por vários motivos, quer ligados ao próprio indivíduo, como as limitações funcionais, quer devido à escassez de recursos financeiros, tecnológicos ou outros, não o podem fazer.

A linguagem na Internet em seu formato, muitas vezes, indisciplinado do e-mail, das páginas da web, salas de bate-papo e jogos de realidade virtual é um campo que vem despertando forte interesse de lingüistas. De forma geral, a popularização da Internet, bem como da informática, no Brasil tem incorporado no português inúmeras palavras e expressões estrangeiras, o que nos impulsiona a investigar esse uso na língua portuguesa no Brasil, a partir da seção *Tem mensagem Pra Você*. Esse documento, por ser ligado ao mundo da informática, revela a influência de fatores externos como os efeitos da globalização à língua em uso no Brasil.

A Internet, em seu aspecto lingüístico, mostra a língua expandindo ricamente em todas as direções. A linguagem da Internet inclui abreviações e pontuações irônicas, sintaxe e ortografia flexíveis. A língua apresenta sua manifestação mais interativa. Segundo David Crystal (2001:43):

A Internet é um genuíno terceiro meio de comunicação. No futuro, será provavelmente a principal forma de comunicação entre humanos. O discurso mediado por computadores é o terceiro evento cardinal na linguagem. Primeiro, tivemos a fala – este foi o verdadeiro avanço - depois, há 10.000 anos a escrita. Agora vem a linguagem mediada pela Internet.

A Internet, nessa perspectiva, forneceu uma oportunidade maravilhosa para a pesquisa Lingüística, pois ela se tornou um fórum de comunicação global. Os críticos da web temem que o inglês esmague as outras línguas, que o analfabetismo do e-mail *infecte* a escrita e que a comunicação global se torne comunicação banal. No entanto, isso não é algo

possível. D. Crystal diz que tudo isso representa um novo tipo de linguagem pública escrita, completamente sem supervisão e sem a interferência de lingüistas.

Segundo afirma Sergio Correia da Costa (2000) os neologismos, criados de forma incessante pela explosão das tecnologias são, desde o nascimento, sem fronteiras. A tecnologia digital – que passou a ser uma espécie de língua franca binária do espaço cibernetico e, suas infovias, a era do minitel, da web-fórum e das edições eletrônicas em CDROMs se tornaram inesgotáveis fontes de inovações lingüísticas em expansão contínua. E isso a torna uma fonte de pesquisa lingüística constantemente atual, por isso, buscamos no estudo das expressões estrangeiras, incorporadas pela informática, presentes na seção *Tem Mensagem Pra Você*, da Revista *Info Exame*, investigar de que forma essas expressões são usadas em língua portuguesa.

3.6. Inclusão e exclusão no mundo das novas tecnologias da informação

Os grandes avanços em Ciência e Tecnologia vivenciados nos últimos anos refletem em todos os segmentos da sociedade. No entanto, devemos ressaltar que tal reflexo ao mesmo tempo em que ilumina alguns, entorpece a visão de muitos outros. Isto é, ao mesmo tempo em que uma certa parcela da população celebra as conquistas das novas tecnologias da informação, percebemos que à margem desse progresso temos um contingente cada vez maior de info-excluídos. O que consequentemente fortalece a divisão entre as classes sociais e as relações de poder que se firmam entre opressores e oprimidos, dominadores e dominados, colonizadores e colonizados. A cada dia aumenta sobremaneira a busca por informações para uso dominador, os investimentos em Ciência e Tecnologia por parte das grandes potências mundiais são cada vez maiores.

Percebemos que a informação veiculada pelas novas mídias da tecnologia, ao mesmo tempo em que é vista como um fator de inclusão, também pode ser tida como excludente. Dependendo do meio pelo qual ela é veiculada, o índice de exclusão toma proporções alarmantes. Prova disso é a própria Revista *Info Exame*. Quando analisamos o perfil dos leitores da Revista, nos deparamos com dados que impressionam, e também, comprovam a idéia de exclusão digital. Os leitores estão em sua maioria nos grandes centros do país, mais de 60% deles residem na região sudeste. A maior parte dos leitores da

Revista pertencem às classes A e B, 61% possui nível superior e/ou pós-graduação. Esses dados apontam para o fato de que as novas mídias tecnológicas estão contribuindo ainda mais para alargar o fosso social, agravado pela exclusão digital.

No decorrer do século XX, a humanidade presenciou o surgimento de várias invenções: o rádio, a televisão, o cinema, o computador e, por fim, a internet. Cada uma dessas mídias teve grande impacto em sua época. Sabemos que a Revolução Industrial foi um grande acontecimento na história da humanidade. Esse fato acarretou inúmeras mudanças econômicas, políticas, sociais e históricas, que repercutiram sobremaneira na vida das pessoas. Naquela época a capacidade de uma máquina fazer o trabalho de mais de trinta homens já assustava, hoje um simples clique pode realizar o trabalho de mais de mil homens.

Aportamos na Era Digital, convivemos com uma infinidade de termos que de certa forma nos conectam ao virtual. *Link, e-mail, download*, são algumas palavras que já fazem parte do vocabulário de muitos adolescentes, adultos e até idosos. A internet, atualmente, é o grande veículo de informação de muitas pessoas e estas, por sua vez, entraram em seu “barquinho” e estão navegando a todo vapor. Vale, no entanto, lembrar que infelizmente nem todo mundo tem acesso a esse meio de comunicação e consequentemente ainda não entrou nessa nova era.

Não só no Brasil, mas em muitos outros países, a inclusão digital ainda não é realidade. Dentro deste contexto surgiu o termo info-exclusão que é definido por alguns como a falta de oportunidades de acesso às Novas Tecnologias da Comunicação e Informação. Já outros o tornam bem mais amplo e o definem como todo e qualquer tipo de exclusão informacional. Dentro da primeira vertente temos como sinônimo a expressão “*Apartheid digital*”. Segundo Antonio Guedes (1998:22):

De um lado, é sugerido que o aumento do uso de novas tecnologias e suas possibilidades interativas irão ampliar a participação social. Por outro, evidências iniciais apontam que elas já aumentaram a já existente divisão entre aqueles que podem ter e fazer bom uso delas e aqueles excluídos pelas barreiras culturais financeiras, educacionais e outras.

A afirmação acima traz à tona o paradoxo que ora vivenciamos. Se de um lado o advento dessas Novas Tecnologias da Comunicação e da Informação – NTICs – pode propiciar um grande desenvolvimento, por outro pode também vir a contribuir para aumentar o índice de exclusão social no país. É óbvio que as NTIC's não são as únicas responsáveis pelo aumento da exclusão social. Mas, ao mesmo tempo em que se constituem enquanto ferramentas potenciais para inclusão social, podem também vir a contribuir para que o contrário também aconteça. Isto por que o mercado fica cada vez mais restrito e aquele que não tiver o mínimo domínio na utilização dos programas de computação ou dos novos meios eletrônicos, pode se considerar descartado. Parece exagero, mas, não é. Vejamos o caso dos *Office-boys*: até algum tempo atrás nas grandes empresas eles eram responsáveis por diversas transações bancárias como pagamentos, transferências de dinheiro, saques entre outras. Com a automatização e a disponibilização dos serviços de auto-atendimento, seja em caixas eletrônicos ou *on-line* via Internet, ou ele se adapta ou perde o emprego. Isto porque com tais “facilidades” o tempo para a efetuação destas tarefas é bem menor, o que faz a empresa utilizar a mão-de-obra deste empregado para algumas outras funções, que eram talvez exercidas por outro alguém que não conseguiu se adaptar e foi demitido. Assim acontece em muitos outros casos.

Hoje, não basta ter um diploma de nível superior, é preciso ter outras qualificações, ser especialista em alguma coisa. Atualizar-se mais e mais. Sobre isso afirmam Francisco Mota e Isidoro Santos (2002: 01)

Uma verdadeira febre acometeu o mundo, e o mesmo passou a girar em torno da ânsia, da angústia fatídica e da busca desenfreada por informação; tida como passaporte para a inclusão do indivíduo em determinados grupos sociais, embora muitas vezes esta não leve ao tão almejado conhecimento. Aquilo que lemos, o que sabemos, a notícia da última hora, aquilo que rapidamente conseguimos absorver, é que determinará nossa posição na sociedade, no mercado de trabalho, junto aos colegas do curso.

Um dos fatores predominantes da info-exclusão é o de ordem econômica, mas, sem dúvida não podemos deixar de lado o social. Infelizmente não existem até o momento

políticas públicas suficientemente fortes e estruturadas para propiciar o acesso às condições que levariam a info-inclusão de milhões de pessoas.

Outro importante ponto é a questão cultural. Visto que em muitos casos o sujeito pode ser rico ou pelo menos ter condições de acesso a Internet e às demais tecnologias como o telefone celular, máquinas fotográficas digitais etc, mas não consegue absorvê-las e incorporá-las em seu cotidiano. Sofre de Tecnofobia, como sugere Alípio Ramos Veiga Neto (2003:02)

Tarefas profissionais que requeiram a redação de documentos, operações bancárias informatizadas, comunicação à distância, até mesmo o desfrute de filmes nas já tradicionais fitas de vídeo, ou agora também nos recentemente lançados aparelhos de "DVD", exigem das pessoas uma familiaridade e, por que não dizer, uma certa afinidade emocional com toda essa aparelhagem adequada e necessária para o êxito na execução das mais simples tarefas do dia a dia.... É um distúrbio ou tipo de dificuldade que deve ser objeto de maiores estudos, pois provoca sofrimento e sentimentos de incapacidade em quem o experimenta, uma vez que hoje em dia é praticamente impossível deixar de conviver com os computadores e outros produtos inteligentes, que incluem processadores em seus circuitos.

A abordagem acima é de inestimável importância, pois, abre espaço para uma reflexão que não é feita pela maioria das pessoas. Muitas vezes um funcionário acaba sendo demitido por conta do seu medo de aprender a lidar com determinado equipamento, algumas pessoas se auto-excluem de um grupo de amigos entre outras coisas. Enfim, o ser humano acaba perdendo um certo espaço no mundo e, quando isso lhe é cobrado, cresce ainda mais o repúdio, o receio e consequentemente há um rebaixamento da auto-estima e um terrível mal estar se apodera do indivíduo.

As questões e fatores ora mencionados são necessários à reflexão que deve ser feita sobre o processo de exclusão digital. Há uma necessidade emergente de formação política e educacional para que as pessoas comecem a fazer uso das tecnologias e mídias tecnológicas, com vistas a lutarem pela segurança de seus direitos enquanto cidadãos. Para Ricardo Carvalho Maia (2003:52):

Entender, contudo, a participação apenas como uma questão de acesso físico individual à tecnologia é equivocado. O problema da participação traz à tona o complexo problema relacionado à formação discursiva da vontade, que diz respeito, também, a

uma cultura política favorável ao desenvolvimento do potencial discursivo. Garantir que o maior número de pontos de vista esteja presente em um debate público e eficaz requer que um alto nível de participação seja mantido. Isso não significa necessariamente um alto nível de ativismo político, mas de interesse político.

A exclusão digital não é ficar sem computador ou telefone celular. É continuarmos incapazes de pensar, de criar e de organizar novas formas, mais justas e dinâmicas, de produção e distribuição de riqueza simbólica e material.

3.7 Concepções lingüísticas: breve histórico

Para entendermos a lingüística no Brasil, é fundamental que possamos traçar um breve histórico dos processos que conduziram os estudos sobre à língua, ao alcançar o *status de ciência*.

A Lingüística é uma ciência relativamente recente, e seu desenvolvimento inicia-se na primeira metade do século XX, a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure. A palavra lingüística começou a ser empregado em meados do século XIX, a fim de evidenciar a diferença entre uma abordagem mais inovadora do estudo da língua, que vinha se desenvolvendo na época, e a abordagem mais tradicional da filologia.

Fazia parte do estudo filológico da linguagem até o século XVIII, a idéia de uma gramática geral baseada dedutivamente em premissas lógicas. Neste século, foram desenvolvidas, no estudo da linguagem, idéias mais sólidas do que no período anterior. Estava sendo preparado o caminho para o advento de uma verdadeira ciência da linguagem.

Alguns dos principais estudiosos sobre os fenômenos língua alcançaram, no final do século XIX, os fundamentos da ciência lingüística, em bases diferentes, partindo para o estudo histórico da linguagem por meio da comparação de línguas “vivas e mortas”. Os conhecimentos lingüísticos, na primeira parte do século XIX, encontraram sua expressão mais completa nos trabalhos de August Schleicher.

Um exame, mesmo artificial da história da Lingüística, revela que, se por um lado, ela se desenvolveu metodologicamente à sombra de outras disciplinas, por outro, a natureza subjacente das línguas sempre esteve no centro das preocupações dos estudiosos.

As primeiras discussões dos filósofos gregos sobre a linguagem centravam-se no problema da relação entre o pensamento e a palavra, isto é, entre o conceito e o seu nome. O ponto básico consistia em saber se essa relação era *natural*, ou seja, tinha origem em princípios imutáveis fora do homem, ou *convencional*, resultante de costume e tradição.

A falta de correspondência entre o conceito e o som leva à *anomalia* ou irregularidade da língua. A essa anomalia se opõe a analogia ou tendência niveladora, que torna a língua regular. Os analogistas esforçavam-se por desenvolver modelos ou paradigmas com referência aos quais se podiam classificar as palavras reguladoras da língua.

Na Idade Média, surge a gramática especulativa, que partia do princípio de que a língua é um espelho que reflete a realidade subjacente aos fenômenos do mundo físico, e tentava determinar como a palavra se relaciona com a inteligência e com a coisa que ela representa. Sustentavam esses gramáticos, que a palavra não representa diretamente a natureza da coisa significada, mas apenas como ela existe de uma determinada maneira: uma substância, uma ação, uma qualidade. Os ideais dessa gramática foram revigorados na França, no século XVII, entre os gramáticos de *Port Royal*, que publicaram sua gramática para revelar que a estrutura da língua é um produto da razão, e que as línguas são apenas variedades de um sistema lógico e racional mais geral.

No século XIX, o lingüista alemão Wilhem von Humboldt tenta determinar o mecanismo e a natureza da linguagem por meio de raciocínios gerais que se aplicam ao funcionamento das línguas em particular. Ele partia do princípio de que a língua é uma atividade, um trabalho mental do homem, constantemente repetido, para expressão de seus pensamentos. A língua não é só o resultado do ideal de expressão de cada indivíduo, mas também o meio pelo qual o povo que a fala chega à compreensão do universo. Como totalidade coerente, a língua comporta uma forma externa e uma forma interna. Aquela diz respeito à sua configuração fônica, esta, às idéias subjacentes aos sons, às distinções mentais.

No final do século XIX e começo do XX, F. de Saussure tenta delimitar o objeto da lingüística – a língua – procurando conceituá-la e determinar sua identidade e características. Afirma ele que a língua como sistema de signos é a realização mais elaborada e mais completa do homem em sua capacidade de operar com eles; é uma entidade abstrata resultante da relação que os falantes fazem entre os sons – significantes –

e os conceitos – significados. Essa relação, segundo F. de Saussure, é arbitrária e, portanto, convencional. Para afirmar isso, F. de Saussure centraliza sua atenção na função representativa ou simbólica da linguagem. Suas idéias se baseiam no intelectualismo filosófico que vinha de René Descartes, o qual afirmava serem a razão e o raciocínio verdadeiras características da mente humana, sendo, portanto, função essencial da linguagem, expressar a atividade intelectual do homem.

Os chamados idealistas, representados pelo italiano Benedetto Croce e pelo alemão Karl Vossler, foram contrários a essas idéias de F. de Saussure. B. Croce atribuía o conhecimento racional à ciência e o intuitivo à arte. O conhecimento intuitivo permite ao homem expressar-se tanto por meio das artes plásticas como por meio da linguagem. A expressão lingüística é, portanto, uma arte, e seu estudo pertence à estética. K. Vossler vê a linguagem como uma estrutura polar móvel, o que leva a enfocá-la, considerando pares como espírito e cultura, indivíduo e sociedade, criação e evolução, estilo e gramática.

A lingüística pelo seu objeto – a língua – tornou-se relativamente independente com as idéias precursoras de W. von Humboldt e os pontos de vista básicos de F. de Saussure sobre a natureza do sistema lingüístico e de sua unidade primeira: o signo. Se, quanto ao seu objeto, é difícil para a Lingüística tornar-se autônoma por causa do cruzamento dos diversos aspectos sob os quais se pode considerar a capacidade de linguagem do homem, quanto à sua metodologia é correto afirmar que a Lingüística moderna é uma ciência autônoma, na medida em que não só se libertou dos métodos de disciplinas próximas, mas ainda criou todo um aparato para testar sua metodologia. Essa independência metodológica da Lingüística é recente, visto ter começado com os comparatistas alemães, no século XIX, e se construir na primeira metade do século XX com o Estruturalismo.

A Filologia, como disciplina, que procura conhecer o mundo antigo em sua totalidade por meio dos documentos escritos, vincula-se à História e usa o método crítico para identificar, interpretar e comentar os textos. Procurando compreender a capacidade de construção do espírito humano marca-se como disciplina auxiliar da Lingüística Histórica. A Filologia criou uma vasta tradição que se exacerbou, no século XVIII, na Alemanha, com Wolf e com os comparatistas do século XIX.

A gramática especulativa da Idade Média afasta-se da tradição filológica, na medida em que, procurando os princípios constantes e universais da linguagem, preconiza o método

dedutivo. W. Von Humboldt opunha-se à idéia de uma gramática geral de natureza dedutiva, mas propunha a análise de todas as línguas do mundo, a fim de se compararem as diferentes maneiras pelas quais a mesma noção gramatical é expressa em várias línguas. Portanto, ele pretendia usar o método indutivo na descrição das línguas.

A descoberta do Sânscrito, no final do século XVIII, veio propiciar o desenvolvimento da gramática comparativa. O programa fundamental da Lingüística Comparativa, que se desenvolveu na Alemanha, na primeira metade do século XIX, objetivava: agrupar as línguas porque são parentadas e resultam de transformações naturais de uma mesma língua-mãe, e reconstruir a língua comum ou originária. Para isso, usa-se o método comparativo, que consiste em estabelecer correspondência entre as formas lingüísticas. Franz Bopp se destaca nesse período, com o objetivo de chegar à origem da linguagem, não por especulações filosóficas, mas pela comparação de formas em seu arranjo histórico. Verifica-se, portanto, que seu método era indutivo. Ele compreendeu que as relações entre as línguas de uma mesma família podiam converter-se em matéria de uma ciência autônoma. Ao lado de F. Bopp, Rasmus Rask insiste na importância da comparação gramatical.

A. Schleicher, que, entretanto, se afasta da orientação historicista de cunho filológico, reclamando para a Lingüística a posição de ciência natural, visto que o desenvolvimento da linguagem não é como o histórico, mas como o de uma planta com suas leis fixas de nascimento, crescimento e morte. Para ele a linguagem é um organismo a que se aplica o conceito de evolução como o adotado por Charles Darwin. Uma reação a tais concepções formou-se por volta de 1878, por um grupo de estudiosos. Esses estudiosos, principalmente, Hermann Paul, foram chamados de neogramáticos e se concentravam no princípio da infalibilidade das leis fonéticas, afirmando que essas leis são cegas e não admitem exceção, porque a evolução segue um princípio mecânico de forças fisiológicas e psíquicas que escapam ao controle humano.

Willian Dwight Whitney, por sua vez, via a língua como instituição social e pretendia estabelecer o método comparativo para todas as línguas, estabelecendo, assim, a metodologia estruturalista cujos fundamentos se encontram nas reflexões saussurianas sobre a linguagem.

Já Nicolai Serge Troubetzkoi e Roman Jakobson dedicavam-se à fonologia e V. Mathesius defendia a lingüística funcional, que coloca a função de comunicação e expressão como central por considerar a linguagem como atividade dirigida a um fim específico. Essa orientação é seguida ainda na França por André Martinet. Louis Hjelmslev elabora uma teoria chamada *Glossemática*, que apura alguns conceitos saussurianos, como os de forma e substância. Partindo do princípio de que a língua é uma estrutura, uma entidade de dependências internas, ele constrói uma teoria que se conforma numa rede abstrata de inter-relações, uma espécie de álgebra da linguagem, que seria um modelo para a descrição de línguas particulares.

Na linha do estruturalismo, está a lingüística descritiva americana. Leonard Bloomfield não adota a distinção entre forma e substância no sentido da Glossemática. Para ele, há formas e significação: toda forma exprime um conteúdo. Pretendia elaborar um sistema coerente e único de conceitos descritivos aplicáveis à descrição sincrônica de qualquer língua. Sustentava que a língua, como forma de comportamento, é uma entidade autônoma, que pode ser descrita por si mesma por meio de técnicas aplicáveis mecanicamente.

Já Edward Sapir, ao lado de L. Bloomfield, afirma que a língua é uma forma autosuficiente que fornece ao pensamento e à cultura seus canais expressivos adaptando ambos a ela. Se a forma lingüística é pré-racional e nasce da intuição, então os fatos lingüísticos devem ser interpretados e complementados com referência a fatos psíquicos, ou seja, fundamentam-se em um sistema psíquico.

Na década de 1950, começou, nos Estados Unidos, uma reação ao estruturalismo tradicional, extremamente apegado aos dados observáveis e de objetivos quase sempre taxionômicos. Esse movimento foi encabeçado por Noam Chomsky que, com sua *gramática transformacional*, logo depois chamada *gramática gerativa*, procura construir uma teoria capaz de superar as deficiências do Estruturalismo e tentar explicar quais são os mecanismos subjacentes responsáveis pelo aspecto criador da linguagem. Essa é uma fase da Lingüística marcada pela preocupação de grandes sínteses em busca de uma teoria geral que determine as propriedades imanentes das línguas, isto é, as características próprias e imutáveis da linguagem humana: os universais.

Apesar de suas limitações, faz-se necessário reconhecer a contribuição metodológica do Estruturalismo que ampliou o conhecimento das mais diversas estruturas lingüísticas. A teoria gerativa estimulou discussões mais amplas a respeito da natureza intrínseca da linguagem e dos traços fundamentais que deveriam compor uma gramática universal.

É na década de 1970 que os estudos voltados à H. L., conforme afirma K. Koerner (1996) *no sentido do modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios*, começa a consolidar-se. A criação de grupos de pesquisa voltados às questões da HL, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, é apenas um sinal do interesse pela área, ao qual devem ser somados os vários congressos internacionais que têm acontecido desde então. Nos anos de 1970, muitos pesquisadores, interessados pela HL tentaram propor uma metodologia apropriada para a pesquisa historiográfica. Os anos de 1980 testemunharam uma variedade de estudos, oferecendo modelos alternativos de investigação historiográfica, e colocando em debate pontos de vista apropriados à HL. Contudo, desde os anos setenta, como o seu nascimento, a HL vem despertando forte interesse em muitos especialistas, que procuram uma abordagem historiográfica para seus trabalhos, aumentando, dessa forma, o interesse por esta área. Mas, essencialmente, desde que Thomas Kuhn publica seu livro “A estrutura das revoluções científicas”, até os dias atuais, com colóquios, livros e congressos dedicados à HL, é possível perceber que esta ciência está atingindo sua maturidade.

3.7.1. Os estudos lingüísticos no Brasil: século XX

Os estudos lingüísticos, ultimamente, conforme afirma Edith Pimentel Pinto (1988), têm sido norteados, predominantemente, pelo binômio língua/sociedade. Essa tendência começou a esboçar-se nas últimas décadas do século XIX, sob influência geral da ciências sociais, sobretudo da sociologia, psicologia, antropologia e sob a influência particular de algumas obras capitais, como *La vie du language* W. D. Whitney, 1875, *Le Langage et La vie*, Charles Bally, 1912, *Le langage* J. Vendryes, 1921 e *la philosophie du langage* A. Dauzat, 1924.

Essas obras foram, sem dúvida, referência para muitos especialistas e interessados pelos fatos da linguagem aqui no Brasil. A autora ressalta, também, que citações sobre a obra de W. D. Whitney, aparecem, desde 1886, em estudos de José Veríssimo. Na gramática

de João Ribeiro e Eduardo Carlos Pereira, respectivamente, em 1889 e 1907, W. D. Whitney, também é citado. Já no século XX, referências a Charles Bally e Joseph Vendryes, são feitas por inúmeros autores como Tristão de Ataíde e Mário de Andrade.

Esse panorama não se altera até por volta de 1960. De acordo com E P Pinto a partir de então, o mesmo enfoque, língua/sociedade, amplia-se, com a anexação dos dados oferecidos pela teoria da informação, destacando-se a marcante influência de R. Jakobson, notadamente, no que se refere à reformulação de esquema das funções da linguagem.

Cristina Altman (1998) afirma que a emergência de uma prática lingüística no Brasil se traduziu, de maneira geral, pela oposição criada sempre entre dois eixos: filologia x lingüística; texto x sentença; diacronia x sincronia; descrição x explicação; conteúdo x forma; Europa x Estados Unidos. Os anos de 1960, segundo a autora, representam não só o início, mas o resultado de um longo e contínuo processo de “cientifização” e institucionalização dos estudos lingüísticos no Brasil. Mas, é na década de 1930 que se começa a delinear a institucionalização dos estudos e a cientifização lingüística no Brasil.

A profissionalização da carreira de lingüista, principalmente, na década de trinta era composta por estudiosos que nem sempre tinham formação na área de Letras. Muitos destes estudiosos eram advogados ou engenheiros. Conforme C. Altman, Joaquim Mattoso Câmara Junior era engenheiro e, por isso, nunca obteve o reconhecimento que merecia, diante da sua enorme contribuição aos estudos lingüísticos no Brasil.

Na década de 1930, o trabalho realizado por muitos estudiosos, ainda, não havia alcançado a científicidade pretendida. Entretanto, já começava um movimento que buscava alcançar este *status*, principalmente com a vinda de professores do exterior para formar grupos de lingüistas. J. Mattoso Câmara Jr. foi um dos professores formados por esses cursos.

Outro elemento, que parece ter contribuído para constituir os estudos lingüísticos aqui, se deu a partir dos incentivos patrocinados por instituições internacionais que financiavam bolsas de estudos para pesquisadores que iam estudar na Europa – principalmente no período anterior a 1968 – e depois nos Estados Unidos – já nos anos 1970. Quando estes profissionais voltavam ao Brasil traziam novas tendências da pesquisa lingüística, que estavam sendo difundidas no exterior e começavam a implantá-las nos estudos da língua em uso no Brasil. Observa-se que a partir da década de 1970, os estudos

lingüísticos – e a sincronia – iniciam um processo hegemonic, com predomínio da sincronia. Na década de 1970, são criados os cursos de pós-graduação com a nítida preocupação não apenas em formar professores, mas também pesquisadores. Com o desenvolvimento maior da pesquisa, no Brasil, começam a surgir revistas que eram usadas para divulgar os trabalhos realizados nas instituições que abriam espaço para os departamentos de lingüística. As revistas científicas tiveram um papel fundamental, no que diz respeito à consolidação dos trabalhos lingüísticos aqui no Brasil, revelando que por aqui, de fato, o lingüista havia se profissionalizado.

3.8. Estrangeirismos do ponto de vista histórico

Freqüentemente, uma língua absorve termos de outra língua por empréstimo, principalmente, quando é necessário utilizar termos técnicos de uma área específica, quer seja no campo esportivo, quer no campo tecnológico ou em outros campos em que se faça necessário incorporar palavras e expressões novas, oriundas de outra língua.

Entre as línguas que mais têm emprestado elementos e expressões estrangeiras ao português contemporâneo, estão o francês e o inglês. Essas duas línguas, ao longo dos dois últimos séculos, muito contribuíram para a ampliação do vocabulário da língua portuguesa em uso no Brasil, e são justamente os empréstimos delas que preocupam muitos setores da sociedade brasileira. Isso se dá pelo fato de que alguns lingüistas e políticos acreditam que a pressão cultural imposta por essas línguas poderiam impregnar o português de termos que a longo prazo o desfigurariam, trazendo danos irreversíveis à nacionalidade, assim como às identidades lingüística e cultural.

Do ponto de vista histórico, durante a expansão do Império Romano, o latim, diante de guerras e conquistas, fora espalhado por toda Europa. Os romanos impuseram sua língua, sua cultura e seus costumes aos povos dominados. A esse processo, denominou-se *Romanização*. Para garantir a dominação política, os romanos exigiam que em seu vasto Império, o latim fosse de uso obrigatório nas escolas, nas transações comerciais, nos documentos, nos atos oficiais.

No entanto, o latim que foi disseminado, junto aos povos dominados, foi o latim dos soldados, colonos e funcionários romanos, intitulado de latim vulgar. E esse, sob o influxo de muitos fatores, diversificou-se com o tempo nas chamadas línguas românticas.

Devido a fatores como a grande dimensão geográfica do Império Romano, aliada a fatores da diversidade de povos e etnias tão heterogêneas em seus costumes, o latim vulgar não pôde conservar a sua unidade, a qual já era extremamente precária como toda língua que serve de meio de comunicação a vastas e variadas comunidades de analfabetos.

Percebe-se que, nas regiões centrais mais importantes, o ensino do latim difundia o padrão literário e, com isso, retardava os efeitos das forças de diferenciação, mas, nos campos ou vilas mais afastadas das metrópoles a língua, sem nenhum controle normativo, ia moldando o seu próprio caminho.

A partir do século III, pode-se dizer que a unidade lingüística do Império já não existia. Os fatores locais foram acelerando o processo de *dialetalização*, principalmente, devido a alguns fatores histórico-políticos.

Diocleciano, que governou Roma de 248 a 305, instituiu a obrigatoriedade do latim como língua da administração. Mas, contrariamente ao que pensava, anulou os efeitos dessa medida unificadora, ao descentralizar política e administrativamente o Império em doze dioceses, fato que abriu caminho para o aguçamento de nacionalismos regionais e locais.

Ao deixar de ser capital do Império, Roma deixa também de exercer a função reitora da norma lingüística. Com a ascensão de Constantino (330), a sede do Império transfere-se para Bizâncio. Mais adiante, em 395, com a morte de Teodósio, o vasto Império Romano é dividido entre seus dois filhos, cabendo para Arcádio o Império do Oriente, que se conservou até 1453 e, a Honório o Império do Ocidente. Esse último, devido às inúmeras invasões germânicas, ficou suscetível às forças lingüísticas desagregadoras que puderam agir, de tal forma que no século V, os falares regionais já estavam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim.

Logo após essa fase de transição, começaram a surgir os primeiros textos redigidos em cada uma das línguas românicas. O português, dentre elas, teve o seu primeiro texto, ainda em galego-português, apenas no século XIII.

3.9. Influências estrangeiras na língua portuguesa

Os Romanos instalaram-se na Península Ibérica por volta do século III a. C, por ocasião da Segunda Guerra Púnica, porém, somente conseguiram conquistá-la por completo, em XIX a.C., quando Augusto venceu a resistência dos altivos povos das Astúrias e da Cantábria.

Pouco se sabe sobre as antigas populações ibéricas. No início da Romanização, a Península era habitada por uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnico-feníciros, lígures, gregos entre outros grupos mal identificados.

Dos falares desses povos, poucas palavras mantiveram-se no léxico do idioma português. Atribuem-se a povos de origem pré-romanos apenas alguns sufixos por nós herdados, entre eles: *-arra* (de bocarra), *-asco* (de penhasco) etc.

A Romanização não ocorreu de forma homogênea na Península Ibérica. Enquanto, alguns povos, principalmente, nas regiões mais ao norte, não sentiram as influências de Roma, povos como os da Bética assimilaram, rapidamente, os costumes da civilização romana. Segundo o geógrafo grego Estrabão (apud A. Souto Maior, 1972: 243).

Os turdetanos, em especial os que habitavam as margens do Bétis, haviam adotado de tal forma os costumes e a cultura romana que já não se lembravam da sua própria língua. Não faltava muito para que todos se convertessem em romanos.

Depois da reforma de Diocleciano, as províncias da Península passaram a constituir a diocese da Hispânia. A organização administrativa da Península Ibérica era tão forte que mesmo diante das invasões de grupos heterogêneos, compostos por povos germânicos, não conseguiram dominar por completo a diocese

São exemplos da contribuição goda ao léxico do português contemporâneo: nomes de pessoas (*Fernando, Rodrigo, Álvaro, Gonçalo, Afonso*); quanto a topônimos (*Guitiria, Gomesende, Gondomar, Sendim, Guimarães*).

De acordo com Joseph M. Piel (apud A. Coutinho), as palavras godas que se conservaram no léxico da língua portuguesa no Brasil podem ser divididos em quatro grupos, são eles: palavras que já pertenciam ao latim vulgar, por exemplo: *albergue*,

arrear, bramar, bando, elmo, espora, guarda, guerra, rapar, trégua; palavras comuns a todas as regiões, primordialmente, ocupadas pelos povos góticos: *aspas, espeto, espias, estala, garbo, mofo, mofino, roca, taco, ufanar-se*; palavras próprias da Península Ibérica: *agasalhar, brotar, estaca, fato, roupa, sítio, triscar*; palavras exclusivas de idiomas ibero-românicos: *aio, aia, aleive, enguiçar, escanção, ganso, íngreme, luva*.

3.9.1 A contribuição árabe à formação do vocabulário da língua portuguesa

Movidos pela guerra santa os povos árabes conquistam o norte da África e, em 711, desembarcam na Península Ibérica. Sete anos depois, com exceção do pequeno reino do Duque Teodomiro, que por meio século conservou sua autonomia e, de alguns focos de resistência nas montanhas das Astúrias, de onde partiria o movimento de reconquista, toda a península foi conquistada. O domínio muçulmano cobria todo o território que corresponde a Espanha. Desse domínio, a Espanha sofreu forte influência do Árabe, que ao lado do romance eram as línguas da Espanha-Moura.

Durante os cinco séculos em que os árabes dominaram a Península, muitas foram suas contribuições de ordem científica nas artes, na agricultura, na indústria, no comércio, fato que culminou com a introdução de inúmeras palavras de origem árabe, para designar novos e variados conhecimentos.

Em português, as palavras e expressões de proveniência árabe tem sido estimado entre 400 a 1000. Em geral, essas palavras e expressões no idioma português são compostos, como explica Paul Teyssier (1984), de substantivos, referindo-se a termos de organização guerreira: *arrebatar, atalaia, ronda, alferes etc.*; a contribuição, quanto a termos próprios do comércio, pesos e medidas: *aduana, armazém, arroba, quilate, quintal*; quanto a ofícios e cargos: *alfaiate, almocreve, almoxarife, califa, emir etc.*; no tocante a instrumentos musicais: *alaúde, anafil, tambor etc.*; já nas ciências: *algema, cifra, álcool etc.*

Este vocabulário compõe-se, essencialmente, de substantivos, mas nele se encontram por vezes adjetivos (mesquinho, baldio...). É, no entanto, do árabe que se origina a preposição *até*.

Julgava-se que esse termo fosse de origem pré-romano, derivada da palavra *atá*, de *hatta* com o mesmo sentido. O termo oxalá provém da locução árabe *wa sa llah*.

Em outros casos, os árabes foram apenas os intermediários de palavras que haviam tomado a outras línguas. Como são os casos de termos do idioma grego: *alambique*, *alcaparra*, *alfândega*, *alquimia*, *arroz* etc. De origem sânscrita : *alcanfor* e *xadrez*. De origem persa: *azul*, *escarlate*, *jasmin*, *laranja*. Do latim, há inúmeras palavras introduzidas sob forma arabizada: *abricó*, *alcácer*, *almude*, *alporão*.

Em meio a essas influências vai se configurando o português como idioma.

3.9.2 Influências tupi no português

Embora se apresentasse em franca fase de expansão e contasse com significativo poderio bélico, os conquistadores portugueses e, posteriormente, os colonos aqui instalados, não conseguiram impor, rapidamente, a língua portuguesa aos povos nativos. É sabido, que as demais colônias portuguesas da Ásia e África, por terem os nativos, como afirma Afrânio Coutinho (1997:267).

Tecnologia igual ou superior a dos portugueses, tinham interesse em plantar entre os lusitanos seus turgimões ,ou seja, interpretes, não somente por razões comerciais mas, principalmente, por motivo de segurança. Em consequência, a língua dos portugueses foi falada desde o início nessas regiões por iniciativa dos próprios nativos

No Brasil, o processo não se deu da mesma forma. Os povos de raça tupi ocupavam quase todo litoral, por cerca de 600 léguas. Dominavam, ainda, o vale do Paraná-Paraguai, os vales do Araguaia, Tapajós e Madeira, alcançando o Amazonas. Nos primeiros séculos da conquista, a língua portuguesa recebeu destacada concorrência por parte do idioma tupi. Esse processo, como veremos a seguir, deve-se em muito ao trabalho de preservação do tupi, realizado pelos jesuítas.

A língua portuguesa junto aos povos nativos, aqui no Brasil, começa a ser empregada, inicialmente, pela Companhia de Jesus, com a finalidade de catequizar os silvícolas e,

posteriormente, impor-lhes a cultura européia. No entanto, o contato inevitável das duas línguas redundaria em alterações mútuas. Os jesuítas eram verdadeiros apaixonados pelo idioma tupi, o que pode ser observado nas obras de Anchieta.

No constante contato com os índios, os jesuítas criaram inúmeras palavras em língua tupi, destinadas, sobretudo, ao ensino do cristianismo. São exemplos dessas palavras: *ibekè-turyba* (céu), *caray-bebe* (anjo), *kurusu* (cruz), *angateco* (alma pecadora), *tecoayba* (pecado), *yimboençada* (oração).

Com a decadência paulatina da língua tupi, vai sendo empregado a com maior freqüência, a língua portuguesa. Se durante a catequização foram incorporados termos de caráter religioso no tupi, o mesmo podemos dizer da influência tupi no português.

Apesar de o tupi ficar restrito às tribos *insubmissas* que se confinaram no interior do Brasil, ele não desapareceu completamente. A influência desse idioma sobre o português deixou na língua lusitana, inúmeros vocábulos de origem tupi, como afirma B. Lima Sobrinho (op.cit.:143).

Lembra que a língua tupi bom ou mau grado lançou profundíssimas raízes no português. Se isso desagrada a Portugal é grande pena, mas não tem remédio, pois que o tupi se havia vinculado a nossa flora, a nossa zoologia, a nossa topografia.

Foram contribuições do tupi à língua portuguesa: nomes próprios da flora brasileira: abacaxi [yba-caxi]; caju [aça yu]; cipó [ica-po]; ipe [y-pe] jabuticaba [yauti guaba]; mandioca [many oca] etc.; nomes da nossa zoologia: araponga [ara-ponga]; capivara[caà-vara]; grauna [guira una]; jacaré [ya care].

3.9.3. A política em defesa da unidade e a supremacia da língua do colonizador português

No campo político, as forças desempenhadas pelos Jesuítas - do ponto de vista Lingüístico social - *impediram* que o idioma português do colonizador pudesse exercer sua função de dominação sobre os povos indígenas. Os Jesuítas formataram uma gramática da língua falada pelos indígenas, iniciaram um processo de organização vocabular do tupi para

o texto escrito, de forma que a língua portuguesa, nos primeiros dois séculos de dominação, não conseguiu desempenhar seu papel hegemônico de língua oficial em território brasileiro. Isto devido ao fato de até 1750, o Brasil passou por um período de *bilingüísmo*. Apenas, após essa data, com a expulsão dos Jesuítas, realizado pelo Marquês de Pombal, é que a língua oficial e de prestígio no Brasil passa a ser a Língua Portuguesa.

Se, inicialmente, a idéia de trazer a Companhia de Jesus para o Brasil era de evangelizar os povos de origem indígena e, isso deveria se dar por intermédio da língua, esse objetivo encontrou um obstáculo intransponível. Não havia intérpretes que pudessem realizar o processo de tradução de expressões cristãs para a língua tupi. Com a chegada de José de Anchieta, os jesuítas começaram a exercer essa função de *turgimão*. Essa ação lingüística, iniciada por Anchieta, deixou os jesuítas muito próximos da cultura indígena, fato que criou fortes laços entre os jesuítas e os índios, fazendo daqueles os maiores defensores da cultura indígena. Por essa razão os jesuítas estavam em constante conflito com os interesses dos colonos, que por sua vez, contrariados faziam constantes críticas ao trabalho *desagregador* da Companhia de Jesus.

Sob o subterfúgio de pretender agradar a todos na colônia, o Marquês de Pombal, inicia uma série de reformulações políticas no Brasil. Em 1758, Pombal, implanta uma lei de libertação dos índios, dando-lhes um tutor que agia como responsável no processo de instrução dos indígenas.

Não tendo a intenção de agradar os jesuítas, Pombal resolve agradar os colonos. Diante da alegação de que os jesuítas haviam enriquecido ilicitamente por intermédio dos índios, Pombal, em 1759, expulsa do Brasil a Companhia de Jesus. Uns foram mandados ao Vaticano, outros foram encarcerados em Portugal. Sabe-se, que o forte interesse dos jesuítas pela língua tupi, pôde lançar profundos laços culturais e lingüísticos entre os religiosos e os silvícolas. Desses, os jesuítas aprenderam a língua e iniciaram um processo de sistematização dela. Pode-se dizer que os jesuítas influenciaram a língua tupi e por ela foram influenciados. De fato, o que incomodava a metrópole era a manutenção do bilingüísmo, em que o tupi, ao invés de ter sua importância diminuída, cada vez pesava mais sua relevância no relacionamento lingüístico no interior da sociedade colonial.

A expulsão dos jesuítas se deu, dentre outras razões historicamente conhecidas, pelo fato de serem eles os maiores difusores da cultura tupi na colônia brasileira. Isso

contribuiu para retardar os planos da metrópole quanto à dominação lingüística do idioma português sobre a colônia brasileira. É notório que após a retirada dos jesuítas de solo brasileiro, a língua geral, mistura do tupi com o português, foi sendo, paulatinamente, superada pela língua portuguesa, a qual se torna língua oficial da colônia em um curto espaço de tempo.

Talvez, José Veríssimo (apud Afrânio Coutinho, 1997:98), apoiando-se na definição de Gândavo sobre o caráter do índio, possa expor melhor essa situação quando afirma que os jesuítas eram *a chave da penetração no mundo cultural dos indígenas*. Ele diz ainda:

Escreve dos jesuítas um bispo do Pará - cuidarem muito em que os índios ignorassem a Língua Portuguesa, e não tratassesem com brancos" [...] Pero de Magalhães Gândavo entre 1568 e 1570 toma um posicionamento sobre o caráter do povo indígena, que parece justificar a dominação do europeu. Segundo ele: a língua deste gentio toda pela Costa he, huma: carece de três letras-scilicet, não se acha nella F,nem L,nem R, cousa digna de espanto, porque assi não tem fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente.

Apesar da pretensão política da Metrópole portuguesa de impor seu idioma à colônia, as trocas lingüístico-culturais já haviam acontecido, a ponto de terem os colonos portugueses assimilado os costumes dos índios. O tipo de choupanas, o modo de construí-las, o hábito de dormir em rede, os sistemas de lavouras, os métodos de caça e pesca, os alimentos, bebidas e remédios, os modos de preparar a mandioca e de conservar a carne e o peixe pelo processo de defumação, tudo foi herdado da ponte cultural dos índios com colonos e jesuítas.

3.9.4. Influências africanas no português

Após o descobrimento, não só o tupi serviu para influenciar a língua portuguesa. Uma nova corrente, concomitantemente ao tupi, passa a exercer essa influência sobre o idioma português. As línguas africanas, em especial duas delas: o ioruba, falado na Nigéria e o quimbundo, falado em Angola. Para José Brasileiro Vilanova (1997:62)

Tanto os escritores portugueses como os brasileiros utilizaram os estrangeirismos. Gil Vicente, em cuja obra é patente a influência lingüística e cultural do elemento afro-negro, escreveu autos em Português e Espanhol sob essa influência.

E o que diria então um português, desatento aos fatos históricos de sua cultura, que ouvisse dizer que o fado não é um produto genuinamente lusitano. Sobre isso discorre o antropólogo Stélio Marras (Revista Cult:2000).

Sabe-se que a origem do Fado - dir-se-ia gênero tipicamente português! - esteve marcado pelo lundo afro-americano do Brasil colônia, que teria aportado em Lisboa quando do regresso de D. João VI. De sua vez o batuque do lundo impregnara-se do lirismo da modinha portuguesa e dai tomara o gênero próprio de canção, difundindo-se assim desde meados do século XIX pelo Brasil afora. Mas foi em Portugal que o Fado se popularizou. Foi na lusa terra que o Fado cativou almas, como obedecendo um sentido contrário de colonização cultural. (...)

Após o contato com o idioma indígena, a língua portuguesa logo sofreria a influência das línguas africanas. No entanto, esse processo se deu de forma bastante complexa. Segundo P. Teyssier (op. cit. : 87): *Certas palavras passaram diretamente da África a Portugal, sem transitar pelo Brasil, e foram, posteriormente, introduzidas no país pelos portugueses.*

As línguas africanas aqui introduzidas, de forma direta, foram trazidas por escravos guinianos, sudaneses e bantos, que para cá foram transportados. Além das línguas iorubá, (do grupo sudanês) e do quimbundo (do grupo banto) destaca-se também o nagô.

Esses grupos viveram principalmente em Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, entre outros estados. O contato freqüente desses africanos e suas mulheres com o branco se deu principalmente no campo, em fazendas de café e de cana de açúcar. As mulheres dos africanos escravizados pelo branco desempenhavam atividades domésticas nas sedes das fazendas. Muitas vezes, serviam de pajem dos filhos dos fazendeiros e, freqüentemente, ensinavam-lhes as primeiras sílabas.

As línguas africanas influenciaram, sobremaneira, o nosso vocabulário, principalmente, na fonética. Segundo A. Coutinho (op. cit.:298):

O fonema LH transformara-se na semivogal Y

*Mulher.....| muyé |
Palha.....| paya |
Filho.....| fyo |*

O fonema J, passava a Z

*José.....| zeZé |
Jesus.....| Zézus |*

Em certas palavras eram praticadas aféreses

*Imaginar.....| maginá |
Você.....| ocê |
Sebastião.....| Bastião |*

As contribuições das línguas africanas ao léxico do português em uso no Brasil, segundo P.Teyssier (op. cit.:88), podem ser separadas assim:

O iorubá está na base de um vocabulário próprio à Bahia, relativo às cerimônias do candomblé (ex: orixá) ou à cozinha afro-brasileira (vatapá, abará). Já o quimbondo legou ao Brasil um vocabulário mais geral, quase sempre integrado à língua comum (ex: caçula, cajuné, molambo, moleque). Muitas vezes esse vocabulário evoca o universo das plantações de cana-de-açúcar (ex: banguê), com os escravos, seu modo de vida e suas danças (ex: senzala, mocambo, maxixe, samba).

O mecanismo da assimilação no processo mútuo de trocas, por meio de pontes culturais entre o negro, o índio e o branco, parece ter se incorporado perfeitamente no amálgama das forças culturais dos povos dominados e, também, do dominador. Isso tornou plausível a idéia de ter sido este o cimento da unidade étnica nacional, que é à base de boa parte da identidade cultural que faz o português em uso no Brasil ter características, lingüístico-culturais, tão sólidas. Nem mesmo a força da imposição da metrópole pôde romper essas marcas culturais e suas respectivas variações lingüísticas que tanto se difere dos lusos além-mar.

Na base das trocas entre o português, os indígenas e os africanos, em solo brasileiro, trocas inclusive obrigadas por força adaptativa e que, por isso, o português soube transigir e daí tirar proveito, temos, finalmente, a união das três raças bases do mito da etnicidade brasileira.

3.9.5. A influência francesa no século XVIII

O emprego das palavras francesas na língua portuguesa constitui o que se denominou galicismos, os quais podem ser divididos em:

- léxicos: o emprego de palavras do francês na língua portuguesa. Exemplo: Abajur, corbelha, atelier, avalanche, detalhe, elite, fetichismo, governante, nuance etc., todas já aportuguesadas.
- Franseológicos: expressões ou construções francesas utilizadas em português. Exemplo: guardar o leitor, chefe de obra golpe de estado, bater em retirada, a olho nu etc.

A influência francesa sobre o léxico português manifesta-se desde o século XVII e foi muito marcante na primeira metade do século XX, tendo desencadeado, como consequência, uma atitude reacionária por parte de jornalistas, escritores e gramáticos, conhecidos como “puristas”, que se insurgiram contra o emprego de tantos francesismos em nosso idioma.

Essa influência, principalmente no português em uso no Brasil, no início do século XIX foi muito grande. Nas décadas de 20 e 30, no Rio de Janeiro, as famílias ditas chiques só falavam português com os criados. Entre membros da elite fluminense, era muito comum fazer a comunicação cotidiana utilizando-se do francês.

Processo semelhante ocorreu no português além-mar, conforme afirma P. Teyssier (op. cit.:38):

A partir do século XVIII o espanhol deixa de desempenhar o papel de 2^a língua de cultura, que passa então a ser exercido pelo francês. Não se trata propriamente de uma situação de bilingüísmo, mas é nos livros franceses que os portugueses vão buscar boa parte de sua cultura e, é por intermédio do francês que entram a maioria das vezes em contato com o mundo exterior. Ainda que rechaçado pelos puristas, o galicismo insinua-se de mil maneiras no vocabulário e na sintaxe.

A influência francesa marcou, sobremaneira, nossa literatura. Isso se deu no Romantismo, no Realismo, no Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo e outras correntes que se estenderam até os dias atuais, não só em relação aos escritores contemporâneos, mas também no que tange aos de época anteriores, como os moralistas e outros clássicos.

Segundo J. Mattoso Câmara Jr. (apud José Brasileiro Vilanova 1997:88):

Os galicismos de Eça de Queiroz. Ou os anglicismos de Joaquim Nabuco não têm em regra outra causa senão a tonalidade afetiva com que a exteriorização Psíquica, pela admiração literária naquele e pela admiração política neste, colora os termos franceses e os ingleses Respectivamente.

Ao lado dessas influências de caráter literário, é necessário não esquecer correntes de pensamentos que, por todo esse tempo, oriundos da França, exerceram um papel decisivo na mentalidade brasileira, como o complexo positivo-naturalista que moldava uma opinião negativa da miscigenação ocorrida aqui no Brasil.

A forte influência cultural, política e lingüística do idioma francês na língua portuguesa, fez com que fossem incorporadas várias palavras de origem francesa ao idioma aqui falado, e, essas influências estrangeiras, geram polêmicas como veremos a seguir.

3.9.6. A influência anglicana no século XX

Após a incessante influência francesa, dos séculos XVIII e XIX, na língua portuguesa, são os anglicismos, a partir do final da Segunda Guerra Mundial (1945), que começam a influenciar nosso idioma. Sobre isso I. M. Alves (op. cit.: 8) diz: *Contemporaneamente é sobretudo da Língua Inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios, técnicos e científicos.* Mas, não podemos restringir esses empréstimos apenas aos campos científico e político. Sob o aspecto estilístico, os

anglicismos freqüentemente podem ser determinados ora por uma exigência da efetividade, ora por seu caráter de universalidade, ora por uma imposição da expressividade.

J. Mattoso Câmara Jr. (1955: 82) diz que alguns autores como, por exemplo, Joaquim Nabuco, famoso pelo uso de anglicismo em suas obras, substitui, muitas vezes, nos seus textos, a palavra penhasco pelo termo em inglês cliffs. O mesmo podemos perceber em Carlos Drummond Andrade em seu poema Cota Zero, só que neste caso o processo parece ser mais estilístico do que propriamente fruto da admiração ao estrangeirismo.

*Stop.
A vida parou
Ou foi o automóvel?*

A palavra *stop* no poema foi empregada pelo seu valor de caráter universal. Muitas vezes na literatura o estrangeirismo é mais expressivo do que seus equivalentes vernáculos. Observe o exemplo abaixo, extraído da poesia de C. D. de Andrade:

*Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai. Carlos! Ser gauche
na vida.*

O galicismo *gauche* é ditado pela expressividade. De fato, qual a palavra vernácula que poderia substituir esse termo em sua conotação?

Em nosso vocabulário os anglicismos designam, principalmente, palavras ligadas a produtos industrializados, a equipamentos e acessórios esportivos etc.. São exemplos dessas palavras já adaptadas ao léxico português: *bar, basquetebol, bife, clube, iate, lanche, repórter, sanduiche, córner, uísque ponche, turfe, esporte, dólar, futebol entre outras*.

Outras parecem estar em fase de aportuguesamento, como são os casos de: *software, marketing, banner, workshop*. É evidente que em todo processo de influência estrangeira sobre um idioma há exagero. Dificilmente uma nação em um mundo globalizado, marcado por grandes contatos entre povos de culturas e línguas diferentes, não sofra nenhuma influência.

Atualmente, constata-se que a língua inglesa é a maior prova da força do processo de globalização. Palavras e expressões estrangeiras espalham-se pelos quatro cantos do mundo, influenciando culturas, sociedades e línguas. No caso específico do português em uso no Brasil, notamos que o maior fluxo de palavras e expressões derivadas da língua inglesa ocorrem por meio da tecnologia da informática, palavras como *hacker*, *e-mail*, *download*, *web*, *Chat etc.*, dentre outras incontáveis inovações lingüísticas, que surgem no português no Brasil por intermédio da informática e da globalização. Nessa perspectiva, tomamos como objeto de estudo os textos da seção *Tem Mensagem Pra Você*, da Revista *Info Exame*, os quais apresentam características da influência da língua inglesa, por intermédio da informática, sob o português em uso no Brasil.

CAPÍTULO IV

A INOVAÇÃO LINGUISTICA PRESENTE NA REVISTA *INFO EXAME*

4.1. Expressões estrangeiras em língua portuguesa e seus conflitos: da inovação à adoção

Definimos aqui expressão estrangeira como, o uso de qualquer elemento lexical, palavra, locução, ou frase, que tenha sua origem emprestada de outra língua. Nas últimas décadas, por meio da informática, e por conseguinte da Internet, a língua portuguesa em uso no Brasil sofreu forte influência de expressões procedentes de outros sistemas. Expressões como *on line*, *home page*, *upgrade*, entre outras, começaram a fazer parte do nosso cotidiano lingüístico. No entanto, as expressões estrangeiras não povoam apenas o campo lexical da informática. Esse tipo de influência se disseminou por vários setores da sociedade. Exemplo disso podemos encontrar nos anúncios publicitários, na mídia escrita, radiofônica e televisiva, no esporte e no comércio. É muito comum, atualmente, nos depararmos com expressões como *on sale*, *ou personal banking*. entre outras. Temendo que a língua portuguesa fosse *degenerada* pelo uso dessas expressões, alguns setores da sociedade começaram a discutir uma forma de impedir o uso de tais estrangeirismos, por meio de uma lei.

Há cerca de cinco anos, o então Deputado Federal Aldo Rebelo apresentou, para discussão e aprovação pelo Congresso Nacional, o Projeto de Lei nº 1676/99 que dispunha “sobre a promoção, proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”.

O projeto suscitou muitos debates e discussões no âmbito das universidades, com algumas posições favoráveis e muitas desfavoráveis, especialmente por parte dos lingüistas, que não concordaram com a forma como o projeto foi apresentado, uma vez que ele fere uma série de pressupostos teóricos defendidos pela Lingüística.

É opinião unânime entre os lingüistas de que o uso de neologismos, empréstimos e estrangeirismos não corrompe a língua, nem humilha seus usuários, como frisa o Deputado. Ainda sobre isso, afirma John Robert Schmitz (2000: 02)

A presença de estrangeirismos não deve ser visto como uma invasão que comprometa o idioma, mas como uma oportunidade para o desenvolvimento científico e cultural. A existência de expressões estrangeiras numa determinada língua não coloniza o pensamento nem tolhe o raciocínio, a criatividade e a originalidade dos que querem se expressar oralmente ou por escrito.

Muitos artigos foram escritos e muitas discussões foram feitas por professores e pesquisadores de todo país, especialmente em congressos, seminários, por meio da mídia, eventos promovidos por várias associações.

Para os lingüistas não se pode reger a língua por meio de decretos ou leis. A língua como prática social desenvolve-se a partir das necessidades do usuário dessa. A língua como afirma André Martinet (1968), é uma análise particular dos dados da experiência humana. Modifica-se continuamente para atender às necessidades de seus falantes. Essas necessidades são diferentes a cada momento, dependendo do seu usuário, do meio em que esse vive, de sua idade, de seu sexo, de sua escolaridade, de seu trabalho, enfim, o homem como ser vivo, utiliza a língua em todas as suas atividades e essa língua se adapta e se modifica de acordo com esses usuários.

A língua devido a seu dinamismo tem que se expandir para atender as necessidades lingüísticas de seus usuários, quanto às novas tecnologias, aos novos materiais de trabalho, aos novos meios de comunicação. Isto, necessariamente, requer a criação de novos itens lexicais, sejam eles tomados por empréstimo ou não. O Projeto de Lei de Aldo Rebelo, pretendia limitar o uso de termos e/ou expressões tomadas por empréstimo de outras línguas, sob pena de punição, inclusive financeira aos infratores dessa lei.

Na França, essa espécie de xenofobia, não é diferente. A França possui inclusive um Ministério de Terminologia que obriga a tradução de todos os programas de computador (lá, software é logiciel); os aeronautas fizeram greve e conseguiram que, em território francês, o idioma usado nas comunicações entre aeronaves e aeroportos seja o francês. A França como país criador das Olimpíadas da Era Moderna, protestou contra a tentativa da retirada do idioma Francês das comunicações oficiais dos jogos (que, em Sidney, foram feitas em Grego, Inglês e Francês).

Procurando evitar a influência do inglês sobre o francês e tendo como finalidade disciplinar e prestigiar a língua francesa, em 4/8/1994, foi editada a lei 94.665. Em 14/4/2002, as agências de notícias internacionais registraram a polêmica, gerada por essa xenofobia, entre um dos principais jornais franceses, *Le Monde*, e seus leitores. Leitores do jornal francês, *Le Monde* não aprovam a publicação de um suplemento semanal em inglês, com artigos do diário norte-americano *The New York Times*. A manifestação contrária dos leitores, que acusaram o jornal de contribuir para o processo de "americanização" e destruição da língua francesa, se deu a partir de cartas enviadas à redação. Em agosto de 2001, o *Le Monde* realizou uma pesquisa na qual 59% dos entrevistados disseram ter interesse em um suplemento com textos em inglês. Jovens entre 15 e 24 anos foram os que revelaram maior apoio à idéia. Segundo o *ombudsman* do *Le Monde* Robert Sole, a idéia do suplemento é fazer com que os franceses tenham uma nova visão dos EUA.

No Projeto de Aldo Rebelo, um dos pilares da argumentação é o de uma língua una, e que a adoção de empréstimos de termos e expressões de outras línguas corromperá a língua portuguesa em uso no Brasil. Wolfgang Roth (1980: 57), sobre isso afirma:

O problema do empréstimo lexical se distingue de outras questões lingüísticas na medida em que não interessa apenas aos lingüistas propriamente ditos, mas também àqueles que poderiam chamar-se de amadores da ciência da linguagem. A atualidade das questões resultantes dessa problemática (os empréstimos) vem assegurada por aqueles que creem dever dedicar-se a determinado tipo de defesa da norma lingüística e que eu, no que segue, chamarei de ideólogos da língua.

O Brasil, como um país “continente” tem uma multiplicidade de diferenças sociais, econômicas, culturais e geográficas, e a língua em uso acompanha todas essas variedades de experiências e realidades, dando, consequentemente, variações sob todos esses aspectos e sob os diferentes níveis da linguagem: fonético-fonológicos, léxicais, morfo-sintáticos e semânticos.

Tentar negar ou bloquear essa inserção é procurar manter o país fechado às inovações, é torná-lo isolado quer lingüística, quer política, social, cultural e economicamente. Impedir, por meio de leis e decretos que se usem termos e expressões novas surgidas a partir das novas realidades mundiais, é tentar nos atrelar aos países mais fechados e radicais. Para Kanavilil Rajagapolan (1999), a idéia contida no senso comum é de que a

globalização resulta de uma única influência, que acaba com todas as identidades e que o mundo irá se “mcdonaldizar”. A globalização, ainda segundo K. Rajagopolan (op. cit.:02):

é a inserção do país e de seus habitantes, incluindo os usuários da língua, na era da tecnologia, das descobertas e da socialização dessas tecnologias e descobertas. Se paralelamente, vem a cultura McDonalds, é uma consequência que não se pode impedir

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, das facilidades de locomoção e transporte das pessoas, o Brasil, e consequentemente a língua portuguesa, acabam acompanhando essas mudanças, sendo muito difícil, no contato travado com outros sistemas, sejam eles sociais, econômicos, políticos, lingüísticos ou culturais, não buscar as palavras e expressões que representem essas novas experiências. É nesse contexto, que se deve analisar a questão dos neologismos, dos empréstimos e dos estrangeirismos.

4.2. O estrangeirismo e sua adoção

“O Office-boy flirtava com a baby-sitter no hall do shopping center” (Marcos Bagno)

As línguas mudam, assim como as sociedades e as culturas. Há mudanças espontâneas que parecem resultar de motivações internas ao sistema lingüístico e mudanças que se configuram a partir de processos de aproximações entre sociedades e culturas. A partir disso, é possível constatar que o tráfego de expressões estrangeiras, resultante do contato entre culturas diferentes, amplia-se e difunde-se, primeiramente, como elementos de inovação no idioma que as transplantam, depois como adoção do termo.

Destacamos aqui o processo de inovação por empréstimo a partir de motivações externas ao sistema lingüístico, como é o caso da influência dos processos civilizador e de globalização. Diante dos contatos globalizantes presentes na atualidade, constatamos uma grande quantidade de termos empregados como inovadores que ora são adotados, por terem sua funcionalidade comprovada, ora desaparecem por não apresentarem necessidade expressiva do usuário. Podemos perceber, partindo desse raciocínio, que muitos

estrangeirismos têm vida curta, ou são incorporados naturalmente à língua, o que torna difícil determinar sua origem. Exemplo disso pode ser verificado em termos como: garçom, futebol, bife, entre outros

No que se refere à epígrafe que abre este item, observamos que sua estrutura sintática é própria da língua portuguesa, apesar dos vocábulos estrangeiros. No caso específico do termo **office-boy**, constatamos que essa expressão designa o funcionário de um escritório, normalmente, responsável por fazer, entre outras atividades, pequenos trabalhos em bancos. A expressão, originalmente da língua inglesa, aos poucos foi acomodando-se ao português, incorporando novas designações semânticas e ortográficas. Atualmente, quando nos referimos ao mesmo funcionário, dizemos apenas **boi**, termo que já traz sua predicação registrada por Antonio Houaiss (2001: 477). A expressão foi aportuguesada, ganhando elementos próprios do idioma português, mas, com valor semântico diferente do original. O termo **boy**, na língua inglesa, predica o substantivo “menino”, diferente do sentido empregado na língua em uso no Brasil.

Como podemos verificar, atualmente, as inovações lingüísticas não derivam de forma exclusiva do mundo das tecnologias. Termos como *fast-food*, *self-service*, *best-seller*, *air-bag*, *marketing*, *ranking*, *traller*, *e-mail*, *hardware*, *software* entre outros, há muito tempo difundidos pelos usuários, foram incorporados à língua portuguesa. Atualmente, é cada vez mais comum utilizarmos o termo *delivery* para designar os serviços de entrega em domicílio. A pizza quando próxima ao termo *express*, nos dá a sensação de que o produto sairá do forno em menos tempo. Lojas de animais são *pet shops*. A liquidação é *on sale*, o desconto é *off*. O que era grátil, agora é *free*. Tudo é center: *design center*, *estetic center*. As perfumarias anunciam a *new fragrance*. O moderno é *fashion*. Recorte de notícias é *clipping*. Subir na empresa ou na vida é um *upgrade*. Modelo número um é *top model*. Ginástica é *fitness*.

Não há como escapar; estamos diante do processo civilizador em essência. Há quem sustente que nesse processo está ocorrendo excessos no uso dos empréstimos. No entanto, é fato que muitos desses termos estão sendo incorporados ao léxico da língua portuguesa, seja diante do fato da inexistência de um termo semelhante para designar determinada situação ou objeto, seja por atender a uma necessidade expressiva do usuário da língua. Os termos *deletar* e *escanear* já não são simples jargões da informática ou de técnicos

envolvidos diretamente com o setor. Essas palavras, bem como outras, originárias do campo da tecnologia da informação foram incluídas como termos aceitos pela língua portuguesa. Tais termos e expressões estão entre nós, nacionalizados e incorporados pelo dicionário, passando ou não por transformações semânticas, fonéticas ou morfológicas.

Assim, constatamos que a língua acompanha as mudanças da sociedade e da cultura em que se insere e onde se desenvolve. Palavras e expressões estrangeiras que se incorporam à língua portuguesa passam por etapas de adaptações, sofrendo ou não as alterações necessárias para serem adotadas e dicionarizadas.

As palavras de vocação cosmopolita circulam pelo mundo e acabam por integrar um vocabulário que aumenta sem cessar, aproximando culturas e sociedades. Para Sergio Corrêa da Costa (2000:24) *cada palavra obedece à necessidades seja de nomear um objeto, uma idéia, um acontecimento, seja de comunicação com outros membros da comunidade.* Fatos e objetos novos necessitam de palavras inovadoras, ou seja, impõem a criação de palavras para nomeá-los.

Cada palavra valoriza uma necessidade social. De acordo com S. C. da Costa (op.cit.: 24) *a língua dos esquimós teria 14 advérbios para indicar distância, visto que, no caso deles, um erro de avaliação poderia ser fatal.* Provavelmente, os termos para se referirem a balneário, na língua desse povo, seriam raros diante de sua pouca utilidade.

Os estrangeirismos podem penetrar em uma língua seja por incorporação pura e simples, sob o formato de origem, como: *baby-sitter, copyright*; seja mediante pequenas adaptações gráficas ou fonéticas: *leader*, transformado em **líder**; *hot dog*. Há casos de tradução literal: *sky-scraper, gratte-ciel, rasta cielo, arranha-céu*. Por vezes, não é a palavra em si que se infiltra no uso corrente de outras línguas, mas um sentido que lhe é peculiar. S. C. da Costa (op. cit.:26) exemplifica:

to realize (compreender), que, sob a forma ‘réaliser’, substitui com freqüência o francês ‘se rendre compte’ ou o espanhol ‘darse cuenta’ Nos nossos dias, um brasileiro ou um português pode, impunemente, adotar esse sentido inglês e dizer: ‘Custei muito a realizar o que ele queria dizer’..

As línguas humanas não são constituídas de realidades estáticas. Todas elas representam grande variabilidade social, cultural, política e geográfica, além de passarem,

continuamente, por um lento processo de mudança no tempo. Por isso, é comum dizer que toda língua humana tem história. Neste sentido, quando olhamos a língua como uma realidade histórica, analisamos essa de forma intimamente vinculada à vida social e cultural de seus usuários.

Nesta perspectiva, ressaltamos que nos processos civilizatório e de globalização inúmeros estrangeirismos inovadores são introduzidos na língua portuguesa, contudo apenas um pequeno número desses vocábulos são, de fato, adotados.

No fluxo do tempo, a língua se transforma, isto é, estruturas e palavras deixam de fazer parte do acervo lexical. Outras ocorrem modificadas em sua forma, função e/ou significado. De forma semelhante, inúmeras expressões chegam ao idioma com sua forma inovadora. Ao serem adotadas, sofrem as alterações necessárias para se incorporar ao novo idioma, adaptando-se gráfica e foneticamente ou, simplesmente mantêm suas características originais.

4.3. Estrangeirismos na Revista *Info Exame*

Sandra Carvalho (2004b:01) diretora de redação e colunista da seção *Tem Mensagem Pra Você*, posiciona-se a respeito dos estrangeirismos na *Info Exame*, dizendo que:

Quem vive às voltas com tecnologia é atropelado a cada minuto por palavras novas, freqüentemente em inglês-siglas,acrônimos, abreviaturas e termos, às vezes estranhíssimos, escritos da maneira menos convencional possível. Parece um complô para levar os gramáticos à beira de um ataque de nervos. Bem, aqui na redação da revista INFO, especializada em tecnologia, ninguém se abala mais com isso. É a nossa rotina.

Ela ainda anuncia a publicação do Dicionário da *Info*, como um compêndio das palavras mais usadas no dia-a-dia de quem mexe com computação, Telecom e Internet. S. Carvalho justifica a autoridade da Revista em propor tal intento pelo fato da *intimidade da Info com o mundo da Tecnologia*. Ainda, segundo S. Carvalho eles, na redação da *Info Exame* até procuram evitar o inglês em excesso, mas o resultado não é, de fato, alcançado. Sua justificativa pauta-se no argumento de que, apesar de as grandes invenções do mundo

da informática nascerem em países da Europa e Ásia, o inglês é atualmente a língua universal da Tecnologia, com termos “absolutamente intraduzíveis”. Sendo mais enfática indaga-se: *alguém conhece algo melhor que download ou business intelligence?*.

Palavras estrangeiras sempre influenciaram o idioma, como as empregadas do francês no século passado – abajur, garagem, toalete. Parece mesmo natural que o uso dessas palavras e expressões estrangeiras, quando não encontram no idioma que as transplantam, um termo apropriado para substituí-las, busque no empréstimo uma forma para designar as novidades tecnológicas. Se no século XIX era o francês *a língua do progresso* hoje é o inglês responsável por esse papel. Como afirma Cora Ronai (2000:02) *quem cria a tecnologia inventa a terminologia*. O ritmo acelerado dos avanços tecnológicos parece estar deflagrando de forma mais rápida as mudanças no idioma. Alguns lingüísticas afirmam que neste século a língua passou a ser considerada fenômeno cultural dinâmico, que acompanha a realidade. Combinada a essa noção, a tecnologia ingressou fortemente nos contextos comunicativos de todas as camadas sociais.

Mas, apesar de compreendermos este fato, o estrangeirismo causa dificuldades e cria polêmica. Já na época em que a Revista *Info Exame* ainda estava vinculada a *Exame*, um leitor posicionou-se a respeito do assunto (09/01/1985 p.04):

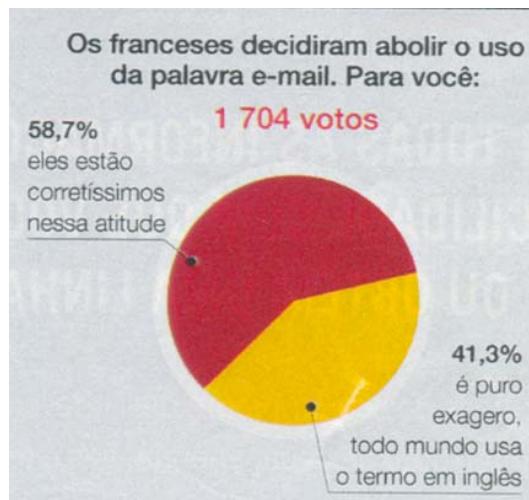
Sr. Diretor. É necessário que Exame, ao utilizar certos termos difíceis ou palavras estrangeiras, nos dê a oportunidade de saber seu significado. Muitas vezes perdemos horas inteiras consultando dicionários e a leitura torna-se cansativa e sem maior aproveitamento. Freqüentemente, encontro palavras como marketing, Advertising Age (o que significam?).

A *Exame* na mesma edição responde:

Exame só utiliza palavras estrangeiras quando são de uso corrente entre nós, como é o caso de marketing – que, aliás, poderia ser traduzida por mercadologia e significa um conjunto de estudos e medidas que sustentem estrategicamente o lançamento ou a campanha de um produto. Já Advertising Age (Literalmente “Era da Publicidade) é simplesmente o título de uma publicação norte-americana especializada em assuntos de publicidade.

Recentemente, foi realizada uma pesquisa na Internet¹, com o objetivo de verificar o grau de aceitação, pelos internautas, sobre o uso dos estrangeirismos tecnológicos na rede e nas publicações voltadas ao campo do mundo *high tech*. O resultado mostrou que 11,39% dos usuários da Internet, envolvidos na pesquisa, achavam que esses estrangeirismos são fundamentais, pois incorporam novas expressões e palavras ao léxico da língua portuguesa. Já para 16,46%, os estrangeirismos são desnecessários, quando houver termo equivalente no próprio idioma. Mas, na opinião da grande maioria dos internautas, cerca de 72,15%, os estrangeirismos só deveriam ser usados quando não existissem termos com o mesmo valor na língua portuguesa.

Por ser uma questão polêmica, essa atividade gera inúmeras discussões e as pesquisas, ao que parece, revelam isso. Por ser uma Revista que trata, como já dissemos, de temas que envolvem o mundo da tecnologia, e por conter incontáveis estrangeirismos em suas páginas, *Info Exame* não se esquivou da contenda. Repercutindo a controvérsia gerada pela proibição do uso de estrangeirismos na França, a Revista, (12/09/2003), na seção O Leitor é o Juiz, perguntou:



¹ Esta pesquisa foi realizada no site: WWW.mundocultural.com.br no dia 23/01/2002.

Mesmo diante do fato de a língua em uso no Brasil ser o português, independente das influências externas, há quem acredite que o emprego crescente de expressões do inglês possa descharacterizar a língua portuguesa. Prova disso, é apresentado no neste gráfico. A maioria dos leitores da *IE*, mesmo pertencendo as classes A e B, como vimos no primeiro capítulo, são contrários ao uso de termos emprestados de outras línguas, por acreditarem que essas expressão possam degenerar a língua portuguesa. De acordo com Luis Antônio Marcushi, em entrevista concedida a Revista Kalunga (junho de 1997), para ocorrer uma mudança de tal magnitude seria necessário bem mais que a simples introdução de novas palavras e vocábulos ao português. Segundo ele: *uma mudança tão profunda teria que incorporar novos fonemas e novas formas sintáticas*, o que não está acontecendo. Ainda conforme L. A. Marcushi, o sistema lingüístico só admite para a língua o que pode ser articulado de acordo com a estrutura fonológica que lhe é própria.

Na perspectiva traçada pelos manuais de redação e estilo, dos principais jornais e revistas do país, as palavras estrangeiras não são condenadas por princípio, mas algumas regras, neles contidas, buscam prescrever seu uso. Assim, se for difícil encontrar um termo equivalente na língua portuguesa, para designar um objeto ou uma idéia, orienta-se o uso do estrangeirismo na íntegra. No entanto, quando a palavra tiver correspondente na língua portuguesa, esse é preferido. O Manual de Redação e Estilo do Jornal O Estado de S. Paulo (1992:58) orienta:

A palavra estrangeira, na sua forma original, só deverá ser usada quando for absolutamente indispensável. O excesso de termos de outra língua torna o texto pretensioso e pedante. E não se esqueça de explicar sempre, entre parênteses, o significado dos estrangeirismos menos conhecidos.

Apesar de não termos indicações que a *Info Exame* siga este manual, em algumas ocasiões pudemos perceber a tendência da Revista a explicar termos pouco difundidos. Veja os exemplos² abaixo:

Chips e outros componentes eletrônicos são commodities modernos, ou seja, matérias-primas para a produção de artigos de grande conteúdo tecnológico.

² O Primeiro exemplo veiculado em 12/01/1997; o segundo em 04/03/2001.

Em outro momento, *Info Exame* esclarece:

Nossa principal newsletter diária, o Correio INFO, que resume as principais notícias de tecnologia, só existe no correio eletrônico.

Se é, aparentemente, difícil determinar a tendência a um modelo específico de manual de redação que a Revista *Info Exame* acompanha, o mesmo não se pode dizer do padrão gramatical. Na seção Correio, da *Info Exame* (junho de 1994), respondendo aos leitores sobre um suposto problema gramatical a Revista declara:

Muitos leitores escreveram à Informática Exame apontando erro gramatical na frase: 'Como o uso correto da informática pode fazer seus negócios render mais?', publicada na capa da nossa edição de março. Esclarecemos, no entanto, que o 'render' não flexionado não foi um cochilo de concordância. Em seu Dicionário de Questões Vernáculas, às páginas 153 e 154, o gramático Napoleão Mendes Almeida explica por que em frases desse tipo o infinitivo não deve ser flexionado. Como apoio, o autor apresenta os seguintes exemplos: 1) Napoleão viu seus batalhões cair. 2) Vi os navios que partiam desaparecer no horizonte. 3) Fazia os alunos copiar as perguntas. 4) Não deixe os outros entrar.

Paradoxalmente, ao que prega a Revista atualmente, no que se refere aos estrangeirismos, o referencial de norma gramatical dela, segue orientação de um gramático tradicional. Na perspectiva de José Luiz Fiorin (In: Carlos Alberto Faraco, 2000), o gramático Napoleão Mendes de Almeida, baluarte do purismo xenófobo, não demonstrava apreço às influências estrangeiras na língua. J. L. Fiorin (op. cit.:122) ao avaliar o Projeto de Lei 1676/99, do deputado Aldo Rebelo, afirma:

Manifesto-me contrariamente a qualquer política de aquecimento do nacionalismo, pois a barbárie da nossa época apresenta o paradoxo aparente de que diante de uma globalização econômica e cultural se acentuam os particularismos, que têm ao nacionalismo, à xenofobia, aos fundamentalismos etc. Não é sem razão que o projeto do deputado tem encontrado apoio nos setores mais conservadores de nossa sociedade. É curioso que o deputado apresente uma citação de Napoleão Mendes Almeida.

Marcos Bagno segue a linha de J. L. Fiorin ao referir-se ao gramático N. M. Almeida. Segundo M. Bagno (op. cit.: 52-53):

O deputado contribuindo ainda mais para o caráter (involuntariamente?) cômico de seu texto – cita como ‘um dos nossos maiores linguistas’ o professor Napoleão Mendes de Almeida, o mesmo que durante muitas décadas, até morrer em 1998, defendia idéias como: ‘É português estropiado que no Brasil se fala’, idioma que para ele equivalia a uma ‘língua de cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos’. Sua visão dos fenômenos lingüísticos era profundamente autoritária, preconceituosa e toda voltada para o passado da língua (...) Além disso, o título de lingüista decerto não lhe agradaria, porque para Napoleão a ciência lingüística só servia para ‘fixar inúteis, pretenciosas e ridículas bizantinices’, como está impresso em seu Dicionário de Questões Vernáculas (verbete ‘linguística’).

4.4. Princípios em análise: imanência

Fazemos aqui o levantamento das informações e o estabelecimento de um entendimento do documento selecionado, tanto no que concerne à Lingüística quanto à História, com o intuito de examinar a seção *Tem Mensagem Pra Você*, da *Info Exame*, em sua materialidade lingüística, nos limites do próprio texto.

As palavras originárias do mundo da informática, em alguns casos, dão novos significados a palavras já existentes na língua portuguesa. Há casos de criações lexicais para designar objetos ou idéias novas. Em outros momentos, o estrangeirismo originário dos avanços tecnológicos, incorpora-se ao idioma, enriquecendo-o. Observamos na seção *Tem Mensagem Pra Você*, inúmeras ocorrências de palavras e expressões advindas da influência das grandes tecnologias, dentre elas os estrangeirismos que surgem como uma forma de enriquecer a língua portuguesa.

Constam nos textos da seção *Tem Mensagem Pra Você* as seguintes construções:

tem mensagem pra você

Entre lupas e notas



CONTAMOS DIGITAL, COTY LIMA
Foto: GISELE FOTO DE GERALMIND
LEADER

Ano novo, big changes. A primeira **INFO** de 2004 está muito diferente das outras num aspecto essencial: as avaliações do INFOLAB. Mudamos radicalmente o sistema de notas dos testes da revisão, em busca de maior precisão. Três pimentas, cinco estrelas, nada mais disso existe. Nossa pontuação agora vai de 0 a 10, com toda a infinita gama de variações que cabe dentro disso. Teoricamente, começamos do ponto mais baixo da escala, em que se encontra o puro lixo tecnológico, isto é, produtos e serviços de nota 0, e terminamos no nirvana high tech, com produtos e serviços perfeitos, impecáveis, merecedores de nota 10. Obviamente, tais extremos serão raríssimos, se é que um dia

vão se materializar em nossas páginas. Nossos dia-a-dia é dominado por hardware e software *non-nonsense*, no patamar de notas 6 (produtos médios), 7 (produtos bons) e 8 (produtos muito bons), como vocês vão ver nesta edição. Outra mudança se refere ao preço dos produtos que analisamos. Até agora nossas referências eram os preços sugeridos pelos fabricantes e distribuidores. Isso puxava artificialmente os números para cima e os distanciava da realidade das lojas. No novo sistema, trabalhamos com o conceito americano de *street price*, isto é, com os preços médios praticados nas lojas. Só em lançamentos que ainda não chegaram ao varejo, ou de hardware e software comercializados exclusivamente pelos fabricantes/distribuidores, usaremos os preços oficiais. Tudo isso está explicado em detalhes por Maurício Grego, o coordenador do INFOLAB, na página 22.

Bom 2004!

Jandira Cavallari
diretora de redação

(Info Exame: jan, 2004)

A - Palavras em um mundo globalizado:

1. *Ano novo, big changes.*
2. *nirvana high tech*
3. *hardware*
4. *software*
5. *non-nonsense*
6. *street price*



PÁGINAS ZERO-QUILÔMETRO

A ESSA ALTURA DA REVISTA, você já deve ter notado que alguma coisa importante mudou em **INFO**. É verdade – estamos com design novíssimo, com tudo, absolutamente tudo, zero-quilômetro. Para uma publicação com 17 anos de estrada, renovar o visual radicalmente de tempos em tempos, como estamos fazendo agora, é obrigação. Ainda mais uma revista de tecnologia que tem o foco em inovação 24/7. Mudança está no nosso DNA. Aqui na redação, é unânime: todos achamos que **INFO** ficou mais bonita e com uma navegação muito mais clara. Mérito de Saulo Ribas, nosso guru de design aqui na Abril, e de

Rodrigo Maroja, que comanda a arte de **INFO** desde o início do ano. E do time que os dois reuniram, é claro! Mande sua opinião sobre o novo design, se você puder, para atleitorinfo@abril.com.br.

Quero também convidar você para fazer parte do Conselho **INFO** de Leitores, um tribunal criado para avaliar a revista de ponta a ponta, de todo e qualquer ângulo. Há duas possibilidades: a participação por e-mail, pelas pesquisas de opinião mensais, e a participação direta, com uma reunião aqui em **INFO**, em São Paulo, uma vez por mês. Para se inscrever, por favor, mande uma mensagem para



TIME DE CRAQUES NO DESIGN:
em sentido anti-horário, Rodrigo, de camisa vermelha, Jeff, Saulo, Cátia, Wagner, Duda, Rodolfo e Antônio

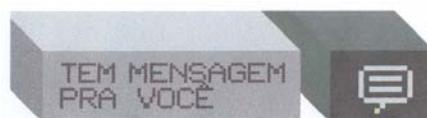
conselhoinfo@abril.com.br. O único pré-requisito é ser leitor regular da revista. Nós vamos adorar ter essa convivência mais próxima com você!


Sandra Cavallin
DIRETORA DE REDAÇÃO

© FOTO GERMANO LÖDERS

(Info Exame: fev., 2004)

7. design



O ANIVERSÁRIO É DE INFO, MAS O PRESENTE É SEU!

INFO ESTÁ FAZENDO 18 ANOS este mês. Há uma certa tentação de entrar no túnel do tempo numa hora dessas. Seria uma viagem até interessante, mas há outras muito mais. Para comemorar nossos 18 anos, preferimos dar um presente bem atual para você, leitor: o guia *Como Montar um PC de A a Z*. Publicado num suplemento de 16 páginas, distribuído com os mais de 190 mil exemplares de **INFO** deste mês, ele traz um roteiro ultra-detalhado de como construir o próprio micro hoje em dia. A idéia: combinar economia com poder de processamento em componentes de primeiríssima linha, que durem,

durem, durem... Batemos muita perna na região da Santa Ifigênia, no centro de São Paulo, para achar as peças que nós consideramos as ideais dentro de um orçamento sensato. Gastamos quase 4 mil reais para comprar tudo, com as notas fiscais e garantias devidas, mas chegamos a uma máquina que enfrenta qualquer parada sem piscar. *Made by INFO*, com a assinatura de Eric Costa, um dos nossos melhores editores. Se você se interessar, siga a nossa receita e terá também um PC matador, sem gastar uma nota. Mas atenção: nós recomendamos montar um PC apenas para pessoas com boas



O GUIA:
economia e
poder de
computação

noções de hardware e que se divertem, como nós, escovando bits. Isso não é para marinheiros de primeira viagem nem para quem está apenas a fim de economizar uns trocados. É quase um hobby, que exige tempo, interesse e destreza. Se é esse o seu caso, boa diversão!


Sandra Cavallin
DIRETORA DE REDAÇÃO

(Info Exame: març., 2004)

8 Made by info

9. Escovando bits

10. hobby

TEM MENSAGEM
PRA VOCÊ





TESTES DE
CARTUCHOS:
cores mutantes

FOTOGRAFANDO NUVENS

PARA QUEM VIVE ÀS VOLTAS com medições absolutamente precisas, como a redação da **INFO**, fazer alguns testes é especialmente desafiador. É o que acontece quando analisamos os serviços de banda larga – as variáveis são tão infinitas quanto efêmeras. Aqui na **INFO** nós chamamos isso de fotografar nuvens. Num instantâneo, você tem uma certa paisagem. Dez minutos depois, outra completamente diferente. Qualquer generalização é cheia de armadilhas.

Para a edição de abril, nós fotografamos nuvens duas vezes: ao medir pela primeira vez as bandas superlargas, de 1 e 2 Mbps, e ao testar cartuchos de impressoras –

os originais, os compatíveis, os remanufaturados e os frankenstein's do pedaço.

No caso da banda über-larga, foi um prazer e tanto: quem não ama voar pela internet? Em um ou dois anos, vai haver um batalhão de gente considerando 256 Kbps um lixo. No caso dos cartuchos, quase enlouquecemos. Se os originais têm aquele padrão de sempre, o das grandes fábricas conhecidas, no resto do mercado o padrão é não ter padrão. Generalizações, portanto, são suicidas. Tenha isso em mente para aproveitar ao máximo as reportagens de banda larga e de cartuchos e toners. Elas podem se tornar particularmente reveladoras

Jandré Cavallin
DIRETORA DE REDAÇÃO

(Info Exame: abr., 2004)

11. über-larga

TEM MENSAGEM
PRA VOCÊ





DUPLA...
ANIMADA:
André e Otávio

FÁBRICA DE DICAS

VIDA DE JORNALISTA PODE NÃO ser muito fácil, mas é divertida. Aqui em **INFO**, respiramos tecnologia 24 horas por dia, sete dias por semana, o que significa exposição máxima a um mar de novidades. O que é puro snake oil não sobrevive ao INFOLAB. Ignoramos. O que é bom nós disseparamos e divulgamos. Funcionar como uma fábrica de dicas sobre as tecnologias mais úteis é, assim, a vocação natural de **INFO**. Este mês nós vamos mandar para as bancas dois títulos que defendem muito bem essa missão. O *Curso INFO de Flash*, em CD-ROM, uma parceria do editor André Cardozo e do programador Otávio Santos, é um

deles. Para quem quer sacar de animação na web, é tudo de bom. Outro título bacana é o *Guia do Freeware*, escrito pelo editor Eric Costa, uma seleção de quase 200 programas gratuitos que fazem diferença no PC. Acredite: tem muita coisa boa a custo zero. Grande parte, produção de programadores talentosos que buscam um lugar ao sol doando seu trabalho.

Mas não foram os downloads nem o Flash que consumiram a maior parte das energias aqui em **INFO** este mês. Foi o Wi-Fi, tema de capa desta edição. As redes wireless estão virando mania entre heavy users de computação e empresas que estão

Jandré Cavallin
DIRETORA DE REDAÇÃO

(Info Exame: maio, 2004)

12. *web*

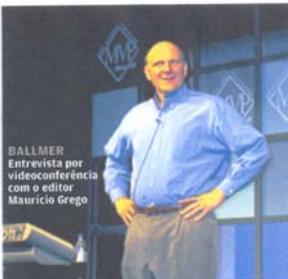
13. *downloads*

14. *wireless*

15. *heavy users*

TEM MENSAGEM
PRA VOCÊ





DE BALLMER AO PINGÜIM

AS PAUTAS DA INFO — O TO DO no jargão dos jornalistas — são boladas sempre em cima da hora, para manter a revista atualizada até o último instante. De vez em quando, com temas muito especiais, planejamos tudo com bastante antecedência. A entrevista com Steve Ballmer, o CEO da Microsoft, foi assim. Ficamos mais de um ano negociando com o pessoal da Microsoft uma brecha na agenda dele. O dia acertado foi 22 de abril. O editor sênior Maurício Grego, nosso melhor entrevistador, voou para Redmond armado de uma pilha monstro de perguntas. Fatalidade: no dia em que ele embarcava, a Comunidade Européia anunciaría uma multa

monumental para a Microsoft. Ballmer, que já estava na Europa, ficou por lá, negociando com os europeus. E o Maurício teve de voltar de mouse abanando. Mas a entrevista acabou saindo, aqui mesmo em São Paulo, por videoconferência. O resultado, interessantíssimo, você pode acompanhar desde a página 68.

Esta edição, aliás, está cheia de Microsoft. Logo de cara, John Dvorak mergulha no pathos da empresa. Na II Pesquisa INFO de Marcas em TI, a MS mostra um prestígio ímpar entre os executivos de tecnologia. Mas calma lá... A INFO é uma revista agnóstica em tecnologia, como as melhores publicações da área. Neste número, trazemos

também matérias legais de rivais da Microsoft. Vejam nossa análise do Freedows, o Lindows brasileiro. Por trás dele, está Sandro Henrique, evangelista do Linux, fundador e presidente da Conectiva nos seus dias mais inventivos. Esse software vai dar o que falar.



Sandra Cavalli
DIRETORA DE REDAÇÃO

(*Info Exame: jun., 2004*)

16. *to do*

TEM MENSAGEM
PRA VOCÊ



MAIS GÁS PARA A TV INFO

O SITE DA INFO ATRAI MAIS DE 700 mil pessoas por mês. O centro da ferveção é o canal Download, com mais de 2 700 programas de Windows, Linux, Palm OS e Pocket PC para todo mundo baixar, usar e abusar. Outro ponto alto é o Plantão INFO, em que a redação manda ver nas últimas notícias. Hoje em dia não dá para esperar o jornal da manhã seguinte para se atualizar sobre tecnologia, ou dá? Para quem é ligado em hardware, o Guia de Produtos do site é um atalho útilíssimo. Além de dar os specs básicos dos equipamentos, indica a média de preço nas lojas e ainda mostra quem merece a confiança dos leitores da

INFO. Ícones verdes vão para as marcas mais confiáveis; amarelos, para a turma menos cotada; e vermelhos, para empresas que andaram escorregando nos últimos tempos. Agora acabamos de estrear o projeto mais bacana da TV INFO, chamado Direto do INFOLAB. É sob medida para tecnófilos como nós. Os equipamentos mais inovadores e legais que chegam ao laboratório são filmados lá mesmo e apresentados por nossos repórteres e editores. Em questão de minutos, estão na web. Nos bastidores, com a eficiência de sempre, os webmasters Renata Verdasca e Fred Carbonare. Dê um pulo no nosso site (www.info.abril.com.br) para checar a novidade. Bom proveito!

VÍDEO NA WEB: hardware em primeira mão

Jandira Cavallini
DIRETORA DE REDAÇÃO



(Info Exame: julh., 2004)

17. site

18. webmasters

B - Palavras que variam semanticamente por influência da informática:

- derivada do termo *navegar*

19. *Aqui na redação, é unânime: todos achamos que INFO ficou mais bonita e com uma navegação muito mais clara. (IE fev. 2004).*

20. *Aqui em INFO, respiramos tecnologia 24 horas por dia, sete dias por semana, o que significa exposição máxima a um mar de novidades (IE maio 2004).*

- Baixar

21 *O site da INFO atrai mais de 700 mil pessoas por mês. O centro da ferveção é o canal Download, com mais de 2700 programas de Windows, Linux, PalmOS e Pocket PC para todo mundo baixar, usar e abusar. (IE Julho 2004)*

- Rede

22 *As redes wireless estão virando mania entre heavy users de computação e empresas que estão na vanguarda de TI. (IE Maio 2004)*

C - Quando duas palavras, uma estrangeira e outra portuguesa concorrem indicando o mesmo sentido:

- *E-mail*, Correio Eletrônico e Mensagem

23 *Quero convidar você para fazer parte do Conselho INFO de leitores, um tribunal criado para avaliar a revista de ponta a ponta, de todo e qualquer ângulo. Há duas possibilidades: a participação por e-mail, pelas pesquisas de opinião mensais, e a participação direta, com uma reunião aqui na INFO, em São Paulo, uma vez por mês. Para se inscrever, por favor, mande uma mensagem para conselhoinfo@abril.com.br. (IE fevereiro 2004).*

24 Nossa principal newsmitter diária, o Correio INFO, que resume as principais notícias de tecnologia, só existe no correio eletrônico (IE março 2001)

- Baixar, Download.

25 *Mas não foram os downloads nem o flash que consumiram a maior parte das energias aqui em INFO este mês. (IE maio 2004)*

- Micro, máquina, PC matador.

26 *Publicado num suplemento de 16 páginas, distribuído com os mais de 190 mil exemplares de INFO deste mês, ele traz um roteiro iltradetalhado de como construir o próprio micro hoje em dia.*

27 *Gastamos quase 4 mil reais para comprar tudo, com as notas fiscais e garantias devidas, mas chegamos a uma máquina que enfrenta qualquer parada sem piscar.*

28 *Made by INFO, com a assinatura de Eric Costa, um dos nossos melhores editores. Se você se interessa, siga a nossa receita e terá também um PC matador, sem gastar uma nota. (IE março 2004).*

D - A adoção dos estrangeirismos provenientes do mundo digital:

- Mouse

29 *As pautas da INFO – o todo no jargão dos jornalistas – são boladas sempre em cima da hora, para manter a revista atualizada até o último instante. De vez em quando, com temas muito especiais, planejamos tudo com bastante antecedência. A entrevista com Steve Ballmer, o CEO da Microsoft, foi assim. Ficamos mais de um ano*

negociando com o pessoal da Microsoft uma brecha na agenda dele. O dia acertado foi 22 de abril. O editor sénior Maurício Grego, nosso melhor entrevistador, voou para Redmond armado de uma pilha monstro de perguntas. Fatalidade: no dia em que ele embarcava, a Comunidade Européia anunciarava uma multa monumental para a Microsoft. Ballmer, que já estava na Europa, ficou por lá, negociando com os europeus. E o Maurício teve de voltar de mouse abanando. (IE junho, 2004)

- *Web*

30. *Para quem quer sacar de animação na web, é tudo de bom. (IE abril, 2004).*

4.5. Princípio de adequação teórica

A partir do princípio de adequação teórica é que podemos reatualizar os dados do documento, de forma a determinar as marcas lingüísticas que revelam variação semântica, as inovações e adoções lingüísticas, bem como os processos de influência de fatores externos, como a globalização sobre a língua.

Assim como as palavras mudam sua forma e sua sintaxe através do tempo, também seu significado vai se modificando. Essas transformações da língua podem ser deflagradas em decorrência de inúmeros fatores, dentre os quais destacamos os fatos sociais e culturais.

Elementos como a globalização e suas influências sociais, culturais, políticas e econômicas, associadas aos avanços tecnológicos, difundidores da comunicação em massa global, mudam o jeito de ser e pensar das pessoas. A língua, em virtude da prática social e de seu dinamismo, igualmente modifica-se.

Palavras ganham novos significados; outras se incorporam à língua, em primeiro lugar, como componente alienígena, distante de sua origem histórica; para, enfim, se incorporar ao idioma por meio das adaptações necessárias, ou mesmo conservando sua forma original.

As economias, as sociedades e as culturas integram-se e fundem-se a partir da inexorável globalização, como vimos no capítulo anterior. Na mesma proporção, as línguas ampliam seu léxico, em meio a intercâmbios acionados por esses elementos.

Diante disso, constatamos que com a aproximação entre culturas e sociedades, a língua se enriquece, incorporando expressões novas para nomear novos objetos, novas ações, novas emoções. A Revista *Info Exame*, ao longo de sua história, revela o uso de incontáveis expressões da tecnologia que atualmente foram incorporadas ao vocabulário da língua portuguesa em uso no Brasil, revelando a incidência da influência de fatores externos, como a informática, na língua.

4.5.1. Inovações na seção *Tem Mensagem Pra Você*: influências externas

Com base nos pressupostos teóricos da HL, verificamos que as mudanças lingüísticas nunca se desenvolvem de forma isolada. Nessa perspectiva, ao analisarmos a seção *Tem Mensagem Pra Você*, procuramos investigar as mudanças pelas quais a língua portuguesa passa, a partir de duas dimensões: a interna e a externa. A primeira relaciona-se as mudanças ocorridas na língua através do tempo, tendo como predomínio as transformações acionadas pela própria organização estrutural da língua. Já a segunda, relaciona-se as influências caracterizadas a partir de alterações ocasionadas em setores como sociais, culturais, políticos e econômicos. Nesse sentido, a HL procura não desassociar as influências dessas duas dimensões ao analisar as mudanças lingüísticas. Assim, partindo dessa base teórica, abordada no segundo capítulo, verificamos, dentre outras, forte influência do processo de globalização na amostra selecionada.

Isso pode ser constatado no uso das seguintes expressões (IE:jan. 2004): *Ano novo, big changes*. A palavra *big*, segundo o Dicionário Eletrônico Michaelis, daqui para frente DEM, designa algo: *grande (em tamanho ou extensão), extenso largo, vasto, volumoso*. Já a palavra *changes* refere-se à:

mudança, alteração, variação. 2 Mús. mudança de clave, modulação. 3 revolução (dos tempos), vicissitude. 4 variedade, novidade. 5 troco (de dinheiro), câmbio, conversão. 6 troca, substituição. 7 mudança (de roupa ou vestido). 8 nova fase (da lua). // vt+vi fazer ou tornar-se diferente, trocar (with com, for por), alterar, variar, permutar, converter (from de, into para), mudar, substituir. 2 fazer baldeação. 3 comutar, inverter

Nesse caso, a idéia contida nessa construção era de anunciar novas mudanças na Revista para o ano de 2004. Para tanto, S. Carvalho idealizou uma expressão que abarcasse tanto o conceito de mudança, quanto à força de uma expressão marcadamente influenciada pela globalização. Na mesma edição observamos a expressão *nirvana high tech*. Essa construção é formada pela palavra *nirvana* de etimologia sânscrita, está associada, segundo A. Houaiss (2001), à filosofia da religião, mais especificamente, das religiões indianas. Seu significado está vinculado a um estado permanente e definitivo de felicidade e conhecimento. Isso acrescido da expressão *high tech*, em que o adjetivo *high* indica alta e o substantivo *tech* designa, segundo o DEM, a abreviatura das palavras: *technical (técnico); technically (tecnicamente)*. 2 *technological (tecnológico), technology (tecnologia)*. Assim, essa expressão globalizante indica os produtos e serviços que estão no patamar mais elevado da alta tecnologia. Ainda nessa edição, verificamos o uso de outras três palavras de amplitude da globalização: *hardware, software e non-nonsense*. O DEM, indica que a palavra *hardware* significa:

n 1 ferragens. 2 Inf. "hardware", equipamento físico. 3 maquinaria, aparelhagem. 4 unidades metálicas de equipamento bélico. 5 instrumentos elétricos e eletrônicos de um veículo ou aparelho. 6 dispositivos elétricos (toca-discos, gravadores, circuito-fechado de televisão) usados para fins educativos. Na informática hardware; unidades físicas, componentes, circuitos integrados, discos e mecanismos que compõem um computador ou seus periféricos; ± hardware compatibility = compatibilidade de hardware = arquitetura de dois computadores diferentes que permite que um execute programas do outro sem alterar quaisquer unidades dispositivos ou posições de memória, ou a capacidade de um em usar placas adicionais do outro; ± hardware configuration = configuração de hardware = modo que os equipamentos de hardware de um sistema de computador são conectados juntos; ± hardware interrupt = interrupção de hardware = sinal de interrupção gerado por hardware e não por software; ± hardware reliability = confiabilidade de hardware = capacidade de um hardware em funcionar normalmente por um período de tempo; ± hardware security = segurança de hardware = tornar um sistema seguro através de hardware (como chaves, cartões, etc.); OBS.: não tem plural; >> SOFTWARE. COMENTÁRIO: o hardware de computador pode incluir o computador em si, os discos e a unidade de disco, impressora, VDU, mouse, etc.

A palavra software, segundo o DEM, designa: *qualquer programa ou grupo de programas que instrui o hardware sobre a maneira como ele deve executar uma tarefa, inclusive sistemas operacionais, processadores de texto e programas de aplicação*. Já a expressão *non-nonsense* indica, segundo DEM: *non* que significa não; *falta de*. Na informática *non-não*, refere-se a uma negação. A palavra *nonsense*, etimologicamente do inglês, segundo A. Houaiss (2001: 2026) designa algo absurdo ou um disparate. Dessa forma, a frase: *Nosso dia-a-dia é dominado por hardware e software non-nonsense*, indica que a IE não se preocupa em analisar dispositivos de informática que sejam um disparate, ou seja, algo fora da realidade de seus leitores um equipamento perfeito, tendo em vista que a IE, segundo explica S. Carvalho no mesmo texto, está acostumada a testar produtos de informática médios, bons e muito bons, de acordo com eles, ainda, raríssimas vezes testam os equipamentos denominados *nirvana high tech*.. Outra expressão que caracteriza o a influência da globalização é: *street price*. O DEM indica que a palavra *street*, quando substantivo, refere-se ao termo *rua*, mas, se sua função for de adjetivo esta palavra passa a designar *de rua*. Nesse sentido, *street price* significa *preço de rua*, referindo-se aos preços de equipamentos de informática e telecom nas lojas.

Na IE, de fevereiro de 2004, é apresentada outra palavra de teor global: *design*. Segundo A. Houaiss (2001: 995) essa palavra de origem inglesa significa *intenção, propósito, arranjo de elementos ou detalhes num dado padrão artístico*; tem suas raízes na palavra latina *designare*, marcar, indicar. Essa palavra entra na língua inglesa por intermédio da palavra francesa *designer*, designar, desenhar. No Brasil, essa palavra indica conforme o DEM:

n 1 projeto, intento, esquema, plano, escopo, fim, motivo, enredo, tensão. 2 desenho, bosquejo, esboço, debuxo, delineação, risco, modelo. 3 invenção artística, arranjoamento, arte de desenho. // vt+vi 1 projetar, planejar, ter em mira, propor-se, ter intenção. 2 designar, destinar, assinar. 3 desenhar, traçar, debuxar, esboçar, delinear, bosquejar. Na informática design indica projeto; 1 planejamento ou desenho de um produto antes dele ser construído ou fabricado.

Em março de 2004, IE usa a expressão *Made by Info*. Essa expressão foi utilizada para afirmar que os especialistas da IE confeccionaram um computador a partir de um guia de instruções publicado pela Revista. Nesse contexto, a construção de sentido empregada

na frase ganha uma nova dimensão, ao moldar uma expressão estrangeira à estrutura do português. Assim, essa expressão recebe uma roupagem característica do mundo globalizado do século XXI. Essa mesma edição traz outra expressão sob a mesma influência: *escovando bits*. Sendo o *bit* a menor unidade de dados que um sistema pode tratar, no jargão da informática essa expressão indica que, para montar um computador, há necessidade de se conhecer o equipamento em seus mínimos detalhes. Ainda, nessa edição aparece outra *palavra sem fronteira*: *hobby*. Essa palavra, de acordo com S. C. da Costa (op.cit.:423) caracteriza-se como uma palavra globalizada por ser usada em diversos idiomas, inclusive no português, indicando o mesmo significado: a atividade exercida exclusivamente como forma de lazer. Etimologicamente, segundo A. Houaiss (op.cit.: 1544), do inglês originalmente essa palavra surgiu de *hobbyhorse*, *bufão*; *cavalo-de-pau*; *um tópico ao qual alguém sempre retorna*. Entretanto, essa palavra ao longo do tempo ganha novos significados e começa a designar o passatempo. Ao ser difundida pelo mundo, foi adotada e passa a indicar esse novo sentido. Na IE, essa palavra recebe esse significado de passatempo, distração.

Na edição de abril de 2004, percebemos que estamos vivenciando uma era dinâmica, cada vez mais veloz. Na internet, os internautas não querem mais apenas navegar pelas páginas da *web*, existe a necessidade de voar por elas. Por isso, o cotidiano de quem vive às voltas com o mundo das tecnologias requer mecanismos mais rápidos, ágeis e eficientes. Neste caso, verificamos que a banda-larga já está superada, agora para que o internauta possa voar pela internet é indispensável a utilização de um sistema denominado banda *über-larga*, que nada mais é que uma banda superlarga, mais rápida.

A palavra *web*, apresentada na IE de maio de 2004, segundo registra o DEM, designa:

n 1 tecido. 2 teia. 3 rede, trama, entrelaçamento. 4 palmura: membrana natatória das palmípedes. 5 barbas de pena. 6 palhetão de chave. 7 alma de trilho. 8 folha de serra. 9 ralo de papel de imprensa. // vt+vi 1 tecer. 2 envolver ou cobrir com teia, enredar, emaranhar.

Para S C. da Costa (op.cit.:43) a palavra *web*, de origem inglesa, significa teia ou rede, nome pelo qual a Internet se tornou conhecida. Ainda nessa edição de maio, a IE apresenta outro termo muito difundido no mundo da informática: *download*. Essa palavra de origem da língua inglesa é formada a partir do advérbio *down*, embaixo, para baixo, em

posição mais baixa e *to load*, fornecer ou transferir um carregamento, suprir de carga. Na informática, conforme M. C. Gennari (1999:103) download significa *copiar o conteúdo de um arquivo residente em um computador, independentemente da distância*. Em outro momento observamos a seguinte expressão: *As redes wireless*. Essa construção é formada pelas palavras *wire*, fio e o sufixo *less* que indica ausência, falta. Nesse sentido, essa palavra passa a designar sem fio, ou seja, os equipamentos de informática que não necessitam de fios. Na mesma frase surge a expressão *heavy users de computação*, que significa usuários intensos de computação. Essas expressões associadas ao português revelam a influência do processo de globalização na língua portuguesa em uso no Brasil.

Na edição de junho de 2004, é feita a seguinte construção: *As pautas da Info – o To Do no jargão dos jornalistas*, o uso do termo *to do* indica fazer, executar, trabalhar. Essa construção mescla duas línguas, o português e o inglês como uma forma globalizada. Assim, constatamos que o elemento da língua inglesa se adapta a estrutura do português construindo nas páginas da IE uma língua receptiva ao processo de globalização.

A palavra *site*, apresentada na edição de julho de 2004, na língua inglesa significa de acordo com o DEM, *posição, lugar, terreno. // vt posicionar, localizar. site of discovery local da descoberta*. Na informática, significa *lugar; local onde alguma coisa está baseada*. Essa palavra caracteriza-se como um elemento de inovação lingüística que surge na língua portuguesa no Brasil, a partir da informática. Nessa mesma edição, surge o termo *webmasters*, palavra que significa mestre da *web*, perito em Internet.

Essas palavras e expressões estrangeiras construídas em um texto escrito em português revelam a influência que a globalização exerce na língua, imprimindo um caráter inovador no português no Brasil. As palavras e expressões estrangeiras, por influência desse processo, vão se adaptando ao português e construindo novos sentidos.

4.5.2 A variação semântica

Especialistas em semântica afirmam que a principal causa da mudança de significado de uma palavra, decorre da polissemia. Isso consiste no fato de uma palavra ou expressão

adquirir um novo sentido além de sua acepção original. Isso é possível constatar nos exemplos abaixo.

A palavra *rodar*, do latim *rotare*, tem sua origem em roda. Nesse sentido, servia para indicar a ação de se fazer andar a roda, como sugere Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira (1963:1056). No entanto, quando relacionada ao mundo das tecnologias, essa palavra ganha um novo significado. A. Houaiss (2001: 2467) registra a palavra *rodar* como uma ação de executar um programa de computador. Nessa mesma acepção, a palavra é registrada na IE (8/02/1989, p.20).

(...) a equipe italiana traria em sua bagagem um software para administrar o desfile de moda e precisava de equipamentos para rodar o programa.

No caso da palavra *navegar*, do latim *navigare*, indica percorrer de navio, embarcação ou aeronave. Segundo A. B. H. Ferreira (op.cit.: 835) esse termo pode designar, também, o ato de transportar em navio, viajar por mar, seguir viagem em navio, dirigir o navio no mar, prosperar numa empresa, andar, viajar, trafegar. Maria Cristina Gennari, entretanto, (1999: 237) afirma que *navegar*, significa passar de um programa para outro, ou de um documento para outro; passear entre vários sites ou entre as páginas de um site. A IE (26/01/2000) indica para esse novo sentido da palavra, um vínculo ao mundo da Internet:

Brasileiros começam a navegar na web sem por a mão no bolso.

Podemos constatar o registro de um novo significado para a palavra. A. Houaiss (op. cit.: 2000) registra a palavra *navegar*, como o ato de consultar, seqüencialmente, diversos hipertextos, acionando *links* neles contidos para passar de um para outro. A palavra *navegante* é uma variante do termo *navegar*. A. Houaiss apresenta esse termo como o indivíduo que navega ou se dedica à náutica, mas, o termo, ao que parece, já indica um novo significado. Em IE (12/12/1997) o termo é assim empregado:

Se por fim, como certos homens de hoje, é um navegador em busca de sites que conciliem a nossa mais velha fonte de prazer (o sexo) com nosso atributo mais caro (a razão), essa coluna foi feita para você.

A informática está deixando o mundo cada vez mais veloz e, em alguns casos, o termo empregado para designar algo já não é capaz de acompanhar os avanços tecnológicos. O ato de navegar já não acompanha o ritmo frenético das tecnologias. Observamos em IE (11/1997: 04) o seguinte termo:

Se você já aderiu aos veteranos da Internet – aquela turma que enjoou de varar a noite à base de café e coca-cola surfando a esmo na web (...)

Em outro momento surge outro termo, mostrando um mundo cada vez mais rápido. A IE (abril 2004) apresenta o termo *voar pela Internet*.

Outro termo muito difundido na informática que ganha novo sentido é *acessar*. Palavra que deriva do substantivo *acesso*, que indica, de acordo com Fernandes Francisco (et alii, 1997: 65), o ato de designar o ingresso, chegada, aproximação. Com a difusão da informática, surge o termo *acessar*, verbo que indica, na perspectiva de A. Houaiss, o ato de se obter acesso a informação de dados; um registro ou arquivo; um meio de armazenamento em uma unidade de rede. IE (08/08/1990, p.26) traz o termo *acessar* da seguinte forma:

Gostaria de saber como fazer para acessar uma rede de computadores via modem.

Baixar indica o ato de arriar, fazer descer, apear, diminuir de altura. Mas, no mundo da informática essa palavra passa a indicar o processo de transferir software ou dados provenientes de um computador para o computador que está sendo operado pelo usuário. M. C. Gennari (1999: 103) diz que *baixar* é sinônimo da palavra *download*.

A palavra *teclar*, no sentido de conversar por meio do computador, tem sua origem no substantivo *tecla*, e assim aparece registrado em IE (09/01/1991, p. 25)

O DIC é um programa que parece resistente na memória do micro e pode ser chamado a qualquer momento pelo usuário mediante a digitação simultânea de uma combinação de teclas.

Do substantivo *tecla*, cada uma das peças de um teclado de computador, surge uma nova palavra, o verbo *teclar*, que significa, de acordo com A. Houaiss (op. cit.: 2682) o ato de usar o computador para se comunicar com alguém. Assim, percebemos que houve uma

alteração no sentido da palavra, adicionando a criação de um novo termo por meio de uma derivação regressiva.

A palavra *rede* é outro exemplo da incorporação de um novo significado. Rede já não designa apenas o tecido de malha para apanhar peixes ou o leito *balouçante*, feito de malha, ou de tecido grosso, como afirma A. B. H. Ferreira (op. cit.: 1022). Na era da Internet, *rede* é um sistema constituído pela interligação de dois ou mais computadores e seus periféricos, com o objetivo de comunicação, compartilhamento e intercambio de dados, conforme explana A. Houaiss.

4.5.3. A inovação lingüística.

Outras palavras indicam o processo de inovação lingüística. A criação de uma palavra para indicar ações, nomes e qualidades novas. O termo internauta, segundo A. Houaiss (op. cit.: 1635) é o usuário interativo da rede internacional Internet. Etimologicamente, a palavra surge da associação do termo Internet + o sufixo nauta, que designa o navegante ou aquele que navega. IE (26/01/2000) apresenta o termo dessa forma:

A companhia telefônica repassa ao provedor parte da conta de telefone do internauta.

O termo surge para designar o usuário da rede. M. C. Gennari (op. cit.: 183) afirma: *no Brasil dizemos que a pessoa que navega pela internet é um internauta. Nos Estados Unidos se diz cybernauta.*

Na música (...) Lulu Santos diz: *estou plugado na vida*. Na acepção que a palavra ganha, a partir da evolução da informática o termo recebe uma nova carga de significação; *plugado* é um adjetivo, que se refere ao indivíduo conectado a um computador ou a uma rede de computadores. IE (26/01/20000 traz o termo empregado com esse mesmo sentido:

Vivemos plugados 24 horas por dia. Damos uma dimensão quase religiosa à ciência.

4.5.4. Palavras que apresentam duas formas para designar o mesmo objeto.

A utilização de dois ou mais termos para indicar um mesmo objeto aparece de forma recorrente nas páginas da IE. Palavras como página eletrônica, *homepage* são alguns dos exemplos que podemos citar. IE (11/07/1990, p. 04) mostra essa profusão de sentidos dessas palavras:

Páginas eletrônicas: A Aldus lança nova versão do PageMaker e já prepara produtos para disputar o emergente mercado dos sistemas de mulçtimídia.

Em outro exemplo, a palavra página designa o conjunto de informações (textos, gráficos e informações em multimídia) contidas num único arquivo em hipertexto. IE (10/1997, p.190) registra:

O site não tem nada a ver com a Disney. Apenas seu criador cismou que as lixeiras mereciam algumas páginas na web.

Em outro momento surge a palavra *homepage*, para indicar a mesma coisa, IE (10/1997, p. 190):

No jargão dos instrumentos de busca, que se trata de homepages novas, criativas e tecnicamente bem feitas.

Por vezes, outras palavras são empregadas como sinônimas nas páginas da IE. Este é o caso das palavras e-mail e correio eletrônico:

Nada bate o e-mail da INFO como forma de comunicação. Nossa principal Newsletter diária, o correio INFO, que resume as principais notícias de tecnologia, só existe no correio eletrônico (IE março 2001)

O mesmo parece ocorrer com os termos *web* e *Internet* na IE (14/12/1997):

(...) Mas hoje em dia já dá muito bem para economizar no Sundown e fazer a procura pela Internet. Como? Pelos anúncios classificados on-line. Além de mais rápido, a web também é mais organizada.

Observamos, ainda, a adoção de palavras e expressões estrangeiras pela língua portuguesa, derivadas do mundo digital, ou que estão em fase de incorporação. A palavra *clique*, etimologicamente derivada da palavra inglesa *click*, é constituída a partir da formação onomatopéica, que representa o som que é reproduzido quando se pressiona o botão do mouse. Essa palavra é assim empregada na IE (14/01/1992):

Em vez de digitar comandos enigmáticos, basta ao usuário manusear o mouse e dar um clique no ícone da função que deseja.

Em outro momento, o termo é assim empregado IE (10/1997, p. 190)

Clicando nas datas ao lado delas, você acessa cartas, enviadas por Vicent a seu irmão.

Logo depois o termo é registrado assim. IE (12/ 12/ 1997, p. 198)

Basta clicar na barra situada ao pé da página.

O termo *on-line*, também se faz por um processo de empréstimo. É empregado na IE (08/08/1990, p. 26)

O uso do sistema é gratuito e o cadastramento é feito on-line.

Em outro momento, o termo aparece assim:

O primeiro endereço, americano, é o de uma nova revista online (IE 12/12/1997)

A palavra *e-mail* aparece assim:

Nossas conversas deixaram de esbarrar nas fronteiras do tempo e do espaço graças ao e-mail (IE 26/01/2000)

Logo depois, temos o registro do plural da palavra:

Bastaram, porém, dois e-mails para que minha curiosidade se transformasse em tristeza (IE 10/1997, p. 190)

Há palavras que são empregadas fora do contexto da informática ganhando novos significados. *Upgrade* aparece no título de um artigo, veiculado em 18/09/1998, relacionada à incorporação de alguns termos à língua portuguesa. A palavra *upgrade*, como na informática, foi aqui utilizada para designar a atualização ou aperfeiçoamento, significado que consta em A. Houaiss.

A palavra *games*, concorre com a palavra *jogo*, quando designa a atividade lúdica eletrônica. Outro caso interessante é o da palavra *deletar*. Palavra que entra na língua portuguesa por intermédio da informática, deriva etimologicamente do inglês *to delete*, que significa apagar, remover, suprimir. Mas, a raiz da palavra ainda guarda a origem latina, *deletum, do verbo delere*, destruir, apagar, suprimir. A. Houaiss (*op. cit: 931*) afirma: *deletar v. (1975) INF TD. Palavra a evitar, por apagar, suprimir, remover.* Mas, essa palavra já consta do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Por conta disso, o termo passa a ser empregado nas mais diversas situações. IE (12/12/1997, p. 04) registrou assim o termo:

Mas medo é algo freqüentemente irracional, que às vezes nem o mais poderoso sistema de 128 bits pode deletar

No entanto, muitas vezes, ganha significado fora do contexto da informática. Quando o termo *deletar* é empregado no campo da informática pode até parecer um jargão, porém quando ele é transferido para um diálogo da novela das oito, em que o contexto não faz nenhuma referência ao mundo digital, isso ganha outra dimensão. A novela *Celebridades*, da Rede Globo de Televisão, no capítulo do dia 31/05/2004, registra a discussão entre as personagens Sandrinha, interpretada por Juliana Knuff, e Paulo César (PC), interpretado por Paulo Vilhena. Em meio à discussão, Sandrinha resolve romper seu romance com Paulo César, e para tanto ela usa a seguinte frase: *Paulo César, eu resolvi deletar você da minha vida.*

Em certos casos, apesar de termos novos significados, os sentidos originais são preservados, como em rodar, acesso, rede, navegar. Enquanto que nos casos em que temos

duas palavras para designar a mesma coisa, provavelmente, apenas uma irá permanecer no idioma. São os casos de *homepage* e página eletrônica; *e-mail* e correio eletrônico etc.

De toda forma, podemos afirmar que nessas circunstâncias temos o registro de variação semântica, como afirma Stephen Ullmann (1997), ou seja, quando dois ou mais significados concorrem em uma mesma palavra, ou para designar o mesmo objeto. Se nesse processo, o significado original da palavra deixa de existir ou de ser usado, sendo que, a palavra adquira ou passe a adquirir somente o novo significado, teremos então a mudança semântica. Vale ressaltar, porém, como afirma S. Ullmann que em ambos os casos, a palavra desenvolve um novo significado. Mas nessa relação entre variação e mudança semântica é importante identificarmos os processos que levam as palavras a desenvolverem um novo significado.

Os processos mais comuns que levam a mudanças de significado de uma palavra são as metonímias e as metáforas. S. Ullmann afirma que o processo que envolve a metonímia é muito mais comum como processo propiciador da mudança de significado do que a metáfora. Isso porque, de acordo com a definição tradicional, a metáfora é um processo que envolve uma similaridade de significados, ao passo que a metonímia é um processo que envolve uma contigüidade de sentidos. Ora, para termos uma similaridade entre dois significados, temos que ter uma relação mais ou menos rígida, em que um significado se assemelhe de uma forma razoavelmente nítida ao outro; já para termos uma relação de contigüidade entre dois significados basta que o feixe de fatores constituintes de um dos significados tenha algo a ver com o feixe de fatores constituintes do outro significado, ou seja, que os dois significados tenham algum ponto em comum. Esse ponto em comum pode assumir inúmeras formas, abranger vários tipos de relação, como parte-todo, continente-conteúdo, lugar-coisa, coisa-característica, causa-efeito, formas objetivos e funções comuns, e tantas outras aproximações que nossas mentes fazem constantemente, entre um significado e outro, na tentativa de melhor agrupar e apreender a enorme realidade.

Também não separamos a metáfora da metonímia, porque, embora em algumas ocasiões a distinção entre ambas as figuras seja nítida, outras há em que mesmo um professor tarimbado e competente fica em dúvida sobre como classificar a associação que se estabelece entre dois significados. Por exemplo, quando lemos na IE (26/01/2000), *Brasileiros começam a navegar na web*, em que o *navegar* remete a uma função

metonímica da palavra, ao aproximar o ato de viajar por mar, da função explorada no texto, cujo significado remete a idéia de viajar, virtualmente, pelo mar da informática, ou temos uma metáfora, em que o *navegar na web*, seja semelhante ao ato de percorrer em navio o mar.

A metonímia é bem mais produtiva do que a metáfora como processo modificador do significado; segundo S. Ullmann uma de suas ocorrências mais freqüentes é na criação de nomes para novos objetos, conceitos ou ramos do conhecimento, e é interessante notar que, muitas vezes, embora essas novas denominações sejam extremamente transparentes, raros são aqueles que percebem sua origem, como veremos nos exemplos abaixo.

A palavra *músculo* designava um pequeno rato, sendo o diminutivo em latim *mus* (que deu origem a palavra mouse do inglês). Como os médicos da Idade Média, ao olharem para o músculo exposto de um paciente, o achavam parecido com um filhote de rato, sem pelo, deram-lhe o nome de *musculu(m)*, que se mantém em várias língua até os dias atuais.

Hoje, com a influência do mundo das tecnologias na língua portuguesa em uso no Brasil, o comando dos computadores, por semelhança a um rato, passaram a se chamar, no Brasil, *mouse*. Mas nos primórdios da informática no Brasil, IE (16/05/1990) apresenta o seguinte título: *Um rato para acelerar o micro*, obviamente, referindo-se ao comando do computador. Já no ano de 1997, IE traz o título de um de seus artigos: *um mouse para clicar e rolar*. No processo de adoção da palavra em Portugal, preferiu-se a palavra *rato* para designar o aparelho, ao passo que, no Brasil, adotou-se o termo *mouse*, conforme A. Houaiss (op.cit.: 1969) para nomear o *dispositivo de entrada dotado de um a três botões, que repousa em uma superfície plana sobre a qual pode ser deslocado, e que, ao ser movimentado, provoca deslocamento análogo de um cursor na tela do computador*.

O termo *plugado*, empregado na IE (26/01/2000) *vivemos plugados 24 horas por dia*, em que o verbo *plugar*, indica o ato de ligar um aparelho elétrico a uma tomada, recebe um significado por aproximação que resulta no termos *plugado* que é conectar-se a um computador ou a uma rede de computadores.

Há ainda, em *Info Exame* o uso dos estrangeirismos, em alguns casos, para manter uma interação com o leitor, a Revista explora o uso lúdico da linguagem. Isso pode ser observado na IE (junho, 2004):

E o Maurício teve de voltar de mouse abanando

Em outros momentos podemos registrar essa idéia de brincar com as palavras:

Hackeio, logo existo

O Windows abre novas janelas (IE 03/04/1991)

Aos programadores, as batatas (IE 1997)

O mouse acha sua casa (IE 12/1997)

Segundo Dominique Maingueneau (2001) o ato de fazer uma alusão a uma expressão, normalmente um provérbio, é uma forma de atrair a atenção do leitor, levando-o a identificar dois enunciados em um só, enfatizando um *ethos lúdico*. Neste sentido, observamos que essa alusão pode se dar de duas formas: por meio da captação e da subversão da expressão. Entendemos que nos exemplos expressos acima não ocorre a subversão da expressão, mas sim, a captação, pois segundo D. Maingueneau, a captação consiste em imitar o provérbio original tomando a mesma direção que ele. Já na subversão, a idéia é parodiar o provérbio desqualificando-o. D. Maingueneau (op.cit: 174) diferencia essas duas estratégias discursivas. De acordo com ele, há subversão nos seguintes itens:

1. Quem espera nunca alcança

2. Devagar é que não se vai longe

A idéia contida nestes exemplos é desqualificar o texto imitado, parodiando-o. E essa não é a intenção, ao que parece, dos exemplos selecionados da *IE*. Para D. Maingueneau a captação se dá quando a idéia é apropriar-se do valor pragmático do texto imitado. Neste caso, o autor nos dá o seguinte exemplo para ilustrar sua definição:

3. Os cães ladram, os Lee Cooper passam.

Assim, acreditamos que nos exemplos da *IE*, existe a intenção de captar o conceito original das expressões para dar um valor lúdico à imitação, garantindo a interação entre o leitor e o texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa Dissertação, temos em mente que buscamos estudar a língua portuguesa em uso no Brasil a partir de um enfoque histórico-linguístico das expressões estrangeiras presentes na seção *Tem Mensagem Pra Você*, da Revista *Info Exame*. Tendo como base teórico-metodológica a Historiografia Lingüística, da forma como ela se encontra configurada por Konrad Koerner, adotamos a língua como produto e processo histórico-cultural.

Percebemos que as línguas passam por mudanças orientadas por duas dimensões: a interna, que corresponde às alterações ocorridas na língua em si; e a dimensão externa caracterizada por influências que a língua recebe a partir de transformações sociais, culturais, políticas e econômicas. Nesta perspectiva, ao tomarmos a língua como produto e processo histórico-cultural, sujeita a influências externas, procuramos estabelecer um entendimento do clima de opinião do período em que o documento, aqui pesquisado, foi escrito, como ponto de partida para observarmos o uso de palavras e expressões estrangeiras, nos textos de informática, como elementos introduzidos na língua portuguesa, por influência do processo de globalização. Assim, constatamos que o uso dessas palavras e expressões desencadeia inovações e adoções lingüísticas na língua portuguesa.

Dessa forma, pudemos perceber que o mundo pós-globalização disseminou o uso de inúmeras palavras sem fronteira, aproximando culturas e sociedades. Ao mapear as mudanças de ordem social, cultural, política e econômica, ocorridos por influência da globalização, constatamos que as transformações no mundo impulsionaram mudanças na língua portuguesa. Nos últimos anos, sob a força da globalização, a língua portuguesa no Brasil tem acolhido, por adoção, inúmeras palavras e expressões estrangeiras, principalmente, após a massificação do uso da informática no Brasil.

A informática, por meio da Internet e de publicações como a *Info Exame*, vem inserindo na língua em uso no Brasil novas palavras e expressões que transcendem os limites do jargão e se constituem como inovações lingüísticas. Dentre essas palavras

examinamos um grupo que, apesar de originárias de uma língua, acabaram por se tornar de uso virtualmente universal. Verificamos, ainda, como determinadas palavras e expressões em língua portuguesa variam semanticamente por influência da globalização e da informática. Por fim, identificamos um processo de coexistência de duas formas lingüísticas, uma em língua portuguesa e outra derivada de empréstimo, ambas indicando o mesmo objeto. Verificamos que em todos esses processos de inovações lingüísticas tivemos como elemento propagador da mudança a globalização.

A língua devido a seu dinamismo tem que se expandir para atender às necessidades interacionais de seus usuários, quanto ao uso das novas tecnologias, aos novos materiais de trabalho, aos novos meios de comunicação. Isso requer a criação de novos itens lexicais, sejam eles originários de outras línguas ou não.

Nesta pesquisa, foi possível constatar que a partir de 1945, houve um enorme aperfeiçoamento da indústria bélica, por meio do desenvolvimento das tecnologias por duas superpotências: os Estados Unidos e a União Soviética. Para o mundo ocidental a força econômica norte-americana expandiu de forma mais eficiente seu aparato tecnológico, consequentemente, desenvolveu-se uma linguagem própria do país dominador, a língua inglesa em tudo o que se relacionasse à tecnologia de ponta. A língua inglesa para o mundo das tecnologias passa a ter um valor universal, dominando o mundo virtual da internet, e todos os outros setores relacionados à informática, o comércio e muitos outros setores da sociedade.

Constatamos, ainda, que a informática deu uma nova dimensão à vida do homem do século XXI. Mas, ao mesmo tempo em que ela aproxima povos e facilita a vida social contemporânea, ela segregá, exclui e aumenta mais o fosso das injustiças sociais. Os novos meios de comunicação diminuíram as distâncias, no entanto, ainda é assustador o número de pessoas que estão à margem desses benefícios tecnológicos. Os recursos e as políticas públicas existentes ainda não são suficientes para promover a inclusão digital. Nem todos os problemas foram solucionados pelos avanços tecnológicos promovidos pela informática.

Podemos perceber, ao analisar a *IE*, que a seção *Tem Mensagem Pra Você*, mantém uma linguagem muito próxima da língua falada, o que, de forma geral, torna o texto mais solto, mais agradável à leitura. Isso gera uma maior interação com o leitor. Parece-nos que a língua nessa seção busca aproximar-se do leitor com a intenção de tornar os textos mais

dinâmicos, semelhantes à conversação. Os textos, da seção *Têm Mensagem Pra Você*, são marcados por gírias e outros coloquialismos que travam uma certa intimidade com o leitor. O lúdico, muitas vezes, aparece como um mecanismo dessa interação o que torna a leitura mais prazerosa.

É possível constatar que o documento analisado aqui assume um caráter histórico-linguístico capaz de revelar aspectos da realidade lingüística brasileira do início do século XXI. Por isso, procuramos compreender os fatos lingüísticos que marcaram esse período da história, por meio do documento, que se caracteriza, na HL, como um registro de uma época e de um espaço. Assim, essa pesquisa ganhou relevância, na medida em que nos permitiu descrever a investigação de fatores histórico-culturais relacionados com as inovações e adoções lingüísticas motivadas pela globalização e pela informática, que promovem a inserção de expressões estrangeiras na língua portuguesa em uso no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Gilberto. (2003). *Caminhos e Descaminhos da Globalização*. São Paulo: COC.
- ALMEIDA, Marly de Souza. (2003). *Metalinguagem e Identidade Lingüística Brasileira na Sátira Poética de Oswald de Andrade*. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ALONSO, Aníbal Martins. (2001). *Estrangeirismos no Brasil*. São Paulo: cia das Letras.
- ALVES. Ieda Maria. (1994) Neologismo: Criação Lexical. 2^a. ed., São Paulo: Ática.
- ALTMAN, Cristina. (1998) A Pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988). São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH/USP.
- ASSIRATI, Elaina T. (1998) Neologismos por empréstimo na informática. ALFA. São Paulo, nº42, p. 54-67 .
- AZEVEDO Fernando. (1963.). *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 4^a ed., Brasília: Universidade de Brasília
- BAGNO, Marcos. (1999) Cartas enviadas ao Deputado Aldo Rabelo. São Paulo: Parábola
- BECK, Ulrich. (1999). *O que é Globalização* São Paulo: Paz e Terra
- BIDERMAN, M. T. C. A. (1981) *Estruturação mental do léxico*. In: *Estudos de Filologia e Lingüística*.EDUSP, 131-145.
- _____. (org). (1984) ALFA: Revista de Lingüística. São Paulo: UNESP, n.28, Suplemento.
- _____. (1989) *Léxico, testemunho de uma cultura*. In: Anais do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Româica. Santiago de Compostela, 4/9/setembro.
- BRETON, Philippe. (1991). *História da Informática*. São Paulo: UNESP.
- BUENO, Silveira. (1999). Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Didática Paulista.
- CALVET, Jean-Louis. La guerres dês langes et lês politiques linguistiques. Paris: Payot, 1.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. (1955). *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

- CARVALHO, Nelly. (1984) *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1989). *Empréstimos Lingüísticos*. São Paulo: Ática.
- CARVALHO, Sandra. (2004). *Revista Info Exame*. São Paulo: Abril
- _____. (2004b). *Dicionário Info: As palavras mais usadas (e abusadas) da computação e da Internet, dissecadas uma a uma*. São Paulo: Abril.
- COSERIU, Eugênio. (1979). *Sincronia, diacronia, história*. Rio de Janeiro: Presença.
- COSTA, Sergio Corrêa da Costa. (2000). *Palavras sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Record.
- COUTINHO, Afrânio. (1997) *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, Vols. 1-6.
- CRISTAL, David (2001). *Lingue and the Internet*. Londres: Cambridge.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. (1997) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, Celso. (1964). *Uma política do idioma*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. (1994). *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- DIAS, Luis Francisco. (1996). *Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro.
- MICHAELIS, Dicionário Eletrônico. (2004).
- DUARTE, Sandra & PROPATO, Valéria. (2000). *Portuguese, please. Revista Istoé*, São Paulo: 56-58, agosto
- ELIAS, Norbert. (1991). *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, v. 1-2.
- FALCON, Francisco. (2002) *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus.
- FARACO, Carlos Alberto. (1991). *Lingüística Histórica*. São Paulo: Ática.
- FARACO, Carlos Alberto. (org.) (2001). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola.
- FERNANDES, Francisco. LUFT, Celso Pedro & GUIMARÃES, F. Marques. (1997). *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo: Globo, 47.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. (1963) *Pequeno dicionário brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- FIORIN, José Luís. (2001) Considerações em torno do Projeto de Lei de defesa, proteção, promoção apresentado à Câmara dos deputados pelo Deputado Aldo Rabelo. 52^a. Reunião Anual de julho de 2000. Boletim da ABRALIN, 25. Fortaleza: UFC/ABRALIN.
- GENNARI, Maria Cristina. (1999). *Minidicionário de Informática*. São Paulo: Saraiva, 2ed.
- GUEDES, Antonio. (1998). *A inclusão digital para a democratização da informática*. Recife: Casa da Medalha.
- GUILBERT, L. (1975) *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.
- GUROVITZ, Hélio. (2002). *Os primórdios da informática*. Folha de S. Paulo 12/mai.
- HOBSBAWN, Eric J. (1995). *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2000). *O novo século* trad. Allan Cameron. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOUAISS, Antonio. (1960). *Sugestões para uma política da língua*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- _____. (2001). *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- _____. (2002). *Dicionário Eletrônico Webster's*. Rio de Janeiro: Record.
- IANNI, Octavio. (1994). *Globalização: Novo Paradigma das Ciências Sociais*. IN: Estudos Avançados numero 21, maio/ ago. Vol. 8 p. 99- 116.
- _____. (1999). *Teorias da Globalização*. 5^a ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KHUN, Thomas S. (2001). *A estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- KOERNER, Konrad. (1978). *Toward a Historiography of Linguistics: Selected essays*. Amsterdam: John Benjamins.
- KOERNER, Konrad. (1989). *Practicing Linguistic Historiography*. Selected essays. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- _____. (1995). *Professing Linguistics Historiography*. Benjamins. Amsterdam.
- _____. (1996). *O Problema da Metalinguagem em Historiografia Lingüística*. In DELTA, V.12, p. 95-124.

- KOERNER, Konrad. (1996b). Questões que persistem em Historiografia Lingüísticas. *Revista da ANPOLL*, número 2, p 45-70.
- LE GOFF, Jacques. (1993). *História e Memória*. Campinas: Unicamp
- LEROY, Maurice. (1976). *As Correntes da Lingüística Moderna*. São Paulo: Cultrix..
- MAIA, R. C. M. (2003). Redes cívicas e internet: do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública. In: PINSKY, J., PINSKY, C.B. (orgs.) *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, p. 46-72.
- MAINGUENEAU, Dominique. (2001). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- MAIOR, A. Souto. (1972) *História Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- MARRAS, Stenio. (2000). *As Influências no Português*. Revista Cult.
- MARTINET, André. (1968). *Elementos de lingüística general*. Madrid: Gredos.
- MIRANDA, Danilo Santos de. (2000) *Torre de Babel*. Revista E, São Paulo: 13-19, julho.
- MOTA, F. R. L., SANTOS, I. (2002). A sociedade da informação. São Paulo: Atual.
- NASCIMENTO, Jarbas Vargas.(2002). *Bases Teórico-metodológicas para a Historiografia Lingüística*. São Paulo: Mimeografado.
- ORTIZ, Renato. (1994). *Mundialização e cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- _____. (1994b). *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 5^a ed., São Paulo: Brasiliense.
- PINTO, Edith Pimentel. (1988). *História da Língua Portuguesa: Século XX*. São Paulo: Ática.
- RAJAGAPOLAN, Kanavilil.(1999). *A língua é uma bandeira política*. Jornal “O Popular”. Goiânia: 29/nov.
- REBELO, Aldo. Projeto de Lei nº. 1676/99. Apresentado ao Congresso Nacional. Brasília.
- RIBEIRO, Darcy. (2000). *O Processo Civilizador*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RIBEIRO, Darcy (2002). *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2^a ed., São Paulo: ciA das Letras.
- RODRIGUES, Claudia Maria Xatara. (1998). *Empréstimos, estrangeirismos e suas medidas*. Alfa, v. 36, p. 99 – 110.
- RONAI, Cora. (2000) *Mãe honesta, filha vadia*. Correio Brasiliense, 18/Abr.
- ROSSI, Clovis. (1997). *Os efeitos da Globalização*. Folha de S. Paulo, 12/dez.

- ROTH, Wolfgang. *O empréstimo como problema da lingüística comparada*. In: ALFA, São Paulo, 1980.
- SANTOS, Boaventura S. (1995). *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. New York: Routledge.
- _____. (2001). *Um discurso sobre as ciências*. 12.ed. Porto: Afrontamento.
- SCHMITZ, John R. *Em defesa da língua portuguesa: defendê-la de quem e de que?* Folha.
- _____. *Língua pasteurizada*. Folha de S. Paulo, 10/01/2000.
- SEVCENKO, Nicolau. et. al. (2001). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: cia das Letras.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. (2000) *A Língua Portuguesa e a unidade do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- SWIGGERS, Pierre. (1983). *La methodologie de l'Historiographie de la Linguistique*. FHL 4: 55 – 79.
- TEYSSIER, Paul. (1984) *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Porto.
- ULLMANN, Stephen. (1987). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VANNUCCHI, Aldo. (1999). *Cultura brasileira: o que é, como se faz*. Sorocaba: Loyola.
- VEIGA NETO, Alípio Ramos. (2003). *Atitudes de Consumidores frente as Novas Tecnologias*. São Paulo: Ática
- VIEIRA, Liszt. (2001). *Cidadania e Globalização*. 5^a ed., Rio de Janeiro: Record.
- VILANOVA, José Brasileiro. (1997) *Aspectos Estilísticos da Língua Portuguesa*. Recife: Casa da Medalha.
- WHITE, Hyden. (2001). *Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura*. Trad. Alípio Correia de França Neto. 2^a. ed., São Paulo: EDUSP